



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO CAMPUS DE UBERABA MESTRADO
PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

DAIANA LOMBARDI DE CUBA

**UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DA
IDENTIFICAÇÃO DE ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ALUNOS DO 7º ANO DE
UMA ESCOLA PÚBLICA DE UBERABA-MG**



PROFLETRAS

**UBERABA – MG
2019**

DAIANA LOMBARDI DE CUBA

**UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DA
IDENTIFICAÇÃO DE ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ALUNOS DO 7º ANO DE
UMA ESCOLA PÚBLICA DE UBERABA-MG**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), UFTM, pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFTM-Uberaba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa

UBERABA–MG.
2019

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

C97p Cuba, Daiana Lombardi de
Uma proposta de ensino de língua portuguesa a partir da identificação de atitudes linguísticas de alunos do 7º ano de uma escola pública de Uberaba-MG / Daiana Lombardi de Cuba. -- 2019.
113 f. : il., fig., graf.

Dissertação (Mestrado em Letras) -- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2019
Orientadora: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Sociolinguística. 3. Linguagem e educação. 4. Ensino fundamental. I. Barbosa, Juliana Bertucci. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 811.134.3(07)

DAIANA LOMBARDI DE CUBA

UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DA IDENTIFICAÇÃO DE ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ALUNOS DO 7º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE UBERABA-MG

Dissertação de Mestrado apresentado ao Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), UFTM. Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFTM-Uberaba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino

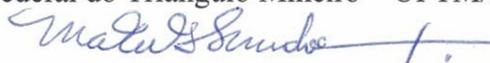
Orientadora: Juliana Bertucci Barbosa

Data de aprovação: 21/02/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:



Presidente e Orientador: Dra. Juliana Bertucci Barbosa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM/Profletras - Uberaba



Membro Titular: Dra. Maria Eunice Barbosa Vidal
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM/Profletras - Uberaba



Membro Titular: Dr. Niguelme Cardoso Arruda
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC – Criciúma

Local: Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Campus de Uberaba Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

AGRADECIMENTOS

Aos meus amados pais, Adair e Eliana, pela minha vida e pelos bons exemplos.

Aos meus avós, Oswaldo e Therezinha, pelo amor dedicado a mim e por me cuidarem com tanto carinho.

À minha orientadora, professora Dra. Juliana Bertucci Barbosa, pela paciência, pelos bons conselhos, pela dedicação e por me acompanhar desde minha iniciação científica.

A todos os meus professores, incansáveis mestres, pelos valiosos ensinamentos.

Aos meus queridos alunos, por participarem da pesquisa e por darem sentido à minha profissão.

RESUMO

Dentre os grandes desafios que estão presentes no ensino de língua portuguesa nas escolas públicas, um dos mais polêmicos é o trabalho com as variações linguísticas. Sabemos que a tradição do estudo prescritivo da gramática normativa nas escolas ainda é muito forte, apesar do documento oficial do governo brasileiro que orienta o ensino de língua portuguesa no Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997, orientar o trabalho escolar com uma perspectiva de língua dinâmica e variável. Pensando nisso, esta pesquisa procurou investigar, por meio de um teste de atitudes linguísticas, como os alunos de duas turmas do 7º Ano de uma escola pública da cidade de Uberaba pensam sobre e como avaliam a língua portuguesa e suas variações. Além disso, fez parte da pesquisa a elaboração e aplicação de um Caderno de Atividades (e um Manual do Professor) para os alunos no qual estão presentes diferentes variedades linguísticas. A pesquisa se ampara na linha teórica da Sociolinguística, mais especificamente, no campo da Sociolinguística Educacional. Portanto, temos como referencial teórico os trabalhos de Labov (1966, 1974), Lambert et.al. (1960), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Scherre (2005), Bagno (2007), Zilles e Faraco (2015). No campo de investigação/análise das atitudes linguísticas também consideraremos o que nos mostram os trabalhos de Barcelos (2006), Santos (1976, 1996), Aguilera (2008), Cyranka (2007), Roncarati (1979,1993), Sella e Busse (2012), Corbari (2013), Barbosa e Cuba (2015), Marine e Barbosa (2016), Botassini (2015). Dentre as contribuições de nossa pesquisa, verificamos que muitos alunos ainda consideram determinadas maneiras de falar “erradas”, “estranhas”; que o preconceito linguístico ainda está presente na escola; que muitos alunos desconheciam, apesar de cursar há sete anos aulas de Língua Portuguesa na escola, o que é variação linguística, seus tipos e por quê ela pode ocorrer; que as aulas de Língua Portuguesa proporcionam poucos momentos de reflexão sobre a língua; que os alunos julgam a condição social de uma pessoa de acordo com sua maneira de falar; que é possível realizar um trabalho sociolinguístico em sala de aula.

Palavras-chave: Sociolinguística; Atitudes linguísticas; Ensino.

ABSTRACT

Among the great challenges that are present in teaching Portuguese language in public schools, working with linguistic variations is the most controversial. We know that the tradition of the prescriptive study of normative grammar in schools is still very strong, despite the official document of the Brazilian government that guides the teaching of Portuguese language in Brazil, the National Curriculum Parameters (NCP) from 1997, guiding schools to work with the perspective of a dynamic and variable language. Thinking about it, this research sought to investigate through a linguistic attitudes test, what the students of two classes of the 7th year of a public school in Uberaba think about and how they evaluate the Portuguese language and its variations. In addition, part of the research was the making and application of an Activity Notebook (and a Teacher's Manual) presenting different linguistic varieties for the students. The research is based on the theoretical line of Sociolinguistics, more specifically, in the field of Educational Sociolinguistics. Therefore, we have as theoretical reference the works by Labov (1966, 1974), Lambert (1960), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Scherre (2005), Bagno (2007), Zilles and Faraco (2015). In the field of investigation/analysis of linguistic attitudes we will also consider the works by Barcelos (2006), Santos (1976, 1996), Aguilera (2008), Cyranka (2007), Roncarati (1979,1993), Sella and Busse (2012), Corbari (2013), Barbosa and Cuba (2015), Marine and Barbosa (2016), Botassini (2015). Among the contributions of our research, we confirmed that many students still consider that certain ways of speaking are "wrong" or "weird"; linguistic prejudice is still present in schools; despite studying the subject Portuguese Language at school for seven years, many students were unaware of what linguistic variation is, its types and why it might occur; Portuguese Language classes provide few moments of reflection on the language; the students judge a person social condition according to their way of speaking; it is possible to perform a sociolinguistic work in the classroom.

Keywords: Sociolinguistics; Linguistic attitudes; Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Distância entre a escola e o centro da cidade -	33
Figura 2: Imagem da última questão da segunda parte do teste de atitudes -.....	42
Gráfico 1: Média das notas do Falante 1 -	46
Gráfico 2: Média das notas do Falante 2 -	47
Gráfico 3: Média das notas do Falante 3 -	48
Gráfico 4: Média das notas do Falante 4 -	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E ATITUDES LINGUÍSTICAS	12
1.1. A Pedagogia da Variação linguística	12
1.2. Variação linguística, documentos oficiais e livro didático	17
1.3. Atitudes linguísticas e ensino de língua	20
1.3.1. Pesquisas já realizadas sobre atitudes linguísticas	24
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
2.1. Local e informantes da pesquisa	32
2.2. O teste de atitude e aplicação	34
2.3. Elaboração e aplicação das atividades	35
3. ANÁLISE DO TESTE	37
3.1. Análise da primeira parte do teste: perfil social dos alunos	37
3.2. Segunda parte do teste (teste escrito): atitudes em relação a tipos de variação	38
3.3. Terceira parte do teste: avaliação das gravações	44
4. A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	50
4.1. A estrutura do Caderno de Atividades	51
4.2. A aplicação do Caderno de Atividades	52
4.3. O Manual do Professor	53
5. RELATO DA APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	54
5.1. Relato da aplicação das atividades por "questão": 1 a 12	55
5.2. Considerações finais sobre a aplicação do Caderno de Atividades	64
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE A	72
APÊNDICE B	74
APÊNDICE C	76
APÊNDICE D	77
APÊNDICE E	79
APÊNDICE F	95
ANEXO A	106
ANEXO B	107

INTRODUÇÃO

São muitos os desafios que estão presentes no ensino de Língua Portuguesa nas escolas brasileiras. Um deles, e talvez o mais polêmico, seja o trabalho com a variação linguística em sala de aula. Sabemos que a tradição do estudo prescritivo da gramática normativa nas escolas ainda é muito forte e que muitos professores ainda passam para os alunos a impressão de que a língua portuguesa é homogênea e que existe apenas uma única forma correta de falar e escrever. Sabemos também que o trabalho com as variações linguísticas na escola ainda é muito tímido e muitas vezes, deixa de proporcionar aos alunos reflexões sobre o funcionamento da(s) língua(s) e de como o aspecto social interfere sobre este funcionamento.

Mesmo tendo consciência dessa tradição gramatical, o trabalho com as variações linguísticas em sala de aula não é uma novidade. O documento oficial do governo brasileiro que orienta o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), desde 1997 trabalha com uma perspectiva de língua dinâmica, variável e orienta que o estudo e conhecimento das variações linguísticas devem estar presentes na escola. As questões, portanto, que motivaram a realização desta pesquisa foram: os alunos têm conhecimento da existência das diferentes variedades da língua portuguesa? Como eles avaliam essas variedades?

Sendo assim, esta pesquisa procura investigar o que os alunos do 7º Ano de uma escola pública da cidade de Uberaba pensam sobre e como avaliam a língua portuguesa e suas variações. A partir dessa investigação, feita por meio de testes de atitudes linguísticas, a pesquisa também intenta colaborar com reflexões sobre essas avaliações (atitudes) e, conseqüentemente, sobre o ensino de língua portuguesa nas escolas levando em conta o tratamento dado às diferentes variações linguísticas em sala de aula. Além disso, a partir dos resultados do teste de atitude, elaboramos e aplicamos em sala de aula um Caderno de Atividades para os alunos do 7º Ano e um Manual do Professor (com orientações para o professor) em que estejam presentes diferentes variedades linguísticas para serem trabalhadas em sala de aula.

Assim, nossos dois objetivos principais foram:

- Identificar e analisar as atitudes (avaliações) linguísticas que os alunos do 7º Ano de uma escola pública de Uberaba apresentam em relação às variações linguísticas;

- Elaborar, a partir da identificação das atitudes, um Caderno de Atividades para os alunos (e Manual do Professor) que abordem diferentes variações linguísticas.

Como objetivos específicos, ainda temos:

- Refletir sobre o que precisa ser (re)pensado e/ou modificado nas aulas de língua portuguesa e, conseqüentemente, nas atitudes dos professores e dos alunos em relação à língua e suas relações com a sociedade;

- Propor/incentivar uma pedagogia mais sensível às variações da língua – Pedagogia da Variação (FARACO, 2007, 2011) - tendo como base as pesquisas realizadas na área da Sociolinguística Educacional.

A escola, por ser uma grande instituição de poder social, sistematizadora de conhecimentos e de propagação de saberes e crenças, foi o *locus* escolhido para a pesquisa. Para analisarmos as atitudes linguísticas de alunos perante as variações linguísticas, escolhemos duas turmas do 7º Ano de uma escola pública da cidade de Uberaba, por se tratar de uma série intermediária da Educação Básica, na qual os alunos já apresentam uma maior consciência linguística e, ainda (esperamos), terão tempo de aprimorar sua competência linguística ao longo do percurso escolar até o fim do Ensino Médio.

Saber o que os alunos pensam e como avaliam a língua portuguesa e suas variedades é de grande importância, afinal isso reflete diretamente em seu aprendizado e desempenho linguístico. Além disso, levar em conta as avaliações dos alunos sobre a língua é importante para nortear o trabalho do professor, para que este saiba onde e como atuar para ajudar seus alunos em suas práticas comunicativas tanto orais, quanto escritas, haja vista que a forma como pensamos e como avaliamos o uso que fazemos da língua interfere diretamente em nosso desempenho linguístico nas mais diversas situações comunicativas.

Assim, ao levar em conta o trabalho com as variações linguísticas em sala de aula, a pesquisa se ampara na linha teórica da Sociolinguística, mais especificamente, no campo da Sociolinguística Educacional. Portanto, temos como referencial teórico os estudos e pesquisas desde Labov (1966, 1974) e Lambert (1960) até os trabalhos de sociolinguistas (educacionais) brasileiros como Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Scherre (2005), Bagno (2007), Zilles e Faraco (2015). Ao nos propormos investigar/analisar as atitudes linguísticas de estudantes do 7º Ano de uma escola pública, também consideraremos o que nos dizem os trabalhos de pesquisadores que se dedicaram ao estudo e análise de crenças e atitudes linguísticas:

Barcelos (2006), Santos (1976, 1996), Aguilera (2008), Cyranka (2007), Sella e Busse (2012), Corbari (2013), Barbosa e Cuba (2015), Marine e Barbosa (2016), Botassini (2015).

Nosso trabalho trata de uma pesquisa-ação, pois é um tipo de estudo participante, que procura unir a teoria e a pesquisa à prática (docente). Sendo assim, para analisar as atitudes linguísticas dos alunos do 7º Ano de uma escola pública de Uberaba-MG, elaboramos um teste de atitude dividido em três partes (descrito na seção 2): questionário socioeconômico; questões discursivas em que estão presentes diferentes variedades linguísticas; e quatro gravações, de falantes diferentes, para serem avaliadas pelos alunos. A partir da análise dos resultados encontrados no teste, elaboramos um Caderno de Atividades Sociolinguísticas (e um Manual do Professor) para ser trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II.

Para melhor organizarmos nosso trabalho, a dissertação foi dividida em seis seções: **1. Variação linguística, ensino de língua portuguesa e atitudes linguísticas**, na qual discutimos a respeito da Pedagogia da Variação Linguística, sobre como a variação linguística é tratada nos documentos oficiais e nos livros didáticos, sobre o conceito de atitude linguística e qual sua importância no ensino de Língua Portuguesa, além de apresentarmos algumas pesquisas feitas nessa área; **2. Procedimentos metodológicos**, em que explicamos sobre os informantes da pesquisa e sobre a elaboração e aplicação do teste de atitudes e das atividades sociolinguísticas; **3. Análise do teste de atitudes**, em que analisamos e detalhamos os resultados encontrados em cada uma das três partes do teste; **4. A proposta de intervenção**, a qual trata da estrutura do Caderno de Atividades e do Manual do Professor, bem como da aplicação desse material; **5. Relatório da aplicação da proposta de intervenção**, em que detalhamos como foi a aplicação de cada questão do Caderno de Atividades trabalhada em sala de aula; **6. Considerações finais**, em que apresentamos as contribuições de nossa pesquisa para a área da Sociolinguística Educacional. Além disso, no apêndice deste trabalho encontram-se o **Caderno de Atividades** e o **Manual do Professor**.

Procuramos, por meio desta pesquisa, contribuir com estudos desenvolvidos na área da Sociolinguística Educacional, haja vista que poucos são os trabalhos e pesquisas que envolvem a sociolinguística e o trabalho com as variações dentro da sala de aula, bem como aqueles que levam em conta as atitudes linguísticas dos alunos. Esperamos também que possamos colaborar com e incentivar uma pedagogia mais sensível às variações linguísticas e um ensino de língua portuguesa mais reflexivo e ativo perante as mudanças e dinâmicas da língua.

1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Nesta seção, apresentamos o referencial teórico da nossa pesquisa. Serão apresentados e discutidos alguns conceitos sobre variação e atitude linguística, bem como tecidas algumas considerações a respeito do ensino de língua portuguesa e sobre os documentos oficiais que regem esse ensino.

1.1. A Pedagogia da Variação linguística

A Pedagogia da Variação linguística é uma proposta relativamente nova, surgida dentro da recente área da Sociolinguística Educacional e é defendida por autores como Zilles e Faraco (2015), Bagno (2007), Faraco (2008, 2011), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Cyranka (2015), Barbosa e Marine (2016).

No recente livro “Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino”, publicado em 2015, organizado pelos autores Zilles e Faraco, temos vários capítulos que apresentam pesquisas e estudos a respeito de variação linguística e ensino, divididos em: “Variação e práticas escolares”, “Variação em foco e suas implicações pedagógicas”, “Variação linguística no domínio público” e “Olhares acadêmicos sobre a variação linguística e preconceito”. O livro mostra o quanto o campo de estudos e de pesquisas a respeito da variação linguística no ensino é fértil e o quanto há que ser feito/pesquisado nessa área.

Nas palavras dos organizadores:

A língua continua sendo forte elemento de discriminação social, seja no próprio contexto escolar, seja em outros contextos sociais, como no acesso ao emprego e aos serviços públicos em geral (serviços de saúde, por exemplo). Por isso parece ser um grande equívoco a afirmação de que a variação linguística não deve ser matéria de ensino na escola básica. Assim, a questão crucial para nós é saber como tratá-la pedagogicamente, ou seja, como desenvolver uma pedagogia da variação linguística no sistema escolar de uma sociedade que não reconheceu sua complexa cara linguística e, como resultado da profunda divisão socioeconômica que caracterizou historicamente sua formação (...), ainda discrimina fortemente pela língua os grupos socioeconômicos que recebem as menores parcelas da renda nacional. (FARACO; ZILLES, 2015, p. 8)

Tudo isso evidencia o quanto se faz necessário um trabalho efetivo e reflexivo com as variações linguísticas em sala de aula, com os valores sociais da linguagem, extinguindo o preconceito linguístico tão arraigado em nossa sociedade, como enfatizam Zilles e Faraco (2015). Nesse sentido, a presente pesquisa também almeja contribuir com possibilidades de como trabalhar pedagogicamente a variação linguística (dificuldade encontrada pelos organizadores), através do Caderno de Atividades para os alunos, que será descrito na seção 4 da dissertação.

Cyranka (2015, 2016), expõe o complexo contexto escolar em que vivemos, dizendo-nos que:

Precisamos investir no grande desafio posto no contexto escolar brasileiro, principalmente nas últimas décadas do século XX e que vem se agravando neste começo do século XXI. O fracasso escolar se agiganta entre nós. Misturam-se propostas teóricas avançadas, investimentos dos governos federal, estadual e municipal na construção de um discurso de combate ao analfabetismo funcional; sempre novos projetos, novas propostas. Continuamos, no entanto, preocupados com a defasagem entre o que é necessário saber na sociedade contemporânea, dominada pela escrita, e o que nossas crianças e nossos jovens têm demonstrado alcançar em competência de leitura e de escrita. Sem dúvida, a sociolinguística educacional, a pedagogia da variação linguística têm um importante papel a desempenhar nessa área do ensino. (CYRANKA, 2015, p. 33)

A Sociolinguística Educacional propõe que se leve para as salas de aula a discussão sobre variação linguística, orientando os alunos a reconhecerem as diferenças dialetais e, mais importante, a compreenderem que essas diferenças são normais, legítimas e que devem ser consideradas na seleção das estruturas a serem utilizadas, a depender das condições de produção, isto é, das necessidades do leitor/escritor, falante/interlocutor, a partir do contexto em que se encontra. Desse modo, o conceito de “certo/errado” em linguagem é substituído pelo de “adequado/inadequado”, o que predispõe os alunos ao desejo de ampliarem a competência comunicativa que já possuem, construindo crenças positivas sobre o conhecimento que têm de sua língua, no caso, a língua portuguesa. Crenças positivas levam a atitudes linguísticas positivas, o que garante boa autoestima e entusiasmo do aluno. (CYRANKA, 2016, p. 169-170)

Por meio dessas palavras de Cyranka (2015, 2016), percebemos o quanto é importante discutir em sala de aula a respeito das variações linguísticas para construir crenças e atitudes linguísticas positivas, elevando, assim, a autoestima, o entusiasmo e, conseqüentemente, o desempenho linguístico dos alunos. A autora ainda nos diz que é preciso levar para as salas de aula, sem medo, a reflexão sociolinguística para que os alunos reconheçam a legitimidade de todas as variantes utilizadas entre os falantes juntamente com a necessidade de se adequá-

las às condições de produção. Cyranka (2016) ainda deixa claro que é papel da escola também implementar práticas de leitura e de escrita que favoreçam o contato dos alunos com diferentes gêneros e com as variedades cultas da língua portuguesa, para, dessa forma, levar os alunos a se tornarem competentes também nos usos dessas variedades.

É importante dizermos que, muitas vezes, o professor de língua portuguesa sente-se despreparado para o trabalho com as variações linguísticas em sala de aula, seja por lacunas em sua formação acadêmico-profissional, seja por insegurança em trabalhar com esse tema, preferindo trabalhar com atividades de leitura e escrita (que também são importantes) mais “tradicionais” que não levam os alunos a pensarem/refletirem/pesquisarem sobre a língua portuguesa. Pensando nisso, é que a pesquisa também produziu um caderno com atividades para os alunos com orientações para os professores sentirem-se seguros ao trabalhar com as variações linguísticas em sala de aula e perceberem que é possível levar as variações linguísticas para a sala de aula, sem, contudo, prejudicar a competência comunicativa dos alunos. Sobre isso, Cyranka (2016), em um dos capítulos do livro “Ensino de Português e Sociolinguística” defende que:

(...) os professores precisam estar sustentados por uma reflexão teórica suficiente. Precisam se tornar também pesquisadores e aprender a encontrar soluções novas a partir do que propõem as teorias linguísticas. Devem ser sensíveis à questão do perigoso distanciamento entre o padrão escolar e a realidade sociocultural de seus alunos, estando aí incluídos seu dialeto e o de sua comunidade linguística. Em vez de investir na valorização pura da norma-padrão, reconhecer nela a ideologia pela qual, certamente, estarão também afetados. Devem ser capazes de responder à tradição e trilhar pelos caminhos novos que lhes são oferecidos pelas perspectivas abertas pela Sociolinguística Educacional. Precisam reconhecer que seus alunos são usuários competentes de um sistema complexo que eles próprios adquiriram naturalmente e com o qual são capazes de atuar em seu meio social. À escola cabe levá-los a ampliar esses recursos. (CYRANKA, 2016, p.154)

A pesquisadora deixa claro também, que o fato de a escola reconhecer a legitimidade do vernáculo utilizado por quem quer que seja, não a deve impedir de permitir ao aluno o acesso ao domínio das variedades linguísticas que ele desconhece, como, por exemplo, as variedades cultas da língua.

Outra grande sociolinguista, que propôs a denominação do termo Sociolinguística Educacional, é Bortoni-Ricardo (2004, 2005) que, em suas obras, vem destacando a importância da escola como “uma das principais instituições que influenciam o curso das línguas na sociedade” (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 153). Para a autora, a escola é a principal

instituição de perpetuação do poder, por isso, urge que utilizemos esse poder para romper com o preconceito linguístico e promover uma pedagogia da variação linguística na qual nossos alunos (e professores) se conscientizem de que:

(...) todas as variedades que compõem a ecologia linguística de uma comunidade, sejam elas línguas distintas ou dialetos de uma ou de mais de uma língua, são funcionalmente comparáveis e essencialmente equivalentes. Nenhum deles é inerentemente inferior, e, portanto, seus falantes não podem ser considerados linguística ou culturalmente deficientes. (BORTONIRICARDO, 2005, p. 151)

Faraco (2007, 2011), grande defensor da pedagogia da variação linguística e o responsável pelo surgimento desse termo, propõe que os professores expliquem aos alunos que não existe erro nos usos que os falantes fazem de sua língua e que não consideremos como “erro” as variedades linguísticas que os alunos trazem para a sala de aula, cabendo ao professor lhes ensinar as variedades cultas para que os alunos possam ampliar seu repertório linguístico.

Nessa mesma perspectiva, Bagno (2007, p.82) também propõe que haja uma reeducação sociolinguística, na qual o professor use o espaço e o tempo escolares para formar cidadãos conscientes da complexidade da dinâmica social e das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com os outros por meio da linguagem. O autor também propõe, que:

(...) ao lado do desenvolvimento da leitura e da escrita - prioritário -, também é importante levar o aluno a refletir sobre a língua, a se deter no exame das regras que fazem a língua funcionar como funciona (...). Afinal, saber coisas sobre a língua faz parte da nossa tradição cultural. Muito do que aprendemos na escola não tem uma utilidade prática na vida diária, mas contribui para a nossa formação intelectual, para nossa inserção na cultura mais ampla da qual fazemos parte. (BAGNO, 2007, p. 194-195)

Sendo assim, pensamos que o trabalho com a língua em sala de aula deve estimular os alunos a pensarem sobre funcionamento das línguas, sobre o porquê das variações, como essas mudanças ocorrem, quais fatores interferem nessas mudanças e ainda quais as consequências dessas mudanças na sociedade, realizando um trabalho não apenas receptivo de normas e regras, mas, como propõe Bagno (2007), que seja feito um ensino reflexivo-crítico-investigativo em sala de aula.

As autoras Marine e Barbosa (2016) também defendem, em seu artigo “Em busca de um Ensino Sociolinguístico de Língua Portuguesa no Brasil”, uma pedagogia mais sensível às variações linguísticas e destacam as contribuições da Sociolinguística ao ensino de língua portuguesa citadas a seguir:

- Respaldo teórico-metodológico para compreender a variação linguística como um fato da língua e não como um problema, uma deteriorização ou “perigo”;
- Definição de conceitos básicos para o tratamento adequado dos fenômenos variáveis, pondo um ponto final à nociva e equivocada “doutrina do erro”;
- Reconhecimento da pluralidade linguística brasileira formada por diferentes línguas (autóctones, alóctones, LIBRAS) e variedades de língua em convivência no seio social;
- Identificação de crenças e atitudes linguísticas diretamente ligadas ao ensino-aprendizado da língua portuguesa;
- Entendimento do “prestígio encoberto” (LABOV, 1972) e suas implicações ao ensino da norma culta;
- Compreensão dos conceitos de norma, norma culta (concreta e plural), norma padrão (idealizada e singular);
- Compreensão dos conceitos de variedades cultas e variedades populares;
- Conceituação de registro e modalidade (instâncias distintas);
- Reconhecimento de que a fala e a escrita apresentam normas diferentes e se realizam num *continuum* de formalidade (MARCUSCHI, 2007) ou dialetal (BORTONI-RICARDO, 2005);
- Reconhecimento das semelhanças entre as variedades cultas e populares;
- Pesquisas sociolinguísticas de caráter descritivo que nos possibilitam (re)conhecer a língua em uso, apontando para uma configuração – considerando-se diferentes fenômenos em diversos níveis linguísticos – bastante distinta daquela prescrita pelas gramáticas normativas escolares e pelos livros didáticos. (MARINE; BARBOSA, 2016, p. 25)

Como vimos, por meio dos autores citados neste tópico, são muitas e grandes as contribuições da Sociolinguística para o ensino de língua portuguesa nas escolas. A grande questão é como e quando essas contribuições chegarão a nossas escolas e serão utilizadas efetivamente em nossas salas de aula através de atividades que proporcionem uma maior reflexão da língua e de seus usos nas mais variadas situações comunicativas (orais e escritas). Faz-se necessário, então, levar aos nossos alunos uma questão fundamental, pregada pela pedagogia da variação linguística, de que não há variedades linguísticas inferiores a outras e que não existe maneira “certa” ou “ errada” de falar, mas sim, situações de maior ou menor grau de monitoramento estilístico em que se torna adequado ou não o uso de determinadas variedades em detrimento de outras.

Nesse sentido, por tratar de uma área com pesquisas ainda recentes, há muito o que ser feito para que possamos ter nas salas de aula uma pedagogia da variação linguística. Sobre isso, retomando o que nos diz Faraco (2011, p. 8), “Se, como resultado da intervenção dos linguistas, o tema da variação acabou incorporado pelo discurso pedagógico, podemos dizer que não conseguimos ainda construir uma pedagogia adequada a essa área”. Sendo assim, este trabalho procura dar uma pequena parcela de contribuição para que as variações linguísticas possam ser tema de estudo/reflexão em sala de aula.

1.2. Variação linguística, documentos oficiais e livro didático

Sabemos que o trabalho com a variação linguística nas escolas ainda é pouco presente. Muitos professores sentem-se inseguros e despreparados para abordar esse tema nas aulas de Língua Portuguesa e, ainda, os próprios livros didáticos, material de uso de professores e alunos, abordam (quando abordam) muito pouco (e às vezes equivocadamente) sobre as variações linguísticas do português. As provas elaboradas pelo governo também apresentam dificuldades terminológicas ao tratar do tema. Pesquisas como as empreendidas por Bagno (2007, 2015), Bortoni-Ricardo (2005), Bortoni-Ricardo e Rocha (2016), Lima (2016) e González (2015) exemplificam isso.

Apesar de a variação linguística ser pouco trabalhada na escola, os Parâmetros Curriculares (PCN) de Língua Portuguesa, documento oficial que norteia o ensino de Língua Portuguesa no país, ainda no ano de 1997 (há mais de 20 anos), evidenciam que:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do **valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar**: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. **O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença.** Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. **A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de**

comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. **A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido.** (BRASIL, 1997, p. 21, grifo nosso)

Por meio desse trecho dos PCN de Língua Portuguesa, podemos perceber que o documento do governo adota uma noção de língua variável, reconhece as variedades da língua portuguesa e, ainda, diz ser papel da escola enfrentar o preconceito linguístico, considerando que não existe maneira certa ou errada de falar, mas sim maneiras adequadas de falar ou não, dependendo da situação comunicativa em que o falante se encontra. Sendo assim, não faz sentido que a escola, que as aulas de língua portuguesa, continuem trabalhando com uma noção de língua homogênea, em que há apenas uma única maneira “correta” de falar.

Também faz parte dos PCN a orientação de que o ensino de língua portuguesa deve tornar os alunos capazes de “conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado” e “conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia.” (BRASIL, 1997, p. 33). Nesse sentido, nos perguntamos: o ensino de Língua Portuguesa nas escolas segue essa orientação? É trabalhado na escola o respeito às diferentes variedades da língua? Os alunos (re)conhecem e respeitam as diferentes variedades da língua portuguesa? Para responder tais perguntas é que esta pesquisa procura identificar, por meio das atitudes linguísticas de alunos de uma escola pública, se as aulas de língua portuguesa colaboram para um ensino de língua mais crítico-reflexivo sobre as variações linguísticas ou se ainda temos que enfrentar e acabar com as falsas crenças disseminadas, como a “de que existe uma única forma “certa” de falar”, como mostra o trecho acima retirado dos PCN.

Outro programa do governo que merece atenção neste tópico é o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que apresenta parâmetros a serem seguidos na escolha do livro didático, para que este possa ser usado nas escolas públicas do país. Sobre os livros escolhidos ou não por esse programa, Lima (2016) faz uma interessante pesquisa ao analisar o tema da variação linguística nos livros didáticos (do Ensino Fundamental e Médio) recomendados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) por meio do PNLD.

Em seu estudo, Lima (2016) considera que

Trazer à tona, em pleno século XXI, o tema da variação linguística para explicá-lo e justificá-lo deveria causar profundas lamentações em todos os que estudam a Sociolinguística e conhecem sua história. Afinal de contas, já são mais de 50 anos de história desse tema e reconhecer que ele é desconhecido de alunos, talvez por negligência de alguns professores de português, nos faz admitir que de algum modo fracassamos em comunicá-lo à comunidade escolar. Nos livros/materiais/manuais didáticos, não há necessidade de se justificar temas como sintaxe, texto, leitura etc., no entanto, parece que precisamos fazê-lo quanto a variação linguística. E isso faz com que esse tema seja visto como mais um conteúdo que deva ter seu próprio capítulo, quando já sabemos que a variação linguística deve estar inserida no ensino dos temas referidos anteriormente. (LIMA, 2016, p. 117)

Em sua pesquisa, Lima (2016) analisa 24 coleções do “Guia de livros didáticos” (Brasil, 2009), considerando como são abordados os temas da variação e do preconceito linguísticos. O autor considera um avanço que os temas da Sociolinguística estejam incorporados aos livros didáticos, mas critica o fato de ser uma incorporação muito superficial, com a finalidade de apenas atender a exigências dos documentos oficiais. O autor mostra ainda que, em relação ao preconceito linguístico, das 24 coleções analisadas, apenas quatro abordam o tema. E dessas quatro, apenas duas são analisadas de forma favorável e as outras duas apontam que o trabalho com o tema deve ser feito pelo professor.

Outro estudo que merece nossa consideração é o empreendido por González (2015), que se propôs a analisar a variação linguística em livros de português para o ensino médio. O pesquisador concluiu que,

(...) ao contrário do que se viu com relação aos livros didáticos mais adotados, os menos adotados fazem referência à variação linguística em todos os níveis linguísticos: lexical, morfossintático e fonético-fonológico, com variados exemplos. Essa é uma questão muito significativa. A escolha dos livros mais adotados por não apontar a variação em todos os níveis linguísticos pode refletir o entendimento de que o alcance da variação linguística é limitado, acontecendo apenas no nível lexical e, preferencialmente, nas dimensões diatópica e diacrônica. Dessa maneira, se interpretariam os fenômenos variáveis do nível morfossintático como erros e os do nível fonético-fonológico como “sotaque”. No mesmo sentido, ao fazerem a opção por não dar relevo à variação linguística na dimensão diastrática, os livros didáticos mais adotados acabam por não colocar em questão o preconceito linguístico e a violência simbólica que se produz por meio da língua. (GONZÁLEZ, 2015, p. 240)

González (2015) também mostra, em suas considerações finais, que os livros didáticos mais adotados ignoram a contribuição da variação linguística para a construção de sentidos e expressão de valores sociais, desconsideram o conceito de adequação e, quando consideram, é apenas a respeito da “situação de enunciação”, acreditando que a norma culta equivale às prescrições tradicionais, justificando, assim, o uso das regras da gramática normativa como objeto de ensino. O autor evidencia, por meio de seu estudo, que os livros didáticos mais adotados são os mais conservadores e apenas incorporaram (superficialmente) um novo conteúdo: a variação linguística. Tal constatação nos mostra o quanto a força/pressão social em cobrar o estudo prescritivo da gramática normativa nas escolas ainda é forte e o quanto isso pode menosprezar aspectos interessantes de reflexão sobre a variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa.

O pesquisador chega ao final de sua pesquisa com uma consideração muito válida para a nossa, no sentido de mostrar a importância das variações linguísticas e contribuições que o estudo delas na escola pode oferecer. Nas palavras do autor,

Livros didáticos que se quiserem informativos e produtivos não devem deixar de pensar a variação linguística positivamente. É necessário refletir sistematicamente sobre a variação, discutir suas contribuições para a construção de sentidos, percebê-la atuando em todos os níveis linguísticos e em todas as interações, entendê-la como sinal de riqueza da língua. Muito disso ainda está por fazer e, certamente, não há caminhos dados a percorrer. Os caminhos ainda estão por se construir, e o livro didático pode ajudar nisso. (GONZÁLEZ, 2015, p. 245)

Como podemos ver a partir da pesquisa empreendida por Lima (2016) e González (2015), há ainda muito o que fazer para que a variação linguística e tudo que por ela é englobado (tipos de variedades, preconceito linguístico, por exemplo) estejam de fato presentes nas aulas de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, no material didático dos alunos. Ficamos com a conclusão feita por Lima (2016, p. 130) de que a variação linguística “trata-se de um tema que tem seu lugar na formação cultural e social do indivíduo e, portanto, merece ser abordado com profundidade”.

1.3. Atitudes linguísticas e ensino de língua

Antes de falarmos a respeito das atitudes linguísticas e a importância de levá-las em consideração no ensino de Língua Portuguesa, cabe mencionar os novos caminhos que anda

trilhando a Sociolinguística, para justificarmos, de certa forma, o interesse pelo trabalho nessa área. As pesquisas sociolinguísticas, nas últimas décadas, têm considerado, cada vez mais, o significado social da variação. Trabalhos da área a respeito de identidades, crenças e atitudes linguísticas dos falantes estão muito frequentes.

Mendes (2017) apresenta várias pesquisas que justificam esse novo caminho que a Sociolinguística vem tomando. O autor explica que

A terceira onda da Sociolinguística (...) representa isto: uma volta ao significado social da variação. Uma volta, pois, embora os interesses por fatos dessa natureza não seja algo novo (...), pode-se dizer que, rapidamente, na história da disciplina, o significado social da variação cedeu centralidade para o interesse pela mudança linguística. (MENDES, 2017, p.103)

O autor, em seu texto, mostra a origem do termo “terceira onda” - Eckert (2012) - e também explica que um dos conceitos fundamentais da terceira onda é o da indicialidade dos elementos linguísticos para apontar algum significado social em uma determinada interação entre falantes. Mostra, ainda, que os estudos dessa onda têm caminhado para experimentos que estimulam reações inconscientes de ouvintes perante diferentes variantes linguísticas. Mendes (2017) também apresenta diferentes trabalhos de pesquisadores brasileiros que fazem parte dessa terceira onda da Sociolinguística por considerarem as atitudes linguísticas de falantes a respeito de determinadas variações linguísticas. O autor conclui dizendo que os avanços nos estudos da terceira onda podem auxiliar no entendimento de processos de mudança linguística.

Esta pesquisa, por escolher trabalhar com atitudes/avaliações linguísticas de alunos de uma escola pública da cidade de Uberaba, insere-se nesse contexto atual de estudos/pesquisas da terceira onda da Sociolinguística. Portanto, faz-se necessário entendermos do que se trata o termo “atitudes linguísticas”. Consideraremos, neste trabalho, atitude linguística como uma avaliação (negativa/positiva) do falante em relação a algum dado linguístico, no caso da pesquisa, em relação a diferentes variedades linguísticas, incluindo a de falantes da região (Uberaba-MG).

A respeito disso, Cyranka (2016, p. 143), importante pesquisadora da área de crenças e atitudes linguísticas, esclarece que “o estudo da avaliação implica o das atitudes, isto é, os julgamentos subjetivos dos falantes sobre o uso que eles próprios e seus interlocutores fazem de sua língua, ou mais especificamente, da variedade linguística que utilizam.”. A autora também indica uma grave carência da escola em possibilitar que os alunos adquiram atitudes

positivas em relação a sua própria competência de aprender variedades prestigiadas. Cyranka nos mostra que

Falta, na escola, uma pedagogia adequada ao desenvolvimento de práticas de letramento que, realmente, possibilitem aos alunos desenvolverem competência de leitura e escrita nas variedades cultas da língua. Essa carência resulta nas atitudes negativas em relação a sua própria competência de aprender essas variedades prestigiadas, problema ligado a avaliação, uma das tarefas que a Sociolinguística se propõe (...). (CYRANKA, 2016, p. 143)

A autora ressalta que o trabalho com as atitudes linguísticas relacionado ao ensino é um assunto atual e pertinente. Sobre isso, a autora afirma que

A avaliação linguística é um dos itens que precisa passar a ter destaque nas discussões contemporâneas sobre o trabalho escolar com a língua materna, já que ela desencadeia o processo de construção de julgamentos subjetivos do falante em relação a sua língua, a seu dialeto e ao de seu interlocutor na construção das chamadas atitudes linguísticas. (CYRANKA, 2016, p. 133)

Nessa mesma linha de pensamento, Botassini (2015) não só enfatiza o quanto pesquisas envolvendo crenças e atitudes linguísticas são importantes, como também apresenta várias contribuições que esses estudos podem proporcionar. A autora nos diz que

Realizar estudos que incluem reflexões concomitantes da Sociolinguística e de Crenças e Atitudes Linguísticas pode propiciar a compreensão mais adequada das ações que guiam o comportamento dos indivíduos em relação à sua fala e à fala do(s) outro(s), bem como os motivos, internos ou externos à língua, que condicionam tais ações. Pode, também, contribuir para ampliar a discussão sobre os desdobramentos desses estudos, tais como: os fatores de mudanças e de manutenção linguísticas de dialetos, a influência sobre o aprendizado de segundas línguas, as questões de prestígio e desprestígio (que levam ao preconceito não só em relação à língua que o outro fala, mas também em relação à comunidade desses falantes, o que pode contribuir para a desvalorização de variedades dialetais e, por extensão, de marcas identitárias) e a manutenção do discurso monolíngue em nosso país. (BOTASSINI, 2015, p. 128)

Como vimos, o trabalho com atitudes linguísticas pode ser muito útil no entendimento de como os falantes consideram/avaliam sua variedade linguística e a dos outros. Corbari (2013) em sua tese de doutorado, mostra que o conceito de atitude linguística pode englobar diversas dimensões “desde as atitudes com relação a variedades linguísticas/dialetais e estilos

de fala, passando pelas atitudes com relação ao aprendizado de uma língua, até as atitudes com relação a grupos, comunidades, minorias”.

Sendo assim, ao levar pesquisas a respeito das atitudes linguísticas para a escola, para relacionarmos as contribuições dessas pesquisas ao ensino, poderemos contribuir com reflexões acerca de como os alunos lidam com (e se reconhecem) as variações/variedades linguísticas. Como já dissemos na seção “Pedagogia da Variação linguística”, considerar/conhecer o que os alunos pensam sobre a língua que aprendem, sobre a língua que falam é muito importante, haja vista que suas avaliações sobre a língua portuguesa e suas variedades influenciam fortemente (acreditamos) no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, conhecer suas atitudes nos possibilita compreender o porquê da dificuldade deles em usarem a própria língua para se expressarem bem (com clareza, objetividade e segurança), tanto na oralidade quanto na escrita, e também para nortear o trabalho do professor no sentido de incentivar um ensino de língua portuguesa mais reflexivo-crítico e de erradicar o preconceito linguístico tão presente na escola e fora dela.

Marques e Baronas (2015) apresentam uma pesquisa semelhante à nossa, ao considerarem crenças e atitudes linguísticas de alunos do ensino fundamental de duas escolas públicas de Londrina. As pesquisadoras nos mostram que pesquisar sobre as atitudes linguísticas no âmbito escolar é importante porque estas,

(...) como já sugeriu Morales (1993), afetam não somente fenômenos particulares e específicos, mas principalmente o ensino de línguas maternas e estrangeiras. Com relação à variação linguística, portanto, destacamos que a construção e a abordagem de uma pedagogia diferenciada na escola dependem de crenças e atitudes que se constroem e fomentam a respeito das variedades da língua em uso. (MARQUES; BARONAS 2015, p. 1)

Sobre essa questão do ensino, mais especificamente sobre o papel do professor, as pesquisadoras Marine e Barbosa (2016) defendem que

(...) se os professores passarem a ter uma abordagem mais reflexiva e embasada pelos preceitos da Sociolinguística Educacional, poderemos modificar as crenças dos alunos em relação à língua e, assim, as atitudes em relação às suas próprias variedades linguísticas poderão ser alteradas também. Por isso, o professor de língua portuguesa deve levar em consideração as crenças linguísticas de seus alunos em suas aulas e, a partir desse (re)conhecimento, propor atividades que reflitam sobre o uso da língua nos mais diversos contextos de uso (...). (MARINE; BARBOSA, 2016, p. 195-196)

Os professores, como propagadores de crenças e construtores de atitudes, têm grande influência na construção de crenças e de atitudes dos alunos. Botassini (2015) explica que

Muitas vezes, a incapacidade de o indivíduo compreender por qual motivo ele sente e reage de uma maneira específica diante de um objeto social o leva a observar os pensamentos e as crenças alheias, podendo adotá-los para justificar seus próprios sentimentos e tendências reativas. Observa-se, então, nesse caso, o princípio de transferência. É por meio da observação, da identificação e da imitação de “professores” sociais (pais, familiares, amigos, professores, figuras públicas...) que se aprendem e se formam as atitudes. (BOTASSINI, 2015, p. 118)

Sendo assim, trabalhar com atitudes linguísticas no ensino de língua materna se faz necessário para que possam ser construídas atitudes positivas em relação à língua e para que os alunos possam: ter uma autoestima elevada sobre a língua (variedade) que falam; ter interesse pelas aulas de Língua Portuguesa; se desempenhar melhor nas diversas situações em que precisem se expressar linguisticamente e não julgar negativamente a maneira de falar de ninguém. Bagno (2007, p. 207) também deixa claro que “as atitudes da professora em sala de aula, no tratamento dado aos fenômenos de variação linguística, podem exercer uma grande influência no comportamento de seus alunos”. O sociolinguista, ainda sobre as atitudes linguísticas negativas a respeito de determinadas variedades da língua, também considera “inadmissível, nos dias de hoje, que o modo de falar de uma pessoa continue sendo usado como justificativa para atitudes preconceituosas e humilhantes.” (BAGNO, 2007, p. 207). Tal a importância, como vimos na subseção 1.1 desta pesquisa, de implementarmos uma pedagogia da variação linguística nas escolas para diminuir atitudes negativas para determinadas variedades linguísticas.

O estudo das atitudes linguísticas, apesar de ser um campo relativamente novo da Sociolinguística (terceira onda), apresenta muitas pesquisas a respeito das atitudes linguísticas de falantes no Brasil, mas poucas, ainda, no contexto escolar/educacional. Nesse sentido, nossa pesquisa sobre as atitudes linguísticas de alunos do 7º Ano de uma escola pública de Uberaba-MG pretende contribuir para esse campo de estudos, procurando evidenciar como esses alunos avaliam variedades linguísticas diferentes, bem como refletir sobre a importância de um ensino de língua portuguesa mais crítico-reflexivo-investigativo (BAGNO, 2007) e mais sensível às variações linguísticas.

1.3.1. Pesquisas já realizadas sobre atitudes linguísticas

Para analisar a avaliação dos alunos perante os fenômenos linguísticos, ou seja, suas atitudes, é importante mostrar, primeiramente, qual a concepção de atitude adotada neste trabalho e também a maneira como diferentes estudiosos a conceituam. Em seguida, mostraremos diversos trabalhos realizados nesse campo.

As atitudes, como já dissemos, estão relacionadas com a avaliação, com a reação de um determinado indivíduo perante algo ou alguma situação que presencia e não apenas com sua forma de pensar, de ver e de perceber o mundo, como nos explica Barcelos e Abrahão (2006), que ao fazerem distinção entre crenças e atitudes, nos mostram que, apesar de atitudes e crenças estarem diretamente relacionadas entre si, cada uma delas apresenta aspectos peculiares.

Em relação à definição de atitudes e atitudes linguísticas, ficamos com a definição proposta por Aguilera (2008), em sua pesquisa sobre crenças e atitudes linguísticas dos falantes das capitais brasileiras, ao fazer referência aos trabalhos de Lambert (1960) e de Moreno Fernández (1998). A autora esclarece que

(...) a atitude se constitui de três componentes colocados no mesmo nível: o saber ou crença (componente cognoscitivo); a valorização (componente afetivo); e a conduta (componente conativo), o que significa dizer que a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística. (AGUILERA, 2008, p. 106)

Sem conceituar de forma absoluta o que seria atitude e atitude linguística, podemos dizer que as atitudes podem ser entendidas como a expressão das crenças e dos conhecimentos que um indivíduo tem sobre determinado assunto e que o possibilita avaliar, comportar-se e manifestar sua opinião e sentimentos perante uma situação, sendo que as atitudes linguísticas apontam as avaliações desse indivíduo perante uma língua, uma variedade linguística ou uma situação sociolinguística.

Sobre o campo de pesquisa das atitudes linguísticas, foco deste trabalho, podemos citar os trabalhos pioneiros de: Labov (1974), ao fazer investigações no campo das atitudes linguísticas entre os falantes de inglês da Ilha de Martha's Vineyard, na costa de Massachusetts; Lambert et. al. (1960), ao analisarem a avaliação de jovens canadenses falantes de francês e de inglês, em relação à sua própria língua; Taylor (1973) em sua pesquisa sobre as atitudes dos professores estadunidenses em relação as diferenças linguísticas e culturais de

seus alunos e Williams (1970) que também empreendeu estudos sobre as atitudes relacionadas com a linguagem e com a educação.

No Brasil, temos os trabalhos de Santos (1976, 1996), Cyranka (2007), Aguilera (2008), já citado, Sella e Busse (2012), Corbari (2013), Barbosa e Cuba (2015), Botassini (2015), Marques e Baronas (2015) e Marine e Barbosa (2016). Apresentaremos uma breve síntese dos trabalhos a respeito das atitudes linguísticas desenvolvidos por esses autores.

Ao pesquisar sobre crenças e atitudes linguísticas em áreas de fronteira do Oeste e Sudoeste do Paraná, Sella e Busse (2012) mostram um importante comentário de Fernández (1998) a respeito de como as atitudes linguísticas revelam a identidade dos grupos que as partilham:

Se puede decir que las actitudes tienen que ver con las lenguas mismas y con la identidad de los grupos que las manejan. Consecuentemente es lógico pensar que, puesto que existe una relación entre lengua e identidad, ésta ha de manifestar-se en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios [...] sobre todo cuando se trata de una identidad étnica. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 180)¹

Sella e Busse (2012) apresentam, ainda, uma citação de Lambert (1960 apud Sella e Busse 2012) que mostra claramente o que se pode entender sobre uma atitude, cujo conceito dado pelo autor vai ao encontro do que este estudo propõe, ou seja, de que “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante.” Pode-se ainda acrescentar a essa citação, pensando em atitude como uma avaliação linguística, que essa também expõe como um indivíduo pensa, sente e reage em relação a sua própria fala e a de outras pessoas.

As pesquisadoras mostram, ainda em seu trabalho sobre os falares nas regiões fronteiriças do Paraná, o quanto as crenças e atitudes linguísticas dos indivíduos estabelecem uma complexa e estreita relação entre língua e sociedade, revelando comportamentos sociais com relação aos grupos e também à fala.

Outro trabalho que aborda as localidades paranaenses no estudo das atitudes linguísticas é a pesquisa que Corbari (2013) realizou em sua tese de doutorado sobre as

¹ As atitudes linguísticas estão relacionadas com as próprias línguas e a identidade de grupos que as usam. Por conseguinte, é lógico pensar que, porque uma relação entre língua e identidade, esta é responsável pela manifestação das atitudes dos indivíduos sobre essas línguas e seus usuários. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 180 / tradução nossa)

atitudes linguísticas das cidades de Irati e Santo Antônio do Sudoeste, regiões fronteiriças e de imigração que apresentam um complexo quadro sociolinguístico, investigando se a situação de línguas em contato gerava atitudes linguísticas diferenciadas nas duas comunidades, em virtude de suas realidades sócio-históricas e geográficas peculiares. A pesquisadora, ao mencionar outros autores, nos mostra a importância dos estudos a respeito das atitudes linguísticas:

Do ponto de vista sociolinguístico, autores como Gómez Molina (1996), Moreno Fernández (1998) e Blanco Canales (2004) destacam a importância dos estudos das atitudes linguísticas porque elas a) atuam de forma muito ativa nas mudanças de código ou alternância de línguas; b) constituem fator decisivo, junto à consciência linguística, na explicação da competência dos falantes; c) permitem ao pesquisador se aproximar do conhecimento das reações subjetivas diante da língua e/ou línguas que os falantes usam; e d) influem na aquisição de segundas línguas. (CORBARI, 2013, p.14)

Corbari (2013) também acrescenta, em sua pesquisa, que a origem dos estudos das atitudes não é novidade no âmbito das ciências, tendo representações nas áreas da Sociologia e Psicologia, sendo que o trabalho com as atitudes linguísticas também faz parte das áreas da Psicologia Social, da Sociolinguística, da Sociologia da Linguagem e da Etnografia da Comunicação. A autora retoma ideias de Gómez Molina (1996), Moreno Fernández (1998) e Blanco Canales (2004) para explicar que:

a importância do estudo das atitudes linguísticas reside no fato de que elas, além de revelarem múltiplos aspectos para melhor entendimento de uma comunidade, influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguística, bem como afetam a eleição de uma língua em detrimento de outra e o ensino-aprendizagem de línguas nessa comunidade (CORBARI, 2013, p. 60-61) .

A pesquisadora também cita a definição de Bem (1973), psicólogo social, para atitudes, definição esta que vai ao encontro do que propomos em nossa pesquisa sobre as atitudes linguísticas. Portanto, cabe-nos citar que:

Atitudes são os gostos e as antipatias. São as nossas afinidades e aversões a situações, objetos, grupos ou quaisquer aspectos identificáveis do nosso meio, incluindo idéias abstratas e políticas sociais. [...] nossos gostos e antipatias têm raízes nas nossas emoções, no nosso comportamento e nas influências sociais que são exercidas sobre nós. (BEM, 1973, p. 29 apud CORBARI, 2013, p.61)

Ao falar do aspecto social das atitudes, Corbari (1973) também esclarece que:

As atitudes são adquiridas no processo de socialização – são, portanto, uma característica antes do grupo que do indivíduo – e têm uma dupla função: permitem uma visão simplificada da realidade e contribuem para a formação da identidade individual e social (PUOLTATO, 2006). As atitudes linguísticas representam, assim, um componente fundamental da identidade linguística do falante e oferecem uma chave de leitura e compreensão do próprio comportamento linguístico. No âmbito das atitudes de forma geral, as atitudes linguísticas constituem uma categoria particular, uma vez que seu objeto não são as línguas, mas os grupos que a falam. (CORBARI, 2013, p. 65)

Pensando no aspecto social das atitudes e também na importância que as atitudes linguísticas têm para compreendermos o comportamento linguístico dos falantes é que se faz necessário empreender pesquisas nesse campo, seja para conhecer o que os falantes pensam sobre e como avaliam as variações linguísticas (e os grupos que a utilizam), seja para entender os rumos linguísticos que nossa língua vem tomando.

Ainda sobre a tese de doutorado de Corbari (2013), nos cabe citar também o que a pesquisadora explica sobre os três componentes da atitude, retomando Lambert e Lambert (1966) e o que se considera como fatores integrantes das atitudes linguísticas, o que levaremos em conta em nossa análise das atitudes linguísticas dos alunos do 7º Ano de uma escola pública de Uberaba:

Lambert e Lambert (1966) atribuem três componentes à atitude: a crença, a valoração e a conduta, todos situados no mesmo nível. Nesse caso, a atitude linguística de um indivíduo resultaria da soma de suas crenças e conhecimentos, seus afetos (sentimentos ou emoções) e sua tendência a se comportar de determinada forma diante da língua ou de uma situação sociolinguística. (CORBARI 2013, p. 62)

Santos (1976,1996), também utilizado como embasamento teórico em nossa pesquisa, dedicou-se ao estudo das crenças e atitudes no ensino da língua portuguesa. O autor (1976), em seu trabalho “Mobilidade social e atitudes linguísticas”, selecionou 115 alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro e 18 pais desses alunos para aplicar testes de avaliação subjetiva e de percepção de seis variantes fonéticas. Sua pesquisa mostrou que os alunos provenientes da classe social baixa estigmatizam a variação linguística dos seus pais em contraposição aos da classe alta, mostrando que, ao contrário dos

adolescentes do estrato social mais elevado, os alunos de baixa renda familiar não se aproximam dos padrões de atitudes dos seus pais. O autor retoma essa pesquisa em 1996 no seu livro “Certo ou errado?: atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa.”

Cyranka (2007), em sua tese de doutorado “Atitudes Linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – MG”, analisou as crenças e atitudes linguísticas de alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental e a relação delas com as crenças dos professores, para mostrar como isso interfere no desenvolvimento escolar dos alunos, isto é, no desempenho linguístico deles. A autora aplicou um questionário com perguntas diretas para os alunos, analisando suas crenças e, depois, investigou a avaliação (atitude) dos estudantes em relação a três variedades linguísticas: rural, rurbana e urbana. Dentre as valiosas conclusões de sua pesquisa, pode-se dizer que as crenças dos professores interferiram nas crenças dos alunos, que os alunos se identificaram com a variedade rurbana e que os alunos apresentaram preconceito linguístico em relação a própria fala e a outras variedades, mostrando o amplo trabalho sociolinguístico a ser desenvolvido nas escolas.

Pesquisas mais recentes sobre a sociolinguística na sala de aula têm sido feitas ao se analisarem as crenças e atitudes linguísticas de alunos. Barbosa e Cuba (2015) se dedicaram a esse trabalho, analisando crenças e atitudes de alunos do ensino médio de duas escolas públicas mineiras da cidade de Uberaba-MG, revelando, em linhas gerais, que muitos alunos ainda apresentam crenças equivocadas de que a língua é homogênea e de que há falas “certas” e “erradas”, apresentando atitudes negativas frente a algumas variações da língua.

Outro estudo que aborda as crenças e atitudes linguísticas na sala de aula é o das autoras Marques e Baronas (2015), que também constataram, em sua pesquisa, que a abordagem da variação da língua ainda não se faz presente na sala de aula, revelando a necessidade de maior proximidade entre as pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas no meio acadêmico e o trabalho realizado na escola, para que as aulas de língua portuguesa levem o aluno a ser competente na tarefa de adaptar sua linguagem às diversas situações de interação. As autoras nos mostram que

As pesquisas sociolinguísticas vêm mostrando que os diferentes falares despertam nos indivíduos crenças e atitudes linguísticas diversas. É tarefa da Sociolinguística observar as atitudes linguísticas, já que fazem referência ao problema da avaliação, relativo às análises do falante quanto à sua variedade linguística e à de outros falantes. De certa forma, as atitudes linguísticas influenciam a variação e as mudanças da língua tanto quanto o ensino da variedade culta e da variedade popular. (MARQUES e BARONAS, 2015, p. 2)

Isso nos mostra o quanto se faz importante trabalhar com as variações linguísticas em sala de aula, para que crenças e atitudes negativas perante a língua sejam mudadas, prevalecendo, na sala de aula, a reflexão e a análise sobre a complexa realidade linguística de nosso país.

Sobre a importância de um ensino sociolinguístico de língua portuguesa no Brasil, há também o recente artigo de Marine e Barbosa (2016) que nos propõe uma pedagogia culturalmente sensível às variações socioculturais e linguísticas da nossa língua. Além disso, o artigo ressalta a importância de o professor ter uma abordagem mais reflexiva sobre a língua portuguesa em sala de aula, levando em conta os preceitos da Sociolinguística Educacional.

Botassini (2015) também aponta a importância dos estudos de crenças e atitudes linguísticas para a Sociolinguística, pois, segundo a autora, tais pesquisas ampliam a discussão sobre as mudanças linguísticas, sobre a influência no aprendizado de segundas línguas, sobre as questões de prestígio e desprestígio e do preconceito não só em relação à língua, mas também em relação à comunidade de determinados falantes. Em seu trabalho, a autora cita a definição que os psicólogos sociais Lambert e Lambert (1972) dão para atitudes. A definição dos autores está em consonância com o que defendemos nesta pesquisa:

Atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78 apud BOTASSINI).

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 83 apud BOTASSINI).

Como vimos, por meio das pesquisas feitas sobre as atitudes e atitudes linguísticas, nossa pesquisa a respeito das atitudes linguísticas de alunos do 7º Ano de uma escola pública de Uberaba considera como atitude linguística a maneira como os alunos avaliaram (positiva ou negativamente) diferentes variações linguísticas, demonstrando, por meio do teste de atitudes realizado (descrito na seção “Procedimentos Metodológicos”), suas afinidades, aversões, emoções e sentimentos a respeito das variações linguísticas que terão contato.

É importante mencionar que, apesar das grandes contribuições que todos esses estudiosos deixaram a respeito das atitudes linguísticas, há ainda muito que se pesquisar e analisar nessa área, haja vista que levar em consideração as avaliações de falantes perante a língua que falam e/ou aprendem é um vasto campo para a pesquisa e análise, principalmente quando se pensa nas variações linguísticas existentes e na quantidade de falantes em cada uma delas, cada qual com sua cultura e ideologia. É nesse sentido que a análise das atitudes linguísticas de duas turmas do 7º Ano de uma escola pública da cidade de Uberaba é pertinente, pois mostrará a maneira como os falantes avaliam os fenômenos linguísticos existentes em sua região, em sua comunidade e também aqueles que conhecem, mas não os usam ou usam com pouca frequência.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, que se trata de uma pesquisa-ação, pois é um tipo de estudo participante, que procura unir a teoria e a pesquisa à prática (docente). No ensino, a pesquisa-ação tem por objeto de pesquisa as ações humanas em situações que são percebidas pelo professor (em nosso caso, pela mestrandia) como sendo inaceitáveis sob certos aspectos (como por exemplo, o ensino de gramática puramente na perspectiva tradicional é inaceitável), que são suscetíveis de mudança (PIMENTA; FRANCO 2008) e que, portanto, exigem uma resposta prática, como a elaboração do Caderno de Atividades.²

Além disso, para análise do teste de atitudes linguísticas de alunos do 7º Ano de duas turmas do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Uberaba (MG), perante algumas variedades linguísticas da língua portuguesa, utilizamos uma abordagem qualitativa.

2.1. Local e informantes da pesquisa

Os informantes da pesquisa são os alunos de duas turmas do 7º Ano de uma escola pública e periférica da cidade de Uberaba-MG. A localização periférica da escola pode ser melhor observada na imagem abaixo:

² Por se tratar de uma pesquisa que conta com a participação de pessoas, de menores de idade, é importante dizer que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFTM. O projeto da pesquisa enquadra-se dentro do projeto desenvolvido pela Professora Juliana Bertucci Barbosa, tem como número CAAE, na Plataforma Brasil, 45674115.2.0000.5154. O número do CAAE é gerado automaticamente, via Plataforma Brasil, quando o projeto é aceito pelo CEP. Sendo assim, a pesquisa atende o previsto na resolução da CONEP, Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012, e nas normas operacionais 001/2013.

2.2. O teste de atitude e a aplicação

Para analisar as atitudes linguísticas desses informantes, elaboramos um teste de atitude dividido em três partes. A primeira parte foi um questionário socioeconômico e de costumes para conhecermos a realidade do aluno que participará da pesquisa, afinal partimos da ideia de que língua e sociedade se relacionam intimamente. Eles responderam um questionário com perguntas de múltipla escolha (Apêndice A). A segunda parte do teste (Apêndice B) é composta por questões em que apresentam diferentes variedades linguísticas para os alunos avaliarem. As perguntas foram respondidas por escrito pelos alunos.

A última parte do teste, aplicada no ano de 2018 com a turma de 2017 e com a de 2018, é composta por quatro pequenas gravações, cada gravação com um falante diferente (idade, sexo, escolaridade), as quais foram avaliadas pelos alunos, seguindo o modelo de teste de atitudes utilizado por Cyranka (2007). Os alunos, ao escutarem as gravações consideraram se o falante é inteligente, rico, honesto, simpático, competente e boa pessoa, seguindo uma escala de notas de 1 a 7.

É importante dizermos que as gravações foram coletadas pelas pesquisadoras devido à dificuldade em encontrar falas menos monitoradas, em uma situação comunicativa mais informal, de diferentes falantes da região em que a pesquisa foi realizada. Sendo assim, as pesquisadoras realizaram uma pequena entrevista com quatro falantes diferentes (sexo, idade e escolaridade), na qual eles comentam sobre a infância que tiveram. A transcrição feita pelas pesquisadoras das gravações utilizadas, as informações de cada falante e o modelo de teste estão, respectivamente, no Anexo B e Apêndice C da pesquisa.

Para a aplicação do teste, após o consentimento da direção da escola, foi explicado aos alunos de cada turma do 7º Ano da escola (no primeiro momento, com a turma de 2017, e, no ano seguinte, com a turma de 2018) do que se tratava a pesquisa e quais eram os seus objetivos. Foi dito a eles também o quanto a participação deles era importante e que em momento algum teriam suas identidades expostas na pesquisa e nem seriam julgados pelas respostas do teste. Em seguida, foram entregues os Termos de Esclarecimento e de Consentimento (Apêndice D) para os responsáveis assinarem e, em seguida, as folhas do teste de atitudes.

Para cada parte do teste, houve explicações sobre o funcionamento da atividade e esclarecimento de dúvidas quanto a algumas palavras desconhecidas pelos alunos. Houve também orientações para os alunos evitarem conversas paralelas e troca de respostas entre eles. A aplicação do teste durou cerca de quatro aulas (50' cada).

A análise do teste (seção 3 da pesquisa) foi feita levando em conta tanto o aspecto quantitativo (quantos alunos responderam de forma igual/semelhante, principalmente na parte 1 e 3 do teste), quanto o aspecto qualitativo (como eles responderam as questões, principalmente na parte 2 do teste, cujas questões os alunos responderam por escrito).

2.3. Elaboração e aplicação das atividades

As atividades do Caderno foram elaboradas a partir dos resultados obtidos no teste de atitudes, ou seja, a partir da concepção, dos pensamentos e das atitudes dos alunos perante as variações linguísticas mostradas nos itens do teste. Assim, foram elaboradas atividades que pudessem focalizar nas principais dificuldades e lacunas encontradas pelos alunos sobre o entendimento das variações linguísticas. As atividades abordaram diferentes variedades da língua portuguesa (geográfica, social, histórica, lexical, fonético-fonológica, sintática, morfológica e estilística), mostrando a eles a grande diversidade linguística presente nos usos da língua. É importante dizermos que algumas dessas variedades já são abordadas em alguns livros didáticos, como a geográfica e a lexical, porém de maneira muito superficial. As questões do Caderno de Atividades, diferentemente das questões da segunda parte do teste de atitudes, procuraram dar mais espaço a respostas discursivas. O enfoque do Caderno de Atividades foi, portanto, promover discussões, reflexões e análises dessas variedades de forma mais aprofundada.

Todas as atividades do Caderno foram aplicadas em sala de aula, durante o segundo semestre de 2018, com os alunos que participaram do teste de atitudes (e com os demais alunos da turma). As duas turmas participantes do teste de atitudes (a de 2017 – oitavo ano em 2018 – e a de 2018 – 7º Ano) participaram da aplicação das atividades do Caderno. O tempo de aplicação do Caderno de Atividades não foi o mesmo para cada turma. A turma de 2017 (Turma 1), então 8º Ano, levou 10 horas-aula e a turma de 2018 (Turma 2) levou 13 horas-aula para concluir as atividades. A diferença se justifica pelo momento em que se encontravam no processo de escolarização. Os alunos da Turma 1 levaram as atividades com mais seriedade, foram mais receptivos (afinal, já participavam, a mais tempo, de um trabalho sociolinguístico realizado pela professora de Língua Portuguesa), enquanto os alunos da Turma 2, não. Além disso, a Turma 2 tem o dobro de alunos da Turma 1.

Foram levados em consideração, na análise dos dados da pesquisa, a participação e o envolvimento dos alunos na aplicação das atividades do Caderno, bem como as reflexões,

dificuldades e dúvidas surgidas. Para tanto, foi elaborado um Relato de Aplicação do Caderno de Atividades (seção 5 da dissertação) detalhando como foi a aplicação. É importante dizer que a participação e dificuldade encontrada pelos alunos durante a realização das atividades motivaram algumas mudanças nas questões elaboradas no Caderno em sua versão final.

Cabe, por fim, mencionar que, além do Caderno de Atividades, também elaboramos um Manual do Professor (Apêndice F) que foi desenvolvido a partir dos resultados do teste de atitudes e da observação e da aplicação das atividades em sala de aula. O Manual busca auxiliar o professor de Língua Portuguesa para que este não se sentia inseguro/despreparado para trabalhar com a Sociolinguística em sala de aula, haja vista que muitos professores não tiveram essa disciplina em sua formação ou, ainda, já se distanciaram do que aprenderam na graduação (e não se atualizaram sobre as novas pesquisas da área). Sendo assim, o Manual do Professor, além de orientar o professor para a aplicação de cada questão do Caderno de Atividades, dá um resumo teórico sobre a Sociolinguística e sugestões de leitura. É importante dizermos que as orientações para o professor aplicar cada questão foram feitas após a aplicação do Caderno de Atividades, levando em conta as dificuldades reais encontradas pelo aplicador e dúvidas dos alunos surgidas durante a aplicação das questões.

3. ANÁLISE DO TESTE

Nesta seção iremos analisar cada parte do teste de atitudes dos 18 alunos que participaram da pesquisa (8 alunos da turma do 7º Ano de 2017 e 10 alunos da turma de 2018). É importante dizermos que, apesar do teste ter sido aplicado para toda a turma (tanto de 2017, quanto de 2018), somente a quantidade de alunos acima mostrada trouxe a autorização de participação da pesquisa assinada pelo responsável. Sendo assim, iremos considerar, para a análise a seguir, o teste desses 18 alunos. Para facilitar a análise, cada aluno participante do teste de atitudes recebeu um código. Os alunos foram numerados por turma. A Turma 1 (T1) foi a turma de 2017, com 8 alunos. A Turma 2 (T2) foi a turma de 2018, com 10 alunos.

3.1. Análise da primeira parte do teste: perfil social dos alunos

Em relação à primeira parte do teste, ou seja, ao questionário socioeconômico, chegamos aos seguintes resultados:

- 67% dos alunos têm entre 12 e 13 anos;
- 60% dos alunos são do sexo feminino;
- 78% dos alunos nasceram em Uberaba, dos quais 50% moram na cidade desde que nasceram e no mesmo bairro da escola (bairro periférico);
- 60% dos alunos moram em uma casa pertencente aos seus responsáveis.
- a média de integrantes da família, por casa, é de quatro pessoas;
- 95% das casas dos alunos apresentam TV;
- 28% dos alunos têm TV por assinatura;
- 45% dos alunos não têm computador, nem telefone;
- 55% dos alunos não têm automóvel em casa;
- 90% têm acesso à internet;
- 60% dos alunos alegaram ter passado dificuldades financeiras;
- 78% dos alunos têm uma ou duas pessoas da família trabalhando;
- 84% dos responsáveis dos alunos cursaram entre o ensino fundamental e o ensino médio;
- 55% dos alunos marcaram a saúde como a questão que mais os preocupa, sendo o emprego a segunda questão que mais os preocupa, com 40% das marcações;
- 34% dos alunos já repetiram o ano escolar;

- 50% admitiram ter ficado em recuperação ou ter feito alguma prova especial para serem aprovados;
- 50% dos alunos disseram gostar da matéria Português;
- 34% dos alunos sofreram algum tipo de discriminação na escola pelo seu jeito de falar.

Por meio da análise quantitativa da primeira parte do teste, ou seja, do perfil sócio-econômico dos alunos, podemos perceber que a maioria dos alunos participantes da pesquisa tem a faixa etária entre 12 e 13 anos, é do sexo feminino, nasceu em Uberaba e mora no mesmo bairro da escola desde que nasceu, tem acesso à mídia (TV) e à internet. Os responsáveis da maioria dos alunos não cursaram o ensino superior, a maioria dos alunos tem em casa uma ou duas pessoas trabalhando, a maioria dos alunos admitiu ter passado dificuldades financeiras e se preocupa com a questão da saúde e do emprego. Dois dados interessantes para a pesquisa foram: apenas metade dos alunos gostarem da disciplina de Língua Portuguesa e 34% deles terem sofrido preconceito linguístico na escola. Por meio da primeira parte do teste, podemos verificar, ainda, que os alunos participantes da pesquisa são de uma região periférica da cidade, de classe baixa ou de classe média baixa, cuja família tem baixo nível de escolaridade, levando-nos a inferir que não são falantes da(s) norma(s) culta(s) da região.

3.2. Segunda parte do teste (teste escrito): atitudes em relação a tipos de variação

Na segunda parte do teste de atitudes, foi pedido aos alunos que respondessem, por escrito, três questões. A primeira questão tratava da variação regional e social, a segunda, da variação histórica e a terceira, da variação geográfica. É importante dizer que apesar de as questões pedirem aos alunos que discorressem sobre o assunto, a maioria dos alunos deu respostas bem curtas, não desenvolvendo bem o seu posicionamento. Houve ainda alunos que deixaram algumas alternativas sem resposta. Devido a essa dificuldade encontrada, O Caderno de Atividades (feito após a análise do teste) procurou trabalhar com questões que demandassem mais a escrita/reflexão dos alunos. O Manual do Professor também orienta o professor a fazer perguntas e reflexões, junto com os alunos, sobre as questões apontadas.

Na primeira questão foi mostrado aos alunos um trecho transcrito de uma entrevista oral feita com uma mulher que revelava o posicionamento desta sobre ter filhos:

Eu não, Deus me livre! Eu num posso nem comigo mesmo eu vou tê filho! Tinha um homem que andava atrás de mim, sabe? Disse que queria casá comigo, que a gente ia tê muito fí, pa famía sê grande, mas eu eu quero nada! Pode i simhora procura outra que comigo mesmo não. Quero ganha meu dinheiro, saí, i pa dança, po forró. Oxe, eu gosto é muito de forró! Eu vou cuidá de menino de noite, pa deixa de i: de i po forró. (BAGNO, 2007, p. 208 e 209)

Os alunos deveriam dizer como avaliavam a fala da mulher (letra "a"), se usam uma forma de falar parecida com a dela (letra "b"), de qual estado ou região que consideram ser a entrevistada (letra "c") e, ainda, de qual classe social julgavam pertencer a entrevistada (letra "d"). Quanto à avaliação da maneira de falar da entrevistada, 45% dos alunos avaliaram positivamente, apresentando as seguintes respostas:

"Não existe modo errado de falar, apenas certas pessoas trocam as palavras". (A6T1)

"Maneira informal." (A5T1)

"Falar correto porque a pessoa entende o que ela fala." (A8T1)

"Normal." (A1T2)

"Que ela é de outra cidade." (A7T2)

"É um jeito diferente, mas é o jeito que ela fala." (A8T2)

"Que é um modo de falar bonito." (A1T1)

Porém, 35% dos alunos avaliaram negativamente a fala da entrevistada, respondendo:

"Ruim" (A3T1 e A7T1)

"Errada" (A2T2 e A4T2)

"Fala diferente o português." (A3T2)

"Ela podia ser mais educada." (A6T2)

10% dos alunos consideraram a fala da entrevistada "muito sincera" e o restante não respondeu essa alternativa.

Ainda na primeira questão da segunda parte do teste, 60% dos alunos admitiram usar em sua fala a mesma maneira de falar da entrevistada; 80% dos alunos acreditam que a entrevistada é de algum estado do Nordeste e 20% acreditam que a entrevistada é de Minas Gerais. 45% dos alunos consideram a entrevistada integrante da classe média, 35% da classe baixa e os demais não responderam.

Sendo assim, verificamos, pelas respostas dos alunos para essa questão, que estes ainda consideram “erradas” algumas maneiras de falar e que ainda não têm muita consciência da própria fala, haja vista que mesmo usando na fala algumas das palavras da entrevistada, afirmaram não usar essa forma de falar. Vimos também que acreditam que falantes de classe baixa e média usam uma variedade distante da norma culta e que, para o caso da entrevistada, a maneira de falar indica que se trata de uma pessoa nordestina. Por outro lado, alguns alunos apresentaram uma consciência para o grau de formalidade de uma entrevista oral (transcrita, no caso da questão), não avaliando negativamente a entrevistada. Um dado interessante é que muitos alunos julgaram positivamente a maneira de falar da entrevistada e se identificaram com a variedade usada por ela.

Na segunda questão, foi pedido aos alunos que lessem uma carta escrita pelo poeta Casimiro de Abreu ao pai, em 1857:

Rio de Janeiro 11 de Setembro de 1857

Presado Pai

Aqui chegamos sem novidade e tendo felizmente escapado a grande chuva que ainda hoje dura. As cartas todas estão entregues e o Joaquim leva a peça de riscado da loja do primo José e os 12#000, como também uma lamparina ou lampião que me pedio para comprar. Peço a meu Pai queira recomendar-me ao primo Manoel e ao Senhor Veludo a lançar a sua benção sobre Seu filho

amante

Casimiro José Marques de Abreu

(BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso, por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p.165)

Após o texto da carta, foi perguntado aos alunos o que acharam da linguagem (letra “a”) e se atualmente uma carta ao pai seria escrita dessa forma (letra “b”), pedindo para os alunos justificarem. Para a primeira alternativa, sobre a avaliação da linguagem da carta, tivemos as seguintes respostas:

“Eu achei a carta muito legal, com linguagem diferente.” (A6T2)

“Estranha.” (A4T1)

“Boa.” (A10T2 e A4T2)

“Muito formal.” (A9T2 e A5T1)

“Muito boa.” (A3T1)

“Linguagem mais culta.” (A1T2)

“Normal.” (A7T2)

“Sem sentido.” (A6T1)

“Boa a linguagem e a escrita.” (A8T1)

“É uma linguagem de antigamente.” (A1T1)

“Bem escrita.” (A8T2)

Em relação à última alternativa da questão dois, se atualmente uma carta destinada ao pai seria escrita dessa forma, tivemos respostas como:

“A carta poderia ter mais informações, mais novidades.” (A6T2)

“Não seria escrita dessa forma.” (A4T1)

“Não, porque senão o pai dele não iria entender nada do que ele escreveu.” (A8T1)

“Não, hoje em dia não falamos com tantas formalidades.” (A5T1)

“Não, pois primeiro perguntaria se meu pai está bem e contaria se estou bem.” (A7T2)

“Não, usaria uma linguagem mais simples.” (A1T2)

“Seria melhor.” (A3T1)

“Não, mandaria um áudio falando que tava bem.” (A9T2)

“Sim, porque a linguagem é adequada.” (A4T2)

“Sim, porque tem que ter educação.” (A2T1)

Como vimos, a maioria dos alunos percebeu que atualmente uma carta escrita ao pai usaria uma variedade diferente da apresentada na questão. Apenas 30% afirmaram que, atualmente, uma carta escrita para o pai usaria a mesma variação da carta de Casimiro de Abreu. Um dos alunos (A9T2) disse que não mandaria carta atualmente, mas sim um áudio, pelas redes sociais, ou seja, levou em consideração o fato de as pessoas não se comunicarem frequentemente por cartas no século XXI.

As respostas dos alunos para a questão dois nos permitem dizer que poucos deles apresentaram uma consciência linguística relacionada ao uso da variação temporal (diacrônica), dizendo em suas respostas sobre o fato da língua e de seus usos mudarem com o tempo. Apesar da maioria dos alunos perceberem que a linguagem usada na carta é diferente da atual, poucos discorreram sobre as mudanças linguísticas que ocorreram com o tempo. Apenas um aluno (A1T1), na alternativa “a”, disse ser uma linguagem usada antigamente e na alternativa “b”, apenas um aluno (A9T9) citou o uso dos meios digitais para se comunicar atualmente.

Na última questão, foi mostrado para os alunos um pequeno texto narrativo escrito em português de Portugal, produzido por Millôr Fernandes, para tratar da unificação linguística. Foi mostrado aos alunos apenas um trecho do texto integral do autor. Apenas no final da questão é que foi mostrado o texto completo:

Figura 2: Imagem da última questão da segunda parte do teste de atitudes

Unificação linguística, que clareza!

Tem aí meia dúzia de urnigos, na calada da noite, arquitetando um plano para a “unificação” da língua portuguesa. Escrevi o trecho abaixo em português de Portugal para vocês verem como será fácil essa unificação.

Estava a conduzir meu automóvel numa azinhaga com um borracho muito gira ao lado, quando dei com uma bossa na estrada de circunvalação que um bera teve a lata de deixar. Escapei de me espalhar à justa. Em havendo um bufete à frente convidei a chavala a um copo. Botei o chiante na berma e ornamos ao criado de mesa, uma sande de fiambre em carcaça eu, e ela um miau. O panasqueiro, com jeito de marialva paneleiro, um chalado de pinha, embora nos tratando nas palminhas, trouxe-nos a sande com a carcaça esturrada (e sem caganitas!) e, faltando-lhe o miau, deu-nos um prego duro.

Como talvez vocês não tenham entendido alguma coisa, traduzo em brasileiro, também conhecido como português do Brasil.

Eu dirigia meu carro por um caminho de pedras tendo ao lado uma gata espetacular, quando vi um lombo na estrada de contorno que um escroto teve o descaramento de fazer. Por pouco não bati nele. Como havia em frente uma lanchonete, convidei a mina a tomar um drinque. Coloquei o carro no acostamento e pedimos ao garçom sanduíche de presunto com pão de forma eu, e ela sanduíche de lombinho. O gozador, com jeito de don Juan bicha, muito louco, embora nos tratando muito bem, trouxe o sanduíche com o pão queimado (e sem azeitonas!) e, não tendo sanduíche de lombinho, trouxe um de churrasquinho duro.

(Millôr Fernandes *apud* FARACO & TEZZA. **Prática de texto:** língua portuguesa para estudantes universitários. Petrópolis: Vozes, 1992. pp. 57-58)

Fonte: http://projetoeduc.cecierj.edu.br/eja/recurso-multimedia-professor/portugues/novaeja/m1u02/Portugues_do_Brasil_e_portugues_de_Portugal.pdf Acesso em 16 mar 2018.

Para as letras “a” e “b”, foi mostrado aos alunos apenas o segundo parágrafo do texto acima e foi perguntado a eles se conseguiram entender o texto, mesmo escrito em português, e por quê (letra “a”). Depois, foi pedido que eles avaliassem o texto (letra “b”). Na letra “a”, temos as seguintes respostas, como exemplo:

“Não, porque é muito estranho.” (A4T2)

“Não, não dá para entender nada.” (A10T2)

“Não entendi nada, porque são palavras que eu nunca ouvi.” (A9T2)

“Não pois tem palavras que eu não conheço.” (A1T2)

“Não, porque ta em outra língua.” (A7T2)

“Não, porque é um português diferente” (A5T1)

“Não, porque é muito estranho a escrita desse texto.” (A8T1)

Para a letra “a”, 75% dos alunos não conseguiram entender o texto devido à linguagem/às palavras utilizadas. Apenas um aluno (A8T2) disse que entendeu o texto e que foi escrito com palavras corretas, do jeito de falar corretamente. Os demais alunos não responderam.

A respeito da avaliação feita pelos alunos sobre o parágrafo em português de Portugal (letra “b” da questão), temos, a seguir, algumas respostas dadas pelos alunos:

“Ele é muito estranho, com palavras esquisitas.” (A4T1)

“Estranho porque eu não entendi.” (A8T1)

“Estranho, sem sentido.” (A6T1)

“Normal, ele só está em outra língua.” (A7T2)

“Indescritível.” (A9T2)

“Ruim.” (A7T1 e A10T2)

“Estranho.” (A2T2 e A4T2)

Os alunos avaliaram negativamente o texto, com exceção de um aluno (A7T2) que considerou o texto normal, mas em outra língua e dos alunos A8T2 e A1T1 que responderam, respectivamente, “Bem escrito” e “Bom”. Este, apesar de ter avaliado como “bom” o texto, na letra anterior, afirmou não o ter entendido.

A letra “c” da questão apresentou o texto no português do Brasil e pediu para os alunos escreverem o que concluíram entre os dois textos. Algumas respostas foram:

“Que um dá para entender”. (A10T2)

“As falas são diferentes.” (A1T1)

“O texto 1 ficou estranho e o 2 engraçado.” (A2T2)

“Um fala uma língua e o outro fala outra língua.” (A5T2)

“O segundo fica mais na linguagem que nós entende.” (A9T2)

“O segundo texto tem palavras que eu conheço, portanto eu entendi.” (A1T2)

“O texto 2 está melhor escrito que texto 1.” (A6T1)

“Um é escrito com o português brasileiro e o outro não.” (A5T1)

“O segundo texto está melhor que o primeiro.” (A8T1)

Como mostrado, os alunos consideraram o texto em português brasileiro melhor, mais compreensível, mas não discorreram muito sobre a variação linguística e por que os dois textos, mesmo estando em uma mesma língua, são muito diferentes. Quatro alunos não responderam a letra “c”.

As respostas da questão três, última questão da segunda parte do teste, mesmo utilizando um texto ficcional, sem mostrar um uso real da língua portuguesa (tanto em Portugal, quanto no Brasil), nos mostram que a maioria dos alunos avalia como “ruim e estranha” a variedade que não conhecem e, como “melhor”, a variedade que eles conhecem.

De modo geral, as três questões da parte escrita do teste mostraram que os alunos têm muita dificuldade em escrever/refletir sobre as variações linguísticas. Isso revela o quanto o assunto não é muito abordado em sala de aula e no livro didático. Nenhum aluno utilizou palavras como “variação”, “variedade” para explicar a maneira de falar mostrada nos textos. Além disso, percebemos o quanto o preconceito linguístico está presente nas escolas, afinal, muitos alunos avaliaram negativamente as variedades mostradas nos textos.

Nesse sentido, a segunda parte do teste evidenciou o quanto é necessário um trabalho sociolinguístico em sala de aula. A percepção, pelos alunos, das variedades linguísticas é ainda muito sutil. É preciso um trabalho que mostre aos alunos as diversas variedades da nossa língua e o quanto a diferença presente nessas variedades é positiva. É imprescindível mostrar a eles que a mudança é uma característica inerente a todas as línguas e que não faz uma variedade ser ruim, estranha ou pior, mas sim, diferente. Felizmente, percebemos pelas respostas de certos alunos que alguns já apresentam uma consciência sociolinguística e consideram “normais” as variedades da língua e que não julgam tais variedades apenas por serem diferentes da variedade ensinada pela escola. Verificamos, nessa parte do teste, que os alunos apresentam uma reflexão sobre a língua, porém ainda muito precária. Além disso, consideram determinadas maneiras de falar esquisitas, ruins e estranhas.

3.3 Terceira parte do teste: avaliação das gravações

Na terceira parte do teste de atitudes, os alunos escutaram quatro gravações de falantes diferentes:

Falante 1: masculino, 55 anos, ensino fundamental incompleto;

Falante 2: feminino, 80 anos, ensino fundamental incompleto;

Falante 3: masculino, 25 anos, ensino superior completo;

Falante 4: feminino, 29 anos, ensino superior completo.

Os alunos não sabiam nenhuma característica desses falantes e deveriam avaliá-los, pela maneira de falar, quanto aos seguintes adjetivos: Inteligente, Honesto, Competente, Simpático, Rico e Boa pessoa. Os alunos receberam a seguinte instrução:

Quando ouvimos a voz de uma pessoa, sem vê-la, formamos impressões sobre ela. É o que provavelmente acontecerá com você quando ouvir os trechos gravados que lhe serão apresentados agora. São quatro gravações, cada uma delas trazendo a voz de pessoas diferentes. Depois de ouvir cada um desses pequenos trechos, indique a impressão que lhe causou, a partir das questões abaixo.

A sua resposta deve ser dada da seguinte maneira: atribua uma nota variando de 7 a 1, em relação às qualidades expressas pelos adjetivos que estão relacionados. Você tem seis adjetivos, cada um deles seguido de sete traços. Cada traço corresponde a uma nota.

Quanto mais próxima do adjetivo, maior será a nota. Assim, se você atribuir a um dos falantes a nota mais alta (7), em relação ao adjetivo inteligente, você deve colocá-la no traço próximo a esse adjetivo; se você atribuir a nota imediatamente inferior (6), deve colocá-la no segundo traço, e assim sucessivamente, até a menor (1), que deverá ser colocada, se for o caso, no último traço.

Você vai ouvir uma gravação de cada vez. Depois de cada uma delas, vamos lhe dar um tempo para você colocar as notas nos traços.

FALANTE I

Inteligente ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Honesto ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Competente ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

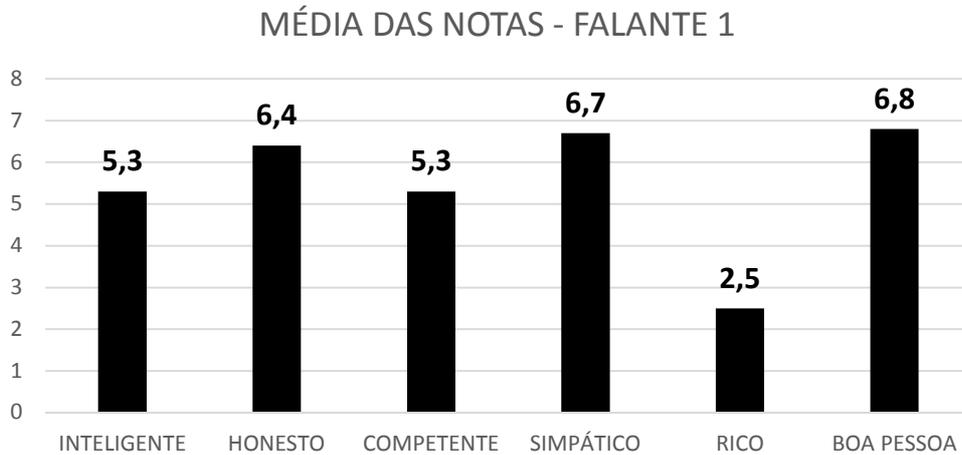
Simpático ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Rico ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Boa pessoa ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

(trecho retirado do Apêndice III)

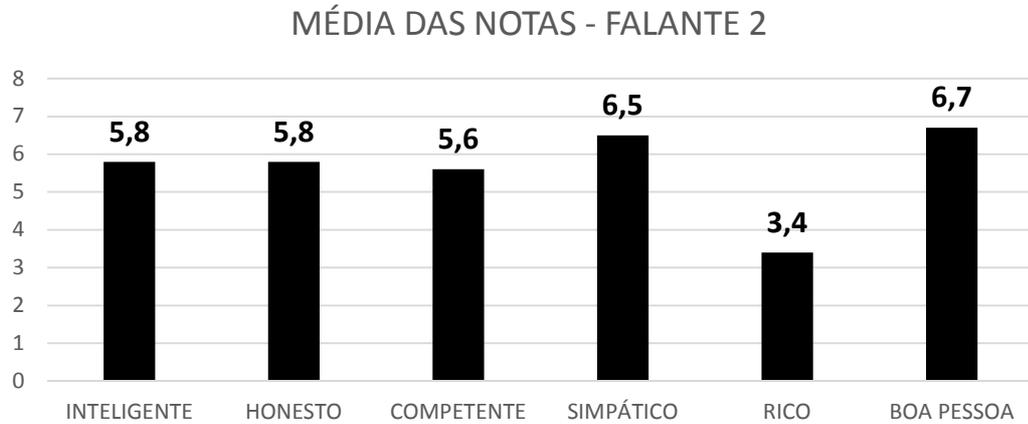
Fizemos os gráficos a seguir com a média das notas que cada falante recebeu dos alunos para os seis adjetivos:

Gráfico 1: Média das notas do Falante 1 (Terceira parte do Teste de Atitudes Linguísticas)

Fonte: as autoras

De acordo com o gráfico acima, o Falante 1, do sexo masculino, de 55 anos e cuja escolaridade é nível fundamental incompleto, recebeu nota mais baixa para o adjetivo “rico” (2,5 de 7,0 pontos). As outras duas notas mais baixas foram para “inteligente” (5,3) e “competente” (5,3). A variedade usada pelo Falante 1 (transcrição da gravação do falante está no Anexo II) não é uma variedade prestigiada. Além disso, a entrevista da qual participou permitiu o uso de uma linguagem menos monitorada e espontânea, por tratar de memórias da infância. Apesar dos alunos avaliarem, pela maneira de falar, o falante como pouco rico, não muito “inteligente” e nem tanto “competente”, os alunos deram notas mais altas para os adjetivos “honesto”, “simpático” e “boa pessoa”, indicando que, para eles, o uso de uma variedade “não-culta” diz sobre a condição social da pessoa e sua inteligência, mas não interfere em sua simpatia, honestidade e caráter (“boa pessoa”).

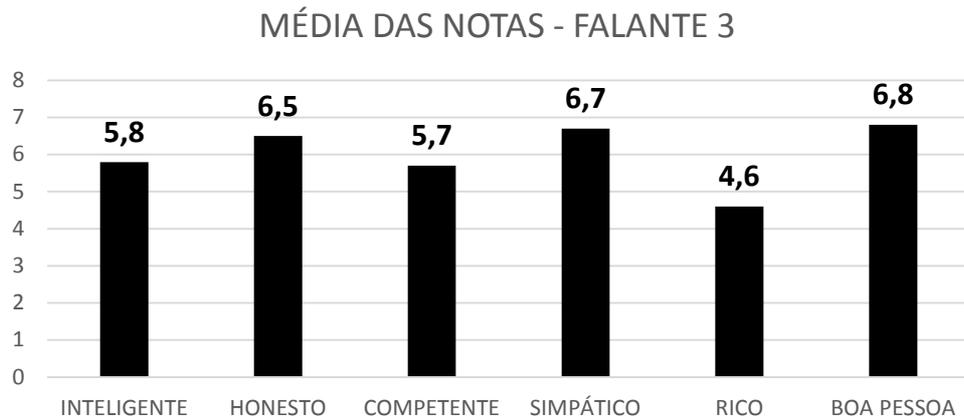
Para o Falante 2, temos o seguinte gráfico de notas para os adjetivos:

Gráfico 2: Média das notas do Falante 2 (Terceira parte do Teste de Atitudes Linguísticas)

Fonte: as autoras

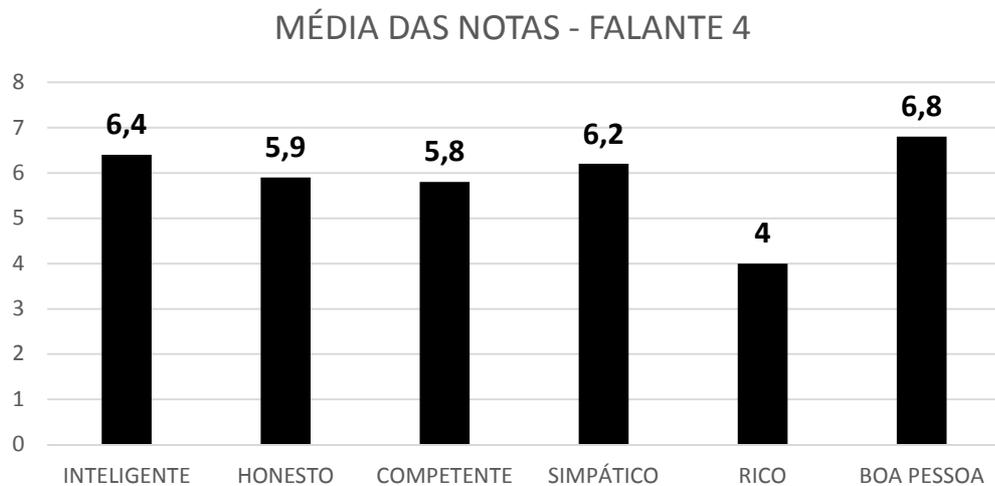
Para o Falante 2, de sexo feminino, de 80 anos, cuja escolaridade é ensino fundamental incompleto, de variedade não prestigiada (apesar do monitoramento da fala no momento da entrevista, principalmente no início) também foi atribuída nota mais baixa para o adjetivo “rico”. As notas mais altas continuaram, assim como para o Falante 1, para os adjetivos “simpático” e “boa pessoa”. O Falante 2 foi considerado mais inteligente que o Falante 1, porém menos honesto. A nota mais alta atribuída ao Falante 2 para o adjetivo “inteligente” pode ser justificada pelo fato de o Falante 2 monitorar mais a linguagem e empregar um número maior de estruturas linguísticas que mais se aproximam da norma culta, a concordância verbal, por exemplo. Os dados ainda indicam que, para os alunos, a fala de uma pessoa diz sobre a condição social/econômica e sobre sua inteligência, mas não diz negativamente sobre outras qualidades.

A seguir a média das notas do Falante 3:

Gráfico 3: Média das notas do Falante 3 (Terceira parte do Teste de Atitudes Linguísticas)

Fonte: as autoras

O Falante 3, diferentemente dos anteriores, era mais jovem e com o nível de escolaridade maior. É do sexo masculino, 25 anos e tem ensino superior completo. Usou também uma variedade não prestigiada, com algumas gírias. Os alunos também atribuíram ao Falante 3, como aponta o gráfico acima, uma nota baixa para o adjetivo “rico” (4.6), porém mais alta do que as notas do Falante 1 e do Falante 2. A segunda nota mais baixa foi para o adjetivo “competente” (5,7) e em seguida para o adjetivo “inteligente”. As notas mais altas foram para os adjetivos “honesto”(o mais honesto entre os falantes), “simpático” e “boa pessoa”. Em relação ao Falante 4, temos o gráfico a seguir:

Gráfico 4: Média das notas do Falante 4 (Terceira parte do Teste de Atitudes Linguísticas)

Fonte: as autoras

O Falante 4, de sexo feminino, de 29 anos e também com ensino superior completo, foi o falante com maior monitoramento da fala ao dizer sobre as memórias de sua infância. Podemos dizer que sua variedade está mais próxima da variedade culta da região. Foi o falante que ganhou a nota mais alta para o adjetivo “inteligente” (6,4), mas sua nota para o adjetivo “rico” (4) foi mais baixa que a do Falante 3. Também foi considerado “honesto”, “competente”, “simpático” e “boa pessoa”. É interessante observarmos que, de acordo com a nota dada pelos alunos, o fato do Falante 4 usar uma variedade mais próxima à culta não o faz ser considerado mais rico do que os outros, afinal, o Falante 3 obteve a nota mais alta para o adjetivo “rico”, mesmo utilizando uma variedade “não-culta” e um estilo mais informal que o Falante 4. Isso indica que, para os alunos, o maior domínio/uso de estruturas linguísticas mais próximas à norma culta relaciona-se ao grau de inteligência do falante, mas não, necessariamente, ao seu poder aquisitivo.

Como fica evidente na análise dos gráficos 1-4, a maioria dos alunos consideraram os falantes inteligentes, honestos, competentes, simpáticos e boas pessoas, atribuindo notas mais altas para esses adjetivos, sendo os adjetivos “simpático” e “boa pessoa” os que ganharam maiores notas entre os quatro falantes. O único adjetivo que teve nota mais baixa em relação aos demais adjetivos foi o “rico”. Isso nos mostrou que os alunos consideram a forma de falar de uma pessoa muito ligada à sua condição social/econômica, mas que a condição social não interfere no caráter do falante. Além disso, para os alunos, o fato de o falante usar uma variedade mais próxima à culta não o faz ser considerado mais rico, mas sim, mais inteligente.

Devemos considerar também como variante para esses dados, não só a maneira de falar (a variedade) do falante, mas também o conteúdo de cada gravação. Dizemos isso porque ao aplicarmos a última parte do teste, alguns alunos comentaram espontaneamente sobre a realidade de vida dos falantes na infância, não considerando que, talvez, na fase adulta, os falantes possam ter mudado sua condição social. Afinal, alguns falantes disseram ter passado uma infância pobre, sem muitos recursos. Apesar dessa questão, consideramos que, segundo a avaliação dos alunos, a variedade linguística usada por uma pessoa diz muito sobre sua condição social/econômica e grau de inteligência, mas não sobre outras qualidades/características dela. A seguir, trataremos da proposta de intervenção da pesquisa – o Caderno de Atividades e Manual do Professor – elaborada a partir dos resultados do teste de atitudes.

4. A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

O Caderno de Atividades (intervenção em sala de aula), sobre as variações linguísticas, para ser trabalhado nas aulas de língua portuguesa do Ensino Fundamental II, é um dos produtos desta pesquisa, que procurou evidenciar quais as atitudes (as avaliações) que estudantes do 7º Ano de uma escola pública de Uberaba-MG apresentam em relação a diferentes variações linguísticas. A partir do resultado do teste de atitudes aplicado, foi montado um Caderno de Atividades que permita aos alunos terem contato com diferentes (não todas) variações da língua (motivadas por fatores extralinguísticos e também por fatores internos à língua – níveis linguísticos), cujas atividades promoveram e promoverão análises e reflexões sobre a língua portuguesa e suas variedades, propondo aos alunos trabalhos e questões reflexivas sobre essas variações, valendo-se de uma pedagogia mais sensível às variações linguísticas, como propõem Bagno (2007) e Zilles e Faraco (2015), uma pedagogia da variação linguística.

Sendo assim, o Caderno de Atividades pode ser aplicado nos anos finais do Ensino Fundamental em qualquer escola do país, bem como pode ser adaptado pelos professores de acordo com as necessidades da turma. Trata-se, na verdade, de uma proposta de como o professor pode trabalhar com a variação linguística em sala de aula.

Baseando-nos em uma proposta de reeducação sociolinguística (BAGNO, 2007, p.84-85), o material com as atividades sobre os diferentes tipos de variações linguísticas deverá:

- Levar o aluno a conhecer diferentes variações linguísticas (não apenas as que o livro didático apresenta, como a geográfica e lexical);
- Fazer o aluno se conscientizar dos valores (e não aceitá-los) que existem na sociedade em relação a determinadas variações linguísticas;
- Fazer o aluno reconhecer que é capaz de se expressar e se comunicar bem e de que sua variedade linguística não é “errada”;
- Promover a autoestima linguística dos alunos;
- Garantir o acesso dos alunos a outras formas de falar e de escrever, ampliando seu repertório comunicativo;
- Promover o reconhecimento da diversidade linguística do país e o quão positivo e enriquecedor isso é;
- Fazer o aluno refletir sobre os fenômenos linguísticos e as estruturas que os explicam/justificam;
- Desconstruir o preconceito linguístico;

- Conscientizar o aluno do poder da linguagem e de que a língua pode ser usada como instrumento de promoção e de repressão/discriminação social.

A estrutura e a aplicação do Caderno de Atividades serão descritas a seguir.

4.1. A estrutura do Caderno de Atividades

O Caderno de Atividades (Apêndice E) será dividido em duas partes: Atividades e Manual do Professor. O Manual do Professor conterá um resumo teórico a respeito da Sociolinguística, sugestões de leituras da área para o professor e também orientações para a condução de cada questão do Caderno de Atividades. A parte das atividades (destinada aos alunos) terá uma apresentação para o aluno e conterá doze questões abordando as seguintes variedades linguísticas: geográfica, social, histórica, lexical, fonético-fonológica, morfológica, sintática e estilística. É importante esclarecermos que algumas dessas variedades já são abordadas em alguns livros didáticos, como a geográfica e a lexical, porém de maneira muito superficial e, às vezes, estereotipadas. O enfoque desse caderno será, portanto, promover discussões, reflexões e análises dessas variedades de forma mais aprofundada.

Para isso, cada questão vem com orientações para o professor de Língua Portuguesa trabalhar com os alunos (Manual do Professor), além de boxes com sugestões de pesquisas linguísticas para os alunos realizarem e algumas curiosidades (para os alunos) sobre os estudos sociolinguísticos. Em cada uma das doze questões do caderno, também haverá perguntas específicas para os alunos, divididas em letras a, b, c e d (não será múltipla escolha), sendo que nem todas as questões terão a mesma formatação. Haverá questões divididas em duas letras, três ou até quatro letras. Serão questões discursivas (para privilegiar discussões/reflexões) e acompanhadas também de explicações e comentários sobre a variedade exposta na questão.

Definidos os tipos de variações a serem trabalhados com os alunos (variação geográfica, social, histórica, lexical, fonético-fonológica, morfológica, sintática e estilística), os textos (em seus mais diversos gêneros textuais) escolhidos serão retirados da internet e de livros que abordam o tema da Sociolinguística Educacional, como os de Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Scherre (2005), Bagno (2007) e Zilles e Faraco (2015).

Sendo assim, o Caderno de Atividades foi montado e planejado através de tais textos/estudos e tanto o Manual do Professor, as orientações das questões (para o professor), quanto às perguntas para os alunos tiveram como base o arcabouço teórico da Sociolinguística

estudado na pesquisa, levando em conta os resultados dos testes de atitudes obtidos nela. Cabe-nos ressaltar que o Caderno de Atividades com as variações linguísticas será apenas uma proposta e uma sugestão para o professor de Língua Portuguesa trabalhar com a Sociolinguística em sala de aula, ou seja, o professor terá autonomia para fazer modificações que julgar necessárias e também montar seu próprio material sobre as variações linguísticas.

4.2. A aplicação do Caderno de Atividades

Para garantir a aplicabilidade/funcionalidade do Caderno de Atividades proposto, este foi aplicado na turma do 7º Ano de 2018 da escola pública, cujos alunos participaram da pesquisa, e também na turma do 7º Ano de 2017, então 8º Ano, ambas as aplicações realizadas no segundo semestre de 2018. Após a aplicação das atividades aos alunos, foram feitas algumas modificações no caderno em sua versão final.

Para a aplicação do Caderno de Atividades em sala de aula, foi explicado aos alunos que o Caderno foi elaborado a partir do teste de atitudes linguísticas de que eles participaram anteriormente e que durante a aplicação das atividades, eles poderiam se sentir à vontade para fazer perguntas e dar sugestões para melhoria do Caderno. A participação dos alunos na aplicação das atividades também valeu pontos na avaliação escolar.

O tempo de aplicação do Caderno de Atividades não foi o mesmo para cada turma. A turma de 2017 (Turma 1), atual 8º Ano, levou, aproximadamente, 10 horas-aula e a turma de 2018 (Turma 2) levou, aproximadamente, 13 horas-aula para concluir as atividades. A diferença se justifica pelo nível de maturidade dos alunos, isto é, pelo ano de escolarização e pela quantidade de alunos em cada turma. Os alunos da Turma 1 levaram as atividades com mais seriedade. É necessário considerarmos também que a Turma 2 tem o dobro de alunos da Turma 1 e conta com três alunos com necessidades educativas especiais.

A aplicação do caderno se fez necessária para que fique comprovado que é possível trabalhar com a variação linguística na escola, de forma que o assunto se torne interessante e constante na vida dos alunos. Foram levados em consideração, na análise dos dados da pesquisa, a participação e o envolvimento dos alunos na aplicação das atividades do Caderno, bem como as reflexões, dificuldades e dúvidas surgidas. As possíveis dificuldades encontradas na aplicação, bem como as questões que promoveram maior participação e envolvimento dos alunos serão relatadas na próxima seção da dissertação.

4.3. O Manual do Professor

O Manual do Professor foi elaborado com o objetivo de auxiliar o professor na aplicação do Caderno de Atividades e também deixá-lo mais seguro ao trabalhar com a Sociolinguística, haja vista a forte presença da tradição prescritiva no ensino de língua portuguesa e do preconceito linguístico presente não só na escola, como também na sociedade.

Como apontamos anteriormente, na subseção 1.1 (A Pedagogia da Variação Linguística), muitos professores de língua portuguesa sentem-se despreparados para o trabalho com as variações linguísticas em sala de aula, seja por lacunas em sua formação acadêmico-profissional, seja por insegurança em trabalhar com esse tema. Assim, preferem trabalhar com atividades de leitura e escrita mais “tradicionais”, que acabam não levando os alunos a pensarem/refletirem/pesquisarem sobre a língua portuguesa.

Pensando nisso, é que esta pesquisa, além de produzir um Caderno de Atividades Sociolinguísticas para os alunos, elaborou um Manual do Professor para orientar esse profissional na aplicação de cada questão do Caderno e também para auxiliá-lo em seu trabalho com a Sociolinguística em sala de aula, deixando-o mais familiarizado com a área. Afinal, como nos mostra Cyranka (2016, p.154), “os professores precisam estar sustentados por uma reflexão teórica suficiente” para o trabalho com a Sociolinguística na escola. Um dos grandes objetivos do Manual (e também do Caderno) é que o professor perceba que é possível levar as variações linguísticas para a sala de aula, sem, contudo, prejudicar a competência comunicativa dos alunos.

O Manual do Professor (Apêndice F) apresenta: i) o público-alvo a que o Caderno de Atividades se dirige; ii) o tempo estimado para aplicação do Caderno de Atividades; iii) a apresentação para o professor do que se espera com a aplicação do Caderno de Atividades, qual o objetivo do Manual e o que está contido nele; iv) um resumo teórico sobre a Sociolinguística; v) sugestões de leitura sobre a área da Sociolinguística; e, por fim, vi) as orientações para condução de cada questão do Caderno de Atividades. É importante ressaltarmos que as orientações contidas no Manual partiram dos resultados do teste de atitudes e do que foi percebido durante a aplicação das questões em sala de aula: dificuldades encontradas e dúvidas/participação dos alunos, por exemplo.

5. RELATO DA APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A aplicação das atividades do Caderno de Atividades aconteceu no segundo semestre de 2018, nos meses de agosto e setembro. A aplicação aconteceu nas duas turmas (no horário da aula de Língua Portuguesa de cada turma) em que os alunos participaram do teste: a turma do 7º Ano de 2017 (Turma1), então 8º Ano, e a turma do 7º Ano de 2018 (Turma 2). Da Turma 1, participaram os 22 alunos frequentes da sala. Da Turma 2, participaram os 40 alunos frequentes da sala. É importante salientarmos que nem todos os alunos das duas turmas participaram do teste, afinal alguns alunos mudaram de escola e outros novos alunos chegaram. Além disso, dos alunos das duas turmas que participaram do teste, apenas 18 alunos entregaram a autorização do responsável assinada para que pudéssemos utilizar na pesquisa os dados colhidos.

Como a escola só disponibiliza cópias em preto e branco, consideramos melhor usar o projetor da escola e trabalhar com os alunos a versão a cores do Caderno de Atividades. Sendo assim, os alunos anotavam no caderno de Língua Portuguesa as respostas para as questões do Caderno de Atividades que eram lidas por eles na tela grande da escola. Para o tempo estimado da aplicação de todas as atividades (Manual do Professor), desconsideramos o tempo de montagem do projetor e apetrechos tecnológicos e fizemos uma média entre o tempo levado em cada uma das turmas. Abaixo, relatamos os fatos relevantes da aplicação de cada questão do Caderno de Atividades nas duas turmas.

Antes de iniciarmos a Questão1, foi explicado para os alunos das duas turmas que eles iriam participar de algumas atividades que foram preparadas a partir do teste de atitudes, que alguns deles fizeram anteriormente, para a pesquisa de mestrado da professora de Língua Portuguesa deles. Sendo assim, explicamos que as questões, os boxes explicativos foram elaborados pela professora e que eles poderiam se sentir à vontade para fazerem perguntas, críticas e/ou darem sugestões de melhoria para as atividades elaboradas. Dissemos, também, que a participação de todos era muito importante para a continuação da pesquisa e que aqueles que participassem com frequência das atividades seriam avaliados positivamente pela professora, recebendo pontos de participação para o bimestre (as notas da escola são divididas em bimestres). Os alunos demonstraram interesse, ficaram curiosos e animados para responderem as questões.

5.1. Relato da aplicação das atividades por “questão”: 1 a 12

Nesta subseção, apresentamos o detalhamento da aplicação das questões elaboradas para o Caderno de Atividades:

Questão 1

Iniciando o Caderno de Atividades, lemos a “Apresentação” para os alunos e, no tópico seguinte, “Trabalhando com a diversidade linguística”, solicitamos que um dos alunos lesse para a turma. A sala da Turma 2 tinha um mapa político do Brasil, que utilizamos para mostrar o grandeza do nosso território e para reforçarmos a diversidade presente no país. Ao iniciarmos a primeira questão, com o texto “Tipos de Assaltantes”, deixamos os alunos escolherem qual tipo de assaltante cada um leria em voz alta para a turma. Os alunos de ambas as turmas acharam muito engraçado o texto da primeira questão. Os alunos da Turma 2 pediram para lerem o texto novamente, dando oportunidade para outros alunos lerem. Lemos as perguntas da questão e deixamos alguns minutos para serem respondidas. Em seguida, pedimos para alguns alunos lerem as respostas.

Notamos que muitos alunos pensaram que a piada era apenas a maneira de falar de cada estado brasileiro citado na piada e não se atentaram para o fato de o “Assaltante Candango (Brasília)” ser um personagem relacionado à política. Além disso, ao perguntarmos se eles consideravam que era realmente assim que as pessoas dos estados citados falavam, uma grande parte dos alunos disse que sim. Apenas um aluno da Turma 2 e duas alunas da Turma 1 disseram que nem todos falavam dessa forma e que a piada exagerou um pouco. Quanto à última pergunta, os alunos tiveram dificuldade em responder/refletir por que as pessoas de cada estado falam de forma diferente mesmo falando a mesma língua. Para ajudá-los, lemos o caixa de diálogo explicando sobre variações linguísticas e complementamos fazendo algumas considerações sobre o caráter variável das línguas e se os alunos já tinham percebido ou pensado nisso. Muitos disseram que não. Concluímos que os alunos, apesar de estarem na escola há aproximadamente sete anos, não têm o costume de refletir sobre questões relacionadas à própria língua, mesmo tendo essa disciplina na escola por muitos anos. O tempo de duração dessa atividade foi de 35 minutos na Turma 1 e 45 minutos na Turma 2.

Questão 2

Para a segunda questão, um dos alunos de cada turma leu o poema “Pronominais”, de Oswald de Andrade. Antes de lermos as perguntas da questão, trabalhamos com os alunos o que eles entenderam do poema e se já tinham lido algum outro poema desse mesmo autor, se já tinham ouvido falar nele. Comentamos, também, rapidamente, um pouco sobre a vida do autor. Em seguida, lemos as perguntas e deixamos os alunos respondê-las individualmente no caderno.

Após a resposta individual, socializamos e discutimos as respostas de alguns alunos que quiseram compartilhar. Todos os alunos afirmaram que não há diferença de sentido entre “Dê-me um cigarro” e “Me dá um cigarro”, dizendo que a segunda construção é mais usada. Ficaram um pouco indecisos ao serem questionados sobre quem “dita” as regras presentes na gramática, principalmente os alunos da Turma 2. Tivemos respostas como: “os professores”, “os escritores”, “pessoas importantes”. Isso demonstrou que os alunos têm a consciência de que as regras da gramática foram feitas por pessoas letradas e com alto grau de escolaridade. Na última pergunta da questão: “O que podemos perceber nesse poema é que nem sempre usamos, em nossa fala, o que diz a gramática. Por que isso ocorre?”, os alunos deram as seguintes respostas: “porque o que está na gramática é difícil”, “porque a gente gosta de falar do jeito que a gente quer”, “porque a gramática é muito chata”. Isso nos permitiu refletir/inferir que o fato dos alunos demonstrarem não gostar do que está na gramática está relacionado à distância entre as regras gramaticais e a variedade usada por eles.

Em seguida, falamos sobre os conceitos de “norma culta”, “norma padrão”, sobre os tipos de gramática. Levamos para os alunos alguns exemplos de gramática normativa para eles olharem/conhecerem. Discutimos também sobre quem dita as regras da gramática e das relações de poder entre língua e sociedade. Os alunos não tinham conhecimento da existência de outros tipos de gramática, por isso passamos como tarefa uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto e ressaltamos a importância de colocar a fonte utilizada na pesquisa. Percebemos, nessa atividade, o quanto a gramática normativa é uma questão problemática para os alunos dessas turmas, afinal, eles demonstraram, de maneira geral, uma forte aversão a e estranheza com as regras da gramática normativa. Isso provavelmente se dá pelo fato de os alunos terem uma variedade muito distante da que a escola tenta lhes ensinar. Percebemos, também, que é uma falha da escola (dos professores, talvez) não usarem outros tipos de gramática durante as aulas de Língua Portuguesa, para conhecimento dos alunos. O tempo de duração da atividade foi de 40 minutos na Turma 1 e 50 minutos na Turma 2.

Questão 3

Na terceira questão, foi utilizada uma tirinha da Turma do Xaxado para trabalharmos as variações regional e social. Pedimos para três alunos de cada sala interpretarem (lerem em voz alta) a fala de cada personagem da tirinha e deixamos alguns minutos para os alunos responderem as questões. Os alunos, ao compartilharem as respostas que colocaram, perceberam que Artuzim e Zé Pequeno falam de forma diferente e também se vestem de maneira diferente. Pela tirinha (analisando a linguagem verbal e não verbal), alguns alunos disseram que o fato de falarem diferente é “porque o Artuzim é rico” e “porque o Zé pequeno é da roça.”

Após a discussão sobre as respostas dos alunos, lemos a caixa de diálogo que explica sobre a variação social e variação regional. Um aluno da Turma 2 pediu para explicarmos qual o significado de “classe social”. Percebemos que alguns alunos dessa turma também ficaram em dúvida sobre esse termo, que foi explicado pela professora. Ainda nessa questão, escutamos alguns comentários de que os personagens Zé Pequeno e a mãe dele falavam “errado”, dando alguns exemplos de palavras usadas por eles na tirinha. Tais comentários dos alunos nos fizeram refletir sobre o fato de que ainda é muito presente na escola a questão do “falar certo” e “falar errado”, o que, como sabemos, é um entrave para discussões sobre o aprendizado da nossa língua. Deixamos para comentar sobre o “certo” e “errado” na Questão 8. A atividade teve 25 minutos de duração na Turma 1 e 35 minutos na Turma 2.

Questão 4

A quarta questão utilizou dois textos, um trecho da crônica “Antigamente”, de Carlos Drummond de Andrade, e uma carta escrita pelo poeta Casimiro de Abreu ao seu pai, em 1857, para trabalhar com a variação temporal/diacrônica/histórica. A leitura dos textos pelos alunos (leitura em voz alta, íamos alternando a vez de cada aluno ler, para todos participarem) causou um pequeno alvoroço, pois os alunos não estavam entendendo muitas palavras. Após a leitura, foi explicado o sentido de algumas palavras (pois uma das atividades era pesquisar o significado das palavras desconhecidas) e os alunos responderam as questões no caderno. O tempo para as respostas foi um pouco maior porque a questão tinha quatro atividades, dentre elas a reescrita da carta, levando em conta o contexto atual.

Foram levados alguns dicionários para a sala, mas muitos alunos optaram por pesquisar no celular o significado das palavras e expressões desconhecidas. Para nosso

desapontamento, alguns alunos tiveram dificuldade em dizer por que não usamos mais algumas das palavras do texto “Antigamente”. Poucos alunos concluíram que a língua muda com o passar dos anos.

É importante esclarecermos que o Texto 2 (carta de Casimiro de Abreu de 1857) foi utilizado no teste de atitudes e reutilizado no Caderno de Atividades para podermos trabalhá-lo mais detalhadamente, afinal no teste de atitudes não houve interferência do professor, nem comentários sobre a resposta dos alunos. Sendo assim, as duas perguntas referentes ao Texto 2 foram as mesmas do teste de atitudes. Alguns alunos reconheceram o texto. Como os alunos que participaram do teste não discorreram muito sobre as questões, consideramos melhor trabalhar as questões do Texto 2 coletivamente, analisando a linguagem usada por Casimiro de Abreu e comentando sobre como seria atualmente.

Muitos alunos comentaram que atualmente nenhum filho escreveria uma carta ao pai, pois tem outros meios mais rápidos para se comunicarem: um telefonema, uma mensagem no WhatsApp. Sendo assim, na proposta de reescrita da carta, deixamos que alguns alunos (da Turma 2), que haviam solicitado, escrevessem no caderno uma conversa no WhatsApp ao pai. Após a reescrita da carta, a maioria dos alunos leu para a turma o que escreveram. Consideramos positivo o fato dos alunos perceberem a mudança que as tecnologias trouxeram para a língua/linguagem e isso promoveu discussões interessantes na aula. O tempo de duração da atividade foi de 50 min (uma hora-aula) em ambas as turmas.

Questão 5

A Questão 5 trabalhou a variação geográfica/diatópica. Utilizamos nessa questão o mesmo texto (“Unificação linguística, que clareza!”, de Millôr Fernandes) utilizado no teste de atitudes para trabalhar com esse tipo de variação. O diferencial foi que antes de iniciarmos a questão, lemos sobre os nove países que falam a língua portuguesa e fizemos os alunos refletirem (assim como indica o que está escrito no Caderno) se a língua portuguesa falada nesses países é falada da mesma forma. Após essa reflexão inicial, um dos alunos de cada sala leu (em voz alta) o texto e todos os alunos responderam as questões. Após a escrita das respostas dos alunos para as letras “a” e “b” da questão, os alunos socializaram as respostas e discutimos sobre as variações geográficas da nossa língua.

Acreditamos que com a intervenção do professor nas discussões sobre o texto, os alunos puderam perceber e entender mais sobre a questão do que demonstraram no teste de atitudes. Também esclarecemos para os alunos que o texto de Millôr Fernandes foi criado

para criticar o fato de muitas pessoas proporem uma unificação linguística para os países falantes da língua portuguesa e que, como mostra o Caderno, o escritor criou seu texto para explicitar, de modo generalizado e cômico, as diferenças do português de Portugal e do português do Brasil. Dissemos que foi um texto “artificial”, que não mostra o uso real dos falantes portugueses. O tempo de duração da questão foi de 25 minutos na Turma 1 e 40 minutos na Turma 2.

Questão 6

Como o Caderno de Atividades procura, pedagogicamente, conectar os conceitos trabalhados em cada questão, a sexta questão pode ser considerada uma continuação/extensão da questão anterior. Na Questão 6, escolhemos um texto para mostrar aos alunos o uso real e atual da língua portuguesa de Portugal. Como os alunos de ambas as turmas deixam bem explícito o gosto que têm pelo futebol (levando em consideração que o ano de aplicação do Caderno foi o ano da Copa do Mundo), escolhemos um trecho da entrevista do jogador Cristiano Ronaldo para a marca de roupas e sapatos *Sacoor Brothers* para trabalharmos nessa questão. Cada pergunta e resposta da entrevista do jogador foram lidas em voz alta por um aluno diferente. Em seguida, os alunos responderam as perguntas referentes à entrevista e socializaram as respostas. Foi necessário, como o Caderno de Atividades foi projetado em sala de aula, voltar várias vezes na entrevista para os alunos responderem as letras das questões.

Ao responderem a letra “a” da questão, os alunos perceberam com facilidade algumas diferenças entre o Português do Brasil e o de Portugal, presentes na entrevista. Foram elas: “dava” no lugar de “daria”, “génio” no lugar de “gênio”, “percentagem” no lugar de “porcentagem”, “a começar” no lugar de “começando”. Além disso, alguns alunos perceberam que o uso da palavra “fato” ficou “estranho”. Ao explicarmos sobre a variação morfológica, percebemos que os alunos (principalmente os da Turma 2) tiveram um pouco de dificuldade em entender a nomenclatura e relacioná-la com a variação entre “a começar” e “começando”. Foi preciso explicar e retomar a matéria estudada sobre os verbos e também explicar mais sobre do que trata a Morfologia. Quanto à variação lexical, apesar do estranhamento da palavra “léxico”, os alunos tiveram mais facilidade na leitura e entendimento da caixa de diálogo. Os alunos gostaram dos resultados encontrados na pesquisa feita sobre outros exemplos de variação lexical na língua portuguesa. A resolução da questão demorou 35 minutos na Turma 1 e 50 minutos na Turma 2.

Questão 7

O texto utilizado para a essa questão foi um dos utilizados no teste de atitudes: uma entrevista oral, transcrita, na qual a entrevistada fala sobre ter filhos. Assim como vimos no resultado do teste, muitos alunos escreviam em seu caderno que não usavam a mesma forma de falar da entrevistada, que achavam que ela era de algum estado do Nordeste do país e que provavelmente era de classe baixa ou média. Quando eles socializaram as respostas, em nossas discussões, instigamos os alunos com perguntas como: “você têm certeza que não usam nada que a entrevistada usou em sua fala? Vocês não usam “fĩ” (filho), “i” (ir), “po” (para o)...”, “Vocês acham que podemos afirmar a classe social de uma pessoa só pela fala dela, sem conhecê-la?” “Essa entrevistada não poderia ser de Minas Gerais ou de alguma cidade do interior de São Paulo?”.

Observamos que os alunos começaram a refletir mais sobre a questão. Eles perceberam que têm uma forma de falar parecida com a da entrevistada e que julgar uma pessoa somente pelo seu modo de falar pode “não dar muito certo”. Os alunos reescreveram a fala da entrevistada seguindo a norma culta da língua (conforme foi solicitado na atividade) e leram para a turma. Foi interessante notar que algumas reescritas ficaram bem diferentes e que alguns trechos não foram passados para a norma culta, pois os alunos não perceberam certas inadequações. Foi necessário, nessa questão, explicar um pouco sobre a área da fonologia, qual o significado de “fonética”, para os alunos entenderem melhor o que seria uma variação fonético-fonológica. Além disso, os alunos gostaram da indicação do livro “A língua de Eulália” e ficaram curiosos para ler. Contamos um pouco sobre a história do livro e levamos o livro para os alunos conhecerem, haja vista que não há nenhum exemplar na biblioteca da escola. Um dos alunos pegou o livro emprestado e assim que terminasse a leitura, emprestaria para outro colega. A duração da questão foi de 40 minutos na Turma 1 e 50 minutos da Turma 2.

Questão 8

A oitava questão apresentou aos alunos um fragmento de um texto do poeta brasileiro Manuel Bandeira, no qual o poeta fala sobre a língua portuguesa e sobre a “língua certa” e a “língua errada do povo”. Os alunos leram o texto e não entenderam muito o final, pois desconheciam as palavras “macaquear”, “sintaxe” (alguns alunos não recordaram sobre essa palavra já estudada) e “lusíada”. Então explicamos sobre isso, mas pedimos que procurassem o significado delas (durante a aula) e escrevessem no caderno.

Os alunos responderam individualmente as perguntas da questão e, ao compartilharem as respostas com a turma, verificamos que muitos acreditam que a língua errada é a que não segue a gramática e que a língua certa é a que aprendem na escola. Poucos alunos (das duas turmas) responderam que não existe língua errada e língua certa e que a língua errada seria quando não entendemos o que alguém está dizendo e que a língua certa é quando entendemos a fala do outro (um aluno da Turma 2 escreveu em seu caderno essa resposta).

Assim como Manuel Bandeira, os alunos também consideram melhor a língua que o “povo” fala, disseram que era mais “simples”, “mais fácil de entender”. Na letra “c” da questão eles anotaram o significado das palavras e conseguiram compreender melhor o texto. Na letra “d” os alunos também tiveram dificuldade em responder, portanto foi preciso nossa intervenção. Os alunos concluíram que o “nós” do texto se refere aos escritores e também aos brasileiros que tentam seguir a gramática de Portugal. O tempo de duração foi de 35 minutos na Turma 1 e 45 minutos na Turma 2. No fim da questão, foi explicado aos alunos, nos balões de diálogo do Caderno, sobre a Sociolinguística e sobre a heterogeneidade constitutiva das línguas.

Questão 9

A questão nove trabalhou com duas tirinhas. A Tirinha 1 tratava da variação regional (jeito de falar “caipira”) e a Tirinha 2 era sobre a variação histórica (a evolução da língua desde 1940 a 2010). Os alunos deveriam: responder de qual tipo de variação linguística tratava cada tirinha, explicar a Tirinha 1, falar se existe preconceito com as pessoas que moram no interior (e dar exemplos de preconceito) e inventar um outro quadrinho para a Tirinha 2 mostrando como a linguagem seria usada no ano de 2018.

Muitos alunos conseguiram responder as questões sem a intervenção da professora. A maioria acertou as variações das tirinhas e disseram que existe preconceito com quem mora no interior. Citaram, como exemplos, piadas da internet e estereótipos divulgados pela mídia. Alguns alunos, no entanto, disseram que não há preconceito quanto a isso. A atividade de que mais gostaram da questão foi a última: inventar um outro quadrinho mostrando como seria um diálogo romântico em 2018. Os alunos usaram muitas gírias e leram/mostraram para a turma como ficou o quadrinho que inventaram. Abaixo, seguem exemplos do diálogo feito pelos alunos:

- 1) “ E aí, pelin, hoje vai rolar?

Mas você tem a pegada?” (Turma 1)

2) “E aí, bebê, vamu fechá?
Demorô fí!” (Turma 1)

3) “Somos amigos há muito tempo. Quer namorar comigo?
Depende... você vai me dar comida?” (Turma 2)

4) “E aí, truta? Bora se pegar ali?
Bora, demorou, bebê!” (Turma 2)

5) “E aí, mina? Tô doido pra te dá uns pega. Tá afim?
Talvez, se for atrás da escola...” (Turma 2)

Ao final da questão, foi mostrada aos alunos uma caixa de diálogo que explica sobre o preconceito linguístico e os orienta para combaterem esse tipo de preconceito, assim como outros preconceitos, mostrando que não se deve julgar uma pessoa pela sua maneira de falar. A aplicação da questão ocorreu em uma hora/aula (50 min.) para cada turma.

Questão 10

Outras duas tirinhas foram escolhidas para a décima questão para tratar do uso de pronomes na língua portuguesa e da variação sintática (caixa de diálogo conclusiva da questão). A Tirinha 1 tem como personagens Garfield e Jon, ambos muito conhecidos pelos alunos, na qual Jon utiliza uma fala que não segue a prescrição da gramática normativa: “Eu finalmente preguei ela (a tábua) no lugar”. Na Tirinha 2, da Turma da Mônica, a personagem Mônica utiliza a seguinte construção: “Empresta pra mim?”.

Após a leitura das Tirinhas pelos alunos (eles interpretaram os personagens), passamos para as perguntas. Os alunos deveriam responder o que entenderam de cada tirinha e qual o fato que gerava humor em cada um delas, explicar de que ou quem se tratava o pronome “ela” na Tirinha 1 e por que a fala de Jon não está de acordo com a gramática normativa, e escrever outras possibilidades de dizer “Empresta pra mim?”.

Consideramos importante destacar nesta questão o fato dos alunos de ambas as turmas terem dificuldade em achar o “erro” na fala de Jon: “Eu finalmente preguei ela (a tábua) no lugar”. Para os alunos, a fala de Jon não continha nenhuma inadequação, por isso tiveram dificuldades em reescrever a fala seguindo a prescrição da gramática. Foi necessária a intervenção da professora. Percebemos que o uso do pronome pessoal do caso reto como

complemento (objeto direto) do verbo se tornou muito comum e que, provavelmente, devido a isso, os alunos tiveram dificuldade em responder essa letra da questão. As demais perguntas foram respondidas com mais facilidade e as respostas foram socializadas para a turma. A duração da questão foi de 50 minutos na Turma 1 e de 70 minutos (1h10) na Turma 2.

Questão 11

A questão onze trabalhou com a variação estilística, usando uma imagem em que um surfista de terno e gravata, na praia, apresenta a seguinte fala para outro surfista, que trajava apenas um calção de banho: “Veja que belos movimentos elípticos fazem essas ondas, meu caro amigo. Pegá-las-emos nesse instante ou mais tardiamente?”. Foram feitas as seguintes perguntas para os alunos: “a) O que você achou da linguagem e da vestimenta usada pelo primeiro surfista? Elas estão adequadas ao contexto? Justifique.” e foi pedido aos alunos para reescreverem a fala do surfista, adequando-a ao contexto de uso.

Dentre as anotações feitas durante a aplicação dessa questão, podemos destacar o estranhamento dos alunos com a fala do surfista (principalmente com a mesóclise empregada por ele) e também com a sua vestimenta na praia. Alguns alunos não entenderam o significado de “movimentos elípticos” pelo contexto e os próprios alunos que haviam entendido explicaram para eles, não necessitando de uma intervenção direta da professora. Algumas reescritas da fala do surfista foram:

- 1) “E aí cara, olha que onda envolvente, vamo pega agora ou mais tarde?” (Turma 1)
- 2) “Olha cara, olha os movimentos dessas ondas, brother! Vamo pegar agora ou depois?”
(Turma 1)
- 3) E aí mano bora pegar uma onda. Bora pegar agora ou mais tarde, truta? (Turma 2)
- 4) E aí mano? Essas ondas ta massa. Vai pega agora ou mais tarde? (Turma 2)

A aplicação da questão durou 35 minutos da Turma 1 e 40 minutos na Turma 2.

Questão 12

A questão doze, a última do Caderno, destinou-se a revisar os conceitos aprendidos durante a aplicação do Caderno de Atividades. Os alunos deveriam escrever o que entenderam

sobre variação linguística e por que ela ocorre (quais as causas, os motivos). Em seguida, eles deveriam escolher dois tipos de variação para conceituarem e darem exemplos. Para terminar as atividades, como foram trabalhadas muitas tirinhas nas questões, foi pedido para os alunos criarem uma pequena história em quadrinhos com personagens que utilizassem diferentes variações linguísticas. Os alunos poderiam utilizar variações linguísticas de seu cotidiano.

Como a aplicação de todo o caderno demorou algumas semanas, pois foi intercalada com conteúdos, provas e atividades que deveriam seguir o currículo e o calendário escolar, consideramos melhor fazer uma revisão de todos os conceitos trabalhados no Caderno antes dos alunos responderem a questão doze. Após a revisão, os alunos tiveram mais facilidade em responder o que foi pedido, afinal quase todos os conceitos eram novos para os alunos de ambas as turmas e no final percebemos a grande quantidade de conceitos que foram apresentados aos alunos. A última atividade do caderno: criar uma pequena história em quadrinhos com variações linguísticas, envolveu muito os alunos, pois eles gostam de trabalhar com desenhos, com criação de histórias. Eles fizeram a atividade na própria folha do caderno, durante a aula de Língua Portuguesa. A duração da aplicação da questão doze foi de duas horas/aula em ambas as turmas. Ao finalizarmos as atividades do Caderno, agradecemos a participação e a contribuição dos alunos para nossa pesquisa.

5.2. Considerações Finais sobre a aplicação do Caderno de Atividades

O fim das atividades promoveu algumas mudanças tanto no Caderno de Atividades, quanto no Manual do Professor. O tempo de duração das atividades foi aumentado (de seis horas/aula para 12 horas/aula), foi acrescentada uma caixa de diálogo após a segunda questão para exemplificar e esclarecer melhor as diferenças entre norma culta e norma padrão. Além disso, algumas dúvidas e comentários dos alunos resultaram em acréscimos nas orientações para o professor sobre como trabalhar as questões do Caderno com os alunos.

A aplicação do Caderno de Atividades demonstrou que é possível trabalhar com as variações linguísticas em sala de aula, de modo que os alunos se interessem pelo assunto e possam aprender/conhecer mais sobre a língua que falam, a que aprendem na escola e ainda a língua de outros falantes da(s) língua(s) portuguesa(s). De modo geral, os alunos participaram das atividades, interessaram-se pelo tema, aprenderam muito e perceberam o quanto é extenso e complexo o estudo de uma língua.

Sabemos que, por ser uma área com muitos conceitos, os alunos não terminaram o Caderno de Atividades lembrando-se de todos os conceitos trabalhados e de todos os tipos de variação linguística. Consideramos, entretanto, que mais importante que se lembrarem dos conceitos, é a mudança de comportamento/atitude dos alunos em relação às variações da língua que deve ser observada. Além disso, sabemos que o trabalho com as variações linguísticas deve ser um trabalho contínuo e que sempre deve estar presente nas aulas/reflexões de Língua Portuguesa. Ficamos satisfeitas com o resultado, envolvimento e participação dos alunos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa, procuramos mostrar os principais pontos dos trabalhos e estudos lidos a respeito do tema da Sociolinguística Educacional e das atitudes linguísticas, relacionando-os com o foco da nossa pesquisa (uma proposta de trabalho Sociolinguístico com os alunos). Mostramos a relevância/necessidade/importância de se trabalhar com a variação linguística na escola, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, haja vista as inúmeras contribuições que o estudo das variações linguísticas pode dar aos alunos, como preconizaram os documentos oficiais do governo há anos. Apontamos os resultados obtidos no teste de atitudes linguísticas aplicado nas turmas de 7º Ano de uma escola pública de Uberaba (MG) e descrevemos a estrutura e a aplicação do Caderno de Atividades (proposta e objetivo desta pesquisa) montado a partir do teste de atitudes.

Procuramos mostrar que é possível e também necessário trabalhar com variações linguísticas em sala de aula, ou seja, utilizar uma pedagogia da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa. Além disso, nossa pesquisa (aplicação do teste de atitudes e do Caderno de Atividades) nos permitiu evidenciar que:

- (i) muitos alunos ainda consideram determinadas maneiras de falar “erradas”, “estranhas”;
- (ii) há ainda alunos que não veem/percebem a diferença linguística, a heterogeneidade da língua, como algo positivo e enriquecedor para pesquisas linguísticas;
- (iii) o preconceito linguístico ainda está presente nas escolas (e na sociedade também), haja vista que alguns alunos afirmaram já ter sofrido preconceito linguístico (no teste) e ainda demonstraram preconceito (no teste) e exemplificaram formas desse tipo de comportamento (durante a aplicação do Caderno);
- (iv) muitos alunos desconheciam, apesar de cursar há sete anos aulas de Língua Portuguesa na escola, o que é variação linguística, seus tipos e por que ela pode ocorrer;
- (v) as aulas de Língua Portuguesa proporcionam poucos momentos de reflexão sobre a língua, afinal, em muitas questões do Caderno, os alunos descobriram e pensaram sobre questões da língua portuguesa sobre as quais nunca foram levados a refletir antes na escola;
- (vi) os alunos não conheciam a existência de outros tipos de gramática;
- (vii) os alunos acreditam que a maneira de falar de alguém não está relacionada com seu caráter;

- (viii) os alunos julgam a condição social de uma pessoa de acordo com sua maneira de falar;
- (ix) é possível realizar um trabalho prazeroso com a Sociolinguística em sala de aula;
- (x) a maneira de trabalhar com as variações linguísticas pode ser decisiva para o desempenho dos alunos;
- (xi) os alunos se interessaram pelo tema e compreenderam mais sobre a língua que falam, a que aprendem na escola e ainda a língua de outros falantes da(s) língua(s) portuguesa(s).

Sendo assim, esperamos ter mostrado a relevância e a atualidade do tema da pesquisa (proposta de ensino de Língua Portuguesa mais sensível às variações linguísticas) e buscamos colaborar com pesquisas já feitas e também com as que surgirão, afinal levar conhecimentos da Sociolinguística Educacional às escolas e conhecer as atitudes/avaliações linguísticas de alunos são de grande importância para fazermos o ensino de língua materna progredir e formar pessoas competentes no uso de sua própria língua.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. In: **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**, São Paulo, 37 (2): 105-112 maio-agosto, 2008.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso, por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. Variação, avaliação e mídia. In: ZILLES, A. M. S; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística. Língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BARCELOS, A. M. F; ABRAHÃO, M. H. V. **Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas: Pontes, 2006.
- BARBOSA, J. B.; CUBA, D. L. **Crenças e atitudes lingüísticas de alunos do ensino médio em escolas públicas de Uberaba**. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 73-90, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://bit.do/cftij>>. Acesso em: 10 jul. 2015.
- BEM, D. J. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973. (Coleção Ciências do Comportamento).
- BLANCO CANALES, A. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a Sociolingüística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolingüística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI RICARDO, S. M; ROCHA, M. R. O ensino de Português e a variação linguística em sala de aula. In: MARTINS, A. M; VIEIRA, S. R; TAVARES, M. A. **Ensino de Português e Sociolingüística**. São Paulo: Contexto, 2016.
- BOTASSINI, J. O. M. A Importância dos estudos de crenças e atitudes para a Sociolingüística. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 18/1, p. 102-131, jun. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.
- CORBARI, C. C. **Atitudes lingüísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste**. Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador 2013.
- CYRANKA, L. F. M. **Atitudes lingüísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora-MG**. Tese de Doutorado. UFJF, Niterói, 2007.

_____. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, A. M. S; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística. Língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

_____. Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula. In: MARTINS, A. M; VIEIRA, S. R; TAVARES, M. A. **Ensino de Português e Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2016.

_____. Sociolinguística aplicada à educação. In: **Socilinguística, Socilinguísticas.** São Paulo: Contexto, 2016.

ECKERT, P. **Three Waves of Variation Study: the emergence of meaning in the study of Variation. Annual Review.** 41, 2012.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREA, D. A. (org). **A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Por uma pedagogia da variação linguística.** Disponível em: <https://variacaolinguistica.files.wordpress.com/2011/06/faraco_por_uma_pedagogia_da_variacao_linguistica1.pdf>. Acesso em: 12/07/2017.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales.** In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL, 11., 1996, Las Palmas de Gran Canaria. Actas... Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996. v. 2, p. 1027-1042.

GONZÁLEZ, C. A. Variação linguística em livros de português para o EM. In: ZILLES, A. M. S; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística.** Língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

IDEB. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica,** 2017. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/Site/> Acesso em 20/10/2018.

LABOV, W. Estágios na aquisição do inglês STANDARD. Tradução de Luiza Leite Bruno Lobo. In: FONSECA, M. S. V; NEVES, M. F. **Sociolinguística.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 (Coleção Enfoque).

_____. **The social stratification of English in New York city.** Washington, DC. Center of Applied Linguistics, 1966.

LAMBERT, W. E.; HODGSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. **Evaluation reactions to spoken languages**. *Journal of Abnormal Social Psychology*, n. 60, p. 44-51, 1960.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia Social**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1966.

LIMA, R. J. Variação linguística e os livros didáticos de português. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2016.

MARINE, T. C; BARBOSA, J. B. Em busca de um ensino sociolinguístico de Língua Portuguesa no Brasil, **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 19/1, p. 185-215, jun. 2016.

MARQUES, T. M; BARONAS, J. E. A. **Crenças e atitudes linguísticas em sala de aula**. *Linguasagem*, São Carlos, v. 24 (1): 2015.

MARTINS, A. M; VIEIRA, S. R; TAVARES, M. A. **Ensino de Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2016.

MENDES, R. B. A terceira onda da Sociolinguística. In: FIORIN, J. L.(org). **Novos caminhos da linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

PIMENTA, S. G.; FRANCO, M. A. S. [Orgs]. **Pesquisa em educação: Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação**. Vol. 2. São Paulo: Loyola, 2008.

SANTOS, E. **Mobilidade social e atitudes lingüísticas**. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 1976.

_____. **Certo ou errado?: atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005.

SELLA, A. F.; BUSSE, S. Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: línguas e falares em contato em áreas de fronteira do Oeste e Sudoeste do Paraná. In: **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012.

TAYLOR, O. L. Teacher's attitudes toward black and nonstandard English as measured by the language-attitude scale. In: SHUY W. Roger; FASOLD, R. W. (Ed.). **Language attitudes: current trends and prospects**. Washington: Georgetown University, 1973. p. 174-201.

WILLIAMS, F. Language, attitude and social change. In: _____. **Language and poverty: perspectives on a theme**. Chicago: Markham, 1970.

ZILLES, A. M. S; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística. Língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

APÊNDICES

Apêndice A - Teste de atitudes – Parte I Perfil socioeconômico e de costumes

- 1) Qual a sua idade?
 - a- Menos de 12 anos
 - b- Entre 12 e 13 anos
 - c- Mais de 13 anos

- 2) Qual seu sexo?
 - a- Feminino
 - b- Masculino

- 3) Nasceu em Uberaba?
 - a- Sim
 - b- Não

- 4) Mora em Uberaba desde que nasceu?
 - a- Sim
 - b- Não. Onde morou? _____

- 5) Mora no mesmo bairro da escola?
 - a- Sim
 - b- Não

- 6) Se sim, há quanto tempo?
 - a- Menos de um ano
 - b- Mais de um ano
 - c- Mais de cinco anos
 - d- Sempre morei no bairro

- 7) A casa em que você vive pertence aos seus responsáveis?
 - a- Não
 - b- Sim.

- 8) Quantas pessoas moram com você?

- 9) Quais dos itens abaixo têm em sua casa?

a- TV	f- acesso a internet
b- computador	g- celular
c- telefone	h- tv por assinatura
d- máquina de lavar roupa	i- automóvel
e- geladeira	j- outros

- 10) Você e sua família já passaram por dificuldades financeiras?
 - a- Sim
 - b- Não

- 11) Quantas pessoas em sua casa trabalham fora?
a- Ninguém está trabalhando atualmente
b- Uma ou duas
c- Mais de duas
- 12) Qual a escolaridade de seu responsável masculino?
a- Nunca estudou
b- Ensino fundamental
c- Ensino médio
d- Ensino superior
- 13) Qual a escolaridade de seu responsável feminino?
a- Nunca estudou
b- Ensino fundamental
c- Ensino médio
d- Ensino superior
- 14) Com quais das questões abaixo você mais se preocupa atualmente?
a- Emprego
b- saúde
c- fome/miséria
d- educação
e- relação familiar
f- drogas
g- sexualidade
h- moradia
i- violência
j- outros
- 15) Já repetiu algum ano escolar?
a- Sim
b- Não
- 16) Já ficou de recuperação ou fez alguma prova especial para ser aprovado?
a- Sim, muitas vezes.
b- Sim, poucas vezes,
c- Não
- 17) Qual matéria você mais gosta?
a- Português
b- Matemática
c- História
d- Geografia
e- Inglês
f- Ciências
g- Nenhuma
- 18) Você acha que a escola proporciona a você conhecimentos úteis para a sua vida?
a- Sim
b- Não
- 19) Já sofreu algum tipo de discriminação pelo seu jeito de falar na escola?
a- Sim
b- Não

Apêndice B - Teste de atitudes - Parte II

- 1) (variação regional e social) Leia o seguinte trecho de uma entrevista em que uma mulher responde sobre ter filhos:

“Eu não, Deus me livre! Eu num posso nem comigo mesmo eu vou tê filho! Tinha um homem que andava atrás de mim, sabe? Disse que queria casá comigo, que a gente ia tê muito fí, pa famía sê grande, mas eu eu quero nada! Pode i simbora procura outra que comigo mesmo não. Quero ganha meu dinheiro, saí, i pa dança, po forró. Oxe, eu gosto é muito de forró! Eu vou cuidá de menino de noite, pa deixa de i: de i po forró.”

(Bagno, 2007, p. 208 e 209)

Responda:

- Como você avalia a maneira de falar da entrevistada?
- Você usa, em sua fala, essa forma de falar? Se sim, quais palavras você usa?
- Em sua opinião, você acha que essa mulher mora em qual estado ou região do Brasil?
- A qual classe social (alta, média e baixa) você acha que essa mulher pertence?

- 2) (variação histórica) Leia a carta a seguir, escrita pelo poeta Casimiro de Abreu ao pai:

“Rio de Janeiro 11 de Setembro de 1857

Presado Pai

Aqui chegamos sem novidade e tendo felizmente escapado a grande chuva que ainda hoje dura. As cartas todas estão entregues e o Joaquim leva a peça de riscado da loja do primo José e os 12#000, como também uma lamparina ou lampião que me pediu para comprar. Peço a meu Pai queira recomendar-me ao primo Manoel e ao Senhor Veludo a lançar a sua benção sobre Seu filho amante

Casimiro José Marques de Abreu”

(Bagno, 2007 p.165)

Responda:

- O que você achou da linguagem da carta?
 - Atualmente, uma carta destinada ao pai seria escrita dessa forma? Justifique.
- 3) (Variação geográfica -Portugal/Brasil-) Leia o texto narrativo abaixo:

Estava a conduzir meu automóvel numa azinhaga com um borracho muito gira ao lado, quando dei com uma bossa na estrada de circunvalação que um bera teve a lata de deixar. Escapei de me espalhar à justa. Em havendo um bufete à frente convidei a chavala a um copo. Botei o chiante na berna e ornamos ao criado de mesa, uma sande de fiambre em carcaça eu, e ela um miau. O panasqueiro, com jeito de marialva paneleiro, um chalado de pinha, embora nos tratando nas palminhas, trouxe-nos a sande com a carcaça esturrada (e sem caganitas!) e, faltando-lhe o miau, deu-nos um prego duro.

- Você conseguiu entender o texto, mesmo ele estando em português? Por quê?

b) Como você avalia o texto lido?

Como curiosidade, leia o mesmo texto, porém no português brasileiro:

Eu dirigia meu carro por um caminho de pedras tendo ao lado uma gata espetacular, quando vi um lombo na estrada de contorno que um escroto teve o descaramento de fazer. Por pouco não bati nele. Como havia em frente uma lanchonete, convidei a mina a tomar um drinque. Coloquei o carro no acostamento e pedimos ao garçom sanduíche de presunto com pão de forma eu, e ela sanduíche de lombinho. O gozador, com jeito de don Juan bicha, muito louco, embora nos tratando muito bem, trouxe o sanduíche com o pão queimado (e sem azeitonas!) e, não tendo sanduíche de lombinho, trouxe um de churrasquinho duro.

c) O que você pode concluir entre os dois textos?

Texto original:

Unificação linguística, que clareza!

Tem aí meia dúzia de urnigos, na calada da noite, arquitetando um plano para a "unificação" da língua portuguesa. Escrevi o trecho abaixo em português de Portugal para vocês verem como será fácil essa unificação.

Estava a conduzir meu automóvel numa azinhaga com um borracho muito gira ao lado, quando dei com uma bossa na estrada de circunvalação que um bera teve a lata de deixar. Escapei de me espalhar à justa. Em havendo um bufete à frente convidei a chavala a um copo. Botei o chiante na berna e ornamos ao criado de mesa, uma sande de fiambre em carcaça eu, e ela um miau. O panasqueiro, com jeito de marialva paneleiro, um chalado de pinha, embora nos tratando nas palminhas, trouxe-nos a sande com a carcaça esturrada (e sem caganitas!) e, faltando-lhe o miau, deu-nos um prego duro.

Como talvez vocês não tenham entendido alguma coisa, traduzo em brasileiro, também conhecido como português do Brasil.

Eu dirigia meu carro por um caminho de pedras tendo ao lado uma gata espetacular, quando vi um lombo na estrada de contorno que um escroto teve o descaramento de fazer. Por pouco não bati nele. Como havia em frente uma lanchonete, convidei a mina a tomar um drinque. Coloquei o carro no acostamento e pedimos ao garçom sanduíche de presunto com pão de forma eu, e ela sanduíche de lombinho. O gozador, com jeito de don Juan bicha, muito louco, embora nos tratando muito bem, trouxe o sanduíche com o pão queimado (e sem azeitonas!) e, não tendo sanduíche de lombinho, trouxe um de churrasquinho duro.

(Millôr Fernandes *apud* FARACO & TEZZA. **Prática de texto**: língua portuguesa para estudantes universitários. Petrópolis: Vozes, 1992. pp. 57-58)

Apêndice C - Teste de atitudes – Parte III (Adaptado de Cyranka, 2007)

Quando ouvimos a voz de uma pessoa, sem vê-la, formamos impressões sobre ela. É o que provavelmente acontecerá com você quando ouvir os trechos gravados que lhe serão apresentados agora. São quatro gravações, cada uma delas trazendo a voz de pessoas diferentes. Depois de ouvir cada um desses pequenos trechos, indique a impressão que lhe causou, a partir das questões abaixo.

A sua resposta deve ser dada da seguinte maneira: atribua uma nota variando de 7 a 1, em relação às qualidades expressas pelos adjetivos que estão relacionados. Você tem seis adjetivos, cada um deles seguido de sete traços. Cada traço corresponde a uma nota.

Quanto mais próxima do adjetivo, maior será a nota. Assim, se você atribuir a um dos falantes a nota mais alta (7), em relação ao adjetivo inteligente, você deve colocá-la no traço próximo a esse adjetivo; se você atribuir a nota imediatamente inferior (6), deve colocá-la no segundo traço, e assim sucessivamente, até a menor (1), que deverá ser colocada, se for o caso, no último traço.

Você vai ouvir uma gravação de cada vez. Depois de cada uma delas, vamos lhe dar um tempo para você colocar as notas nos traços.

FALANTE I

Inteligente ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Honesto ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Competente ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Simpático ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Rico ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Boa pessoa ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

FALANTE II

Inteligente ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Honesto ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Competente ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Simpático ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Rico ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Boa pessoa ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

FALANTE III

Inteligente ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Honesto ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Competente ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Simpático ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Rico ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Boa pessoa ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

FALANTE IV

Inteligente ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Honesto ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Competente ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Simpático ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Rico ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Boa pessoa ____: ____: ____: ____: ____: ____: ____

Apêndice D – Termo de esclarecimento e consentimento

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - Uberaba-MG Comitê de Ética em Pesquisa- CEP

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Título: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ESCOLAS DE UBERABA E REGIÃO: CRENÇAS, ATITUDES LINGUÍSTICAS E PROPOSTAS DIDÁTICAS, projeto “**Atitudes linguísticas de alunos do 7º Ano de uma escola pública de Uberaba**”.

Há muito tempo que se discute sobre a Sociolinguística e o ensino de língua portuguesa nas escolas, evidenciando a importância de se trabalhar com heterogeneidade da língua, com as diferentes variedades linguísticas, com a noção de certo e errado e com a maneira que o professor pensa e avalia as questões relacionadas à língua e à sociedade, levando em conta a linguagem utilizada pelos seus alunos. Todas essas questões apontadas interferem significativamente no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. A maneira como a língua portuguesa é tratada e ensinada pelos professores refletem nas habilidades de leitura, escrita e fala dos alunos, revelando determinados comportamentos e atitudes perante a língua que falam e que aprendem (que, em muitos casos, não é a mesma). Sendo esse, o foco desta pesquisa, ou seja, analisar as atitudes dos alunos perante a língua e incentivar o estudo das variações linguísticas em sala de aula, como forma de fazer o aluno conhecer e ter mais consciência sobre a grandiosidade e complexidade da língua portuguesa. Por isso, o adolescente (*nome do menor de idade*) está sendo convidado a participar da pesquisa VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ESCOLAS DE UBERABA E REGIÃO: CRENÇAS, ATITUDES LINGUÍSTICAS E PROPOSTAS DIDÁTICAS, projeto “**Atitudes linguísticas de alunos do 7º Ano de uma escola pública de Uberaba**”. Para que isso ocorra, **sua participação é importante.**

Caso o senhor(a), como responsável legal do adolescente, aceite que ele(a) participe, será necessário que o aluno responda um questionário socioeconômico e responda a algumas perguntas feitas pela pesquisadora. A resposta de algumas perguntas será gravada (áudio). A gravação será posteriormente transcrita e depois utilizada em nossa pesquisa. A aplicação do questionário ocorrerá na escola do aluno. Não será feito nenhum procedimento que traga qualquer desconforto ou risco à vida da criança (ou do adolescente). Esperamos, como benefício(s) desta pesquisa, contribuir para melhoria do ensino de língua portuguesa em nossa região, a partir do desenvolvimento de propostas produtivas sobre o ensino de gramática. Como riscos, temos consciência que a técnica utilizada – responder por escrito um questionário –, às vezes, pode ocasionar desconfortos/incômodos, pois o participante sabe que sua escrita será analisada. Por isso, solicitamos a permissão do responsável legal (respeitando-se o previsto na Resolução 466/12 CNS) e destacamos que os participantes da pesquisa serão tratados como números, e o risco de perda de confidencialidade será minimizado.

O senhor(a) poderá obter todas as informações que quiser e poderá não autorizar a participação do adolescente na pesquisa ou retirar o consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela participação do menor de idade (e do senhor) no estudo, não será pago qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade nem do adolescente em

questão. Os seus nomes não aparecerão em qualquer momento do estudo, pois serão identificados por meio de um número.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Título: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ESCOLAS DE UBERABA E REGIÃO: CRENÇAS, ATITUDES LINGUÍSTICAS E PROPOSTAS DIDÁTICAS, projeto “**Atitudes linguísticas de alunos do 7º Ano de uma escola pública de Uberaba**”.

Eu, (*nome do voluntário*), responsável legal de (*nome do menor de idade*) li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que o menor de idade será submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper a participação de (*nome do menor de idade*) a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que nem o meu nome nem o do menor de idade serão divulgados, que não terei despesas e não receberei dinheiro pela participação no estudo. Eu **autorizo** (*nome do menor de idade*) participar da pesquisa.

Uberaba,/...../.....

Assinatura do responsável legal

Documento de identidade

Assinatura do menor de idade

Documento do menor (se houver)

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador orientador

Telefone de contato dos pesquisadores:

- **Pesquisadora:** Daiana Lombardi de Cuba (estudante de Letras da UFTM)

Telefones: (34) 33222657/ (34) 99147 8241

email: daianalombardi@hotmail.com

- **Orientador e pesquisador responsável:** Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa (UFTM)

Telefone: (16) 81554197 / (34) 91166718

Email: julianabertucci@gmail.com

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone 3700-6776.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

Caderno de Atividades Sociolinguísticas

Trabalhando com a Diversidade da Língua Portuguesa

Daiana Lombardi de Cuba

Juliana Bertucci Barbosa

Aluno (a): _____

Escola: _____

Série: _____ **Ano:** _____

Apresentação

Caro(a) aluno(a),

Este caderno foi montado para que você possa conhecer mais sobre questões interessantes da nossa Língua Portuguesa. As atividades propostas aqui pretendem mostrar a você que nossa língua não é só regras gramaticais, mas sim um resultado de diversas culturas, de mudanças, de diversos usos e falares. Esperamos que você, caro aluno, possa aprender mais sobre o que ouve e o que fala e também conhecer outras maneiras de falar o nosso tão querido e rico idioma, que através de muitas variações e mudanças chegou até nós e nos permite comunicar e nos expressar de diferentes maneiras.

Vamos começar?

Trabalhando com a Diversidade Linguística

Você já deve ter reparado que o nosso país teve influência de várias culturas: indígenas, portuguesa, espanhola, holandesa, africana, italiana, japonesa... Todas essas culturas colaboraram para formação do nosso país, resultando numa nação diversa e rica culturalmente. Toda essa mistura de crenças, etnias, línguas e culturas, resultante da história e da formação de nosso povo, colabora para a imensa diversidade presente no Brasil.

O que é **diversidade**?

De acordo com o dicionário, Diversidade significa:
Pluralidade; reunião do que contém vários e distintos aspectos, características ou tipos. (...) (Disponível em: www.dicio.com.br/diversidade Acesso em 01/03/2018)

De acordo com o dicionário, Diversidade significa:
Pluralidade; reunião do que contém vários e distintos aspectos, características ou tipos. (...) (Disponível em: www.dicio.com.br/diversidade acesso em 01/03/2018)

Essa diversidade que caracteriza nosso país também ocorre devido à sua grande extensão territorial. Nosso país tem um enorme território e cada região, cada estado e até mesmo cada cidade tem a sua própria cultura e maneira de falar.

Você sabia?

A Língua Portuguesa não é a única língua falada no Brasil. Você sabe quantas línguas diferentes são faladas no Brasil? Pesquise, anote em seu caderno e discuta com a sua turma sobre isso.

As diferentes formas de falar a nossa língua portuguesa também tornam o Brasil um país com uma enorme **diversidade linguística**.

Sobre isso, encontramos a seguinte piada na internet:

Tipos de Assaltantes

Assaltante Cearense:

Ei, bixim...

Isso é um assalto...

Arriba os braços e num se bula nem faça munganga...

Passa vexado o dinheiro senão eu planto a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora...

Perdão meu PadimCiço, mas é que eu tô com uma fome da moléstia...

Assaltante Mineiro:

Ô sô, prestenção...

Isso é um assartin, uai...

Levanto os braço e fica quetin que esse trem na minha mão tá cheio de bala...

Miópassá logo os trocados que eu numtôvão hoje...

Vai andando, uai, tá esperando o que, uai.

Assaltante Gaúcho:

O gurí, ficas atento...

Báh, isso é um assalto...

Levanta os braços e te aquieta, tchê!

Não tente nada e tome cuidado que esse facão corta que é uma barbaridade...tchê!

Passa os pilas prá cá!

E te manda a la cria, senão o quarenta e quatro fala!

Assaltante Carioca:

Seguiiiinnte, bicho...

Tu ta lascado, isso é um assalto...

Passa a grana e levanta os braços rapa... Não fica de bobeira que eu atiro bem pra cacete...

Vai andando e se olhar pra trás vira presunto...

Assaltante Baiano:

Ô meu rei...(longa pausa)... isso é um assalto...

Levanta os braços, mas não se avexe não...

Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado...

Vai passando a grana, bem devagarinho...

Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado...

Não esquenta, meu irmãozinho, vou deixar teus documentos na próxima encruzilhada...

Assaltante Paulista:

Ôrra, meu... Isso é um assalto, cara...

Alevanta os braços, meu...

Passa a grana logo, ô meu...

Mais rápido,ô meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pa comprar o ingresso do jogo do Curintia, meu...

Pô, se manda, meu...

Assaltante Candango (Brasília):

Caro povo brasileiro, no final do mês, aumentaremos as seguintes tarifas energia, água, esgoto, gás, passagem de ônibus, iptu, ipva, licenciamento de veículos, seguro obrigatório, gasolina, álcool, imposto de renda, IPI, ICMS, PIS, COFINS..

Disponível em: http://piadasdodia.com.br/mostrapiada.asp?id_piada=4239 Acesso em 25/02/2018.

Questão 1

Sobre a piada lida acima, responda:

Anote as respostas das questões em seu caderno de Língua Portuguesa.

- O que você entendeu da piada?
- Será que é realmente assim que as pessoas dessas regiões falam?
- Por que as pessoas dessas regiões falam de forma diferente, mesmo falando a língua portuguesa?

Conceituando: Chamamos de **variação linguística** as diferentes maneiras de dizer a mesma coisa. As diferentes maneiras de falar a mesma coisa acontecem por vários motivos: o lugar onde a pessoa (falante) vive, sua idade, sua escolaridade (quantos anos estudou na escola), o sexo (feminino e masculino), sua condição social.

Vamos analisar alguns exemplos?

Pronominais

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro.

Oswald de Andrade ANDRADE, O. Obras completas, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

Questão 2

Sobre o poema “Pronominais”, responda:

- Há diferenças de sentido entre “Dê-me o cigarro” e “Me dá um cigarro”?
- Qual das duas maneiras as pessoas que você conhece mais utilizam?

- c) No poema, há a questão da gramática, que nos mostra regras sobre a maneira de escrever e de falar. Você saberia dizer quais tipos de pessoas que “ditam” as regras presentes na gramática?
- d) O que podemos perceber nesse poema é que nem sempre usamos, em nossa fala, o que diz a gramática. Por que isso ocorre?

Você já ouviu falar do termo “**norma culta**”?
A norma culta nada mais é que uma variedade da língua, variedade esta usada por pessoas de alta escolaridade e de prestígio/importância social nas práticas orais e escritas.

ATENÇÃO: Norma culta é diferente de Norma padrão (termo muito usado nos livros didáticos e em provas nacionais como o ENEM). A norma padrão da língua se refere a um conceito de uso abstrato da língua, voltado mais para a escrita, em que se espera o uso prescrito na gramática normativa.

Você sabia que existe mais de um tipo de gramática?

Pesquise e anote em seu caderno sobre os tipos de gramáticas existentes e converse com sua turma e com seu professor sobre suas pesquisas.

Para compreender melhor:

Nem sempre as pessoas de alta escolaridade, falantes da norma culta, usam o que está prescrito na gramática normativa. Essas pessoas, por exemplo, podem usar “me ligue”, “me empresta” ou “te amo”, mesmo a gramática normativa prescrevendo “ligue-me”, “empreste-me”, “amo-te”.

Leia a tirinha a seguir da Turma do Xaxado:



(Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/porta/artigo.asp?artigo=197> Acesso: 25/02/2018)

Questão 3

Sobre a tirinha da Turma do Xaxado, responda:

- Zé Pequeno e sua mãe (personagens da tirinha) possuem a mesma maneira de falar que Artuzim? Justifique.
- Apesar de Zé Pequeno e Artuzim parecerem ter a mesma idade, por que eles falam de forma diferente?

Nossa língua, assim como outras línguas no mundo, pode variar de acordo com a condição/classe social do falante, a isso chamamos de **variação social**. Além disso, a maneira de falar de alguém pode variar de acordo com a região em que o falante vive. Temos então a **variação regional**. No caso da tirinha da Turma do Xaxado, temos, de forma generalizada e estereotipada, as falas do "falante da capital/cidade" e do "falante do interior".

Refletindo:

Você sabia que a língua portuguesa pode mudar ao longo dos anos?

Vamos analisar os exemplos a seguir:

Texto1:

“Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficava longos meses debaixo do balaio. E levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. (...)”

(Disponível em: <http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond07.htm> Acesso: 25/02/2018)

Texto 2:

“Rio de Janeiro 11 de Setembro de 1857

Presado Pai

Aqui chegamos sem novidade e tendo felizmente escapado a grande chuva que ainda hoje dura. As cartas todas estão entregues e o Joaquim leva a peça de riscado da loja do primo José e os 12#000, como também uma lamparina ou lampião que me pediu para comprar. Peço a meu Pai queira recomendar-me ao primo Manoel e ao Senhor Veludo a lançar a sua benção sobre Seu filho

amante

Casimiro José Marques de Abreu”

(BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso, por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p.165)

Questão 4

Sobre o Texto 1 e o Texto 2, lidos acima, responda:

- Você sabe o significado de todas as palavras do **Texto 1**? Procure os significados das palavras que desconhece.
- O **Texto 1** foi escrito já há algum tempo. Hoje não utilizamos palavras como “mademoiselles”, “janotas” e expressões como “completar primaveras” e “fazer pé de alferes”. Por que não usamos mais essas palavras? Como essas palavras e expressões seriam empregadas atualmente?
- Sobre o **Texto 2**, o que você achou da linguagem da carta? Atualmente, uma carta destinada ao pai seria escrita dessa forma? Justifique.
- Reescreva a carta, usando a linguagem atual, como se você estivesse escrevendo uma carta para seu pai. Pode mudar o conteúdo se desejar.

Outro tipo de variação linguística que podemos ter é a que ocorre com o tempo, as diferenças que vão surgindo entre os falantes do tempo atual com os falantes e textos escritos antigamente. A variação que ocorre com o tempo é chamada de **variação histórica**, ou **variação temporal** ou ainda **variação diacrônica**.

Curiosidade:

Você sabia que a língua portuguesa é falada oficialmente em 9 países? São eles: Portugal, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Brasil, Timor Leste, São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial.

Refletindo: Será que a língua portuguesa é falada da mesma forma em todos esses países, distantes uns dos outros?

Leia o texto narrativo abaixo:

Estava a conduzir meu automóvel numa azinhaga com um borracho muito gira ao lado, quando dei com uma bossa na estrada de circunvalação que um bera teve a lata de deixar. Escapei de me espalhar à justa. Em havendo um bufete à frente convidei a chavala a um copo. Botei o chiante na berma e ornamos ao criado de mesa, uma sande de fiambre em carcaça eu, e ela um miau. O panasqueiro, com jeito de marialva paneleiro, um chalado de pinha, embora nos tratando nas palminhas, trouxe-nos a sande com a carcaça esturrada (e sem caganitas!) e, faltando-lhe o miau, deu-nos um prego duro.

Questão 5

Responda:

- a) Você conseguiu entender o texto, mesmo ele estando em português? Justifique.

Como curiosidade, leia o mesmo texto, porém no português brasileiro:

Eu dirigia meu carro por um caminho de pedras tendo ao lado uma gata espetacular, quando vi um lombo na estrada de contorno que um escroto teve o descaramento de fazer. Por pouco não bati nele. Como havia em frente uma lanchonete, convidei a mina a tomar um drinque. Coloquei o carro no acostamento e pedimos ao garçom sanduíche de presunto com pão de forma eu, e ela sanduíche de lombinho. O gozador, com jeito de don Juan bicha, muito louco, embora nos tratando muito bem, trouxe o sanduíche com o pão queimado (e sem azeitonas!) e, não tendo sanduíche de lombinho, trouxe um de churrasquinho duro.

- b) O que você pode concluir entre os dois textos?

Texto original:

Unificação linguística, que clareza!

Tem aí meia dúzia de urnigos, na calada da noite, arquitetando um plano para a "unificação" da língua portuguesa. Escrevi o trecho abaixo em português de Portugal para vocês verem como será fácil essa unificação.

Estava a conduzir meu automóvel numa azinhaga com um borracho muito gira ao lado, quando dei com uma bossa na estrada de circunvalação que um bera teve a lata de deixar. Escapei de me espalhar à justa. Em havendo um bufete à frente convidei a chavala a um copo. Botei o chiante na berma e ornamos ao criado de mesa, uma sande de fiambre em carcaça eu, e ela um miau. O panasqueiro, com jeito de marialva paneleiro, um chalado de pinha, embora nos tratando nas palminhas, trouxe-nos a sande com a carcaça esturrada (e sem caganitas!) e, faltando-lhe o miau, deu-nos um prego duro.

Como talvez vocês não tenham entendido alguma coisa, traduzo em brasileiro, também conhecido como português do Brasil.

Eu dirigia meu carro por um caminho de pedras tendo ao lado uma gata espetacular, quando vi um lombo na estrada de contorno que um escroto teve o descaramento de fazer. Por pouco não bati nele. Como havia em frente uma lanchonete, convidei a mina a tomar um drinque. Coloquei o carro no acostamento e pedimos ao garçom sanduíche de presunto com pão de forma eu, e ela sanduíche de lombinho. O gozador, com jeito de don Juan bicha, muito louco, embora nos tratando muito bem, trouxe o sanduíche com o pão queimado (e sem azeitonas!) e, não tendo sanduíche de lombinho, trouxe um de churrasquinho duro.

(Millôr Fernandes *apud* FARACO & TEZZA. **Prática de texto**: língua portuguesa para estudantes universitários. Petrópolis: Vozes, 1992. pp. 57-58)

A variação que o texto da questão cinco aborda é a variação linguística que acontece devido à distância geográfica entre dois locais em que a mesma língua é falada. É chamada de **variação geográfica** ou **diatópica**.

Na questão anterior você leu um texto construído pelo escritor Millôr Fernandes para explicitar, de modo generalizado e cômico, as diferenças do português de Portugal e do português do Brasil. Agora você vai conhecer um exemplo com o uso real da língua portuguesa usada em Portugal e procurar perceber diferenças com a língua que usamos no Brasil.

Leia um trecho da entrevista do jogador Cristiano Ronaldo para a marca de roupas e sapatos Sacoor Brothers:

ENTREVISTADOR - Qual o conselho que dava a um jovem que estivesse a começar agora a sua carreira futebolística?

CRISTIANO - A sorte é importante, mas não julgo que seja o fator mais importante. Obviamente, o conselho que daria a um jovem que estivesse a começar é que acredite nos seus sonhos, que trabalhe, que seja ambicioso e que quando tiver a sua oportunidade, que a agarre bem. Muitos têm uma oportunidade, alguns não têm, outros têm mais que uma vez, por isso aquilo que eu digo é, a oportunidade que tiver, que a agarre com unhas e dentes e que acredite em si.

ENTREVISTADOR - O ponto alto num jogador de alta competição passará certamente pelo trabalho, pela dedicação e muito também pelo génio, pela capacidade mágica depois de atuar. Quais são as percentagens, no teu entender, que definem estes três pontos? O génio, a capacidade e o trabalho.

CRISTIANO - A percentagem é difícil. O talento sem trabalho não é compensado no final. Por isso está tudo inserido no mesmo pacote, que é trabalho, dedicação, génio, talento. Acho que tem de ter todos os ingredientes. Por isso aquilo que temos de fazer é acreditar no nosso potencial, trabalhar e ser ambicioso.

ENTREVISTADOR - A sessão fotográfica para a nova coleção da Sacoor Brothers acabou de se realizar. Destaca alguma peça em particular da coleção?

CRISTIANO - Os fatos, os blazers, as gravatas... têm um conjunto de coisas bonitas. Os tecidos são bonitos, as cores, os padrões, acho que o trabalho que está a ser desenvolvido tem sido excelente.

(Disponível em: <http://www.lux.iol.pt/nacional/moda/cristiano-ronaldo-entrevista-exclusiva-sobre-futebol-vida-e-estilo> Acesso em 02/09/2018)

Questão 6

Após ler o texto acima com atenção, responda:

- Quais diferenças você percebeu entre o português do texto e o falado no Brasil?
- Dê uma sugestão para reescrita da pergunta: “**Qual o conselho que dava a um jovem que estivesse a começar agora a sua carreira futebolística?**” Escreva como você faria esta pergunta no português brasileiro.
- Pesquise o que significa “fato”, no português lusitano (de Portugal) usado no trecho: “Os fatos, os blazers, as gravatas...”?

Como você percebeu ao responder as questões acima, o gerúndio (verbos terminados em “ndo”) não é usado atualmente no português de Portugal. No Brasil, por exemplo, dizemos: começando, procurando. Já em Portugal é usado: a começar, a procurar. Essa variação da língua, em que há modificações/mudanças na escolha das formas do verbo, por exemplo, é chamada de **variação morfológica**.

Em sua pesquisa sobre a palavra “fato”, utilizada por Cristiano Ronaldo na entrevista, você encontrou como significado “conjunto das peças de roupas masculinas, vestuário masculino”. No Brasil, utilizamos a palavra “terno” com o mesmo sentido que Cristiano Ronaldo utilizou para “fato”. Essa diferença no uso de palavras e de seus significados é chamada de **variação lexical**. No Brasil, temos casos de variação lexical, por exemplo, no uso de palavras como macaxeira, mandioca, aipim que são usadas para designar um mesmo alimento. Que tal pesquisar com os seus colegas outros exemplos de variação lexical no Brasil?

Leia o seguinte trecho de uma entrevista em que uma mulher responde sobre ter filhos:

“Eu não, Deus me livre! Eu num posso nem comigo mesmo eu vou tê filho! Tinha um homem que andava atraí de mim, sabe? Disse que queria casá comigo, que a gente ia tê muito fí, pa família sê grande, mas eu eu quero nada! Pode i simbora procura outra que comigo mesmo não. Quero ganha meu dinheiro, saí, i pa dança, po forró. Oxe, eu gosto é muito de forró! Eu vou cuidá de menino de noite, pa deixa de i: de i poforró.”

(BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso, por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007p. 208 e 209)

Questão 7

Sobre o texto lido acima, responda:

- Você usa, em sua fala, essa forma de falar? Se sim, quais palavras você usa?

- f) Em sua opinião, você acha que essa mulher mora em qual estado ou região do Brasil? Justifique.
- g) A qual classe social (alta, média e baixa) você acha que essa mulher pertence?
- h) Reescreva o trecho da entrevista na norma culta da língua portuguesa.

Na leitura do texto da questão sete, você percebeu que a entrevistada faz algumas contrações dos sons de algumas palavras como: *cuidá* no lugar de "cuidar", *atrái* no lugar de "atrás", *fíno* lugar de "filho", *pono* lugar de "para o", por exemplo. A variação da língua que acontece quando há mudança no som das palavras e/ou na troca de letras é chamada de **variação fonético-fonológica**.

Que tal conhecer um pouco mais sobre os conceitos de variação linguística? Leia o livro "A língua de Eulália: Novela Sociolinguística" do escritor Marcos Bagno. Tenho certeza de que você vai gostar da história e aprender muito sobre a língua!



Questão 8

Leia, abaixo, o fragmento do poema "Evocação do Recife" do poeta brasileiro Manuel Bandeira e responda:

"A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
 Vinha da boca do povo na língua errada do povo
 Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
 Ao passo que nós
 O que fazemos
 É macaquear
 A sintaxe lusíada”

Manuel Bandeira (Disponível em: <https://pernambucoimortal.wordpress.com/2014/09/13/manuel-bandeira-a-lingua-certa-do-povo-e-a-identidade-pernambucanabrasileira/> Acesso em 25/02/2018).

- a) O que você entende por “língua errada” e “língua certa”?
- b) Você concorda com o texto e acredita que a língua usada pelo povo é mais “gostosa” do que a aprendida na gramática? Justifique.
- c) Por que o texto fala que “macaqueamos a sintaxe lusíada”? O que você entendeu sobre isso?
- d) Quem é o “nós” a que o texto se refere?

Você sabia?

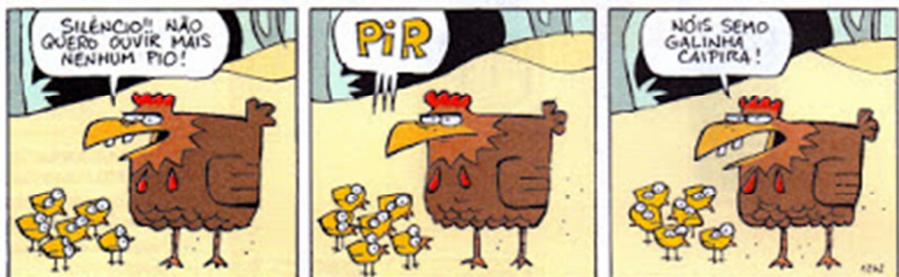
A área da ciência da linguagem, a Linguística, que estuda as relações de uma língua e sua sociedade é chamada de **Sociolinguística**. Para essa área, não existe maneira certa ou errada de falar, mas sim **maneiras adequadas ou inadequadas de falar** de acordo com a situação/contexto que o falante está envolvido.

Como nos mostra Manuel Bandeira, a língua muda de acordo com as pessoas que a utilizam, de acordo com o povo e com os usos que este faz da língua. Sendo assim, podemos dizer **que a língua é dinâmica, variável, heterogênea** (vários modos de falar, muitas variedades). **A Língua Portuguesa não é uma só, mas são várias. Nossa Língua é resultado de várias mudanças.**

Questão 9

Leia as tirinhas a seguir e responda:

Tirinha 1



Disponível

em:

<http://eduquescola.blogspot.com/2017/03/variedade-linguistica-em-tirinhas-com.html> Acesso em 02/09/2018

Tirinha 2

mentirinhas



Disponível

em

<https://profekarina.wordpress.com/2012/11/11/tirinhas-para-se-divertir-com-a-lingua-portuguesa/> Acesso em 02/09/2018

- Ambas as tirinhas tratam de variações linguísticas. De acordo com o que já estudamos, de qual tipo de variação linguística cada tirinha trata?
- Na **Tirinha 1**, a explicação dada pela galinha no terceiro quadrinho justifica a resposta dos pintinhos no segundo. Explique com suas palavras por que os pintinhos disseram “pir” e não “pio”.
- Ainda sobre a **Tirinha 1**, para você, existe preconceito com a maneira de falar das pessoas que moram no interior? Justifique, dando exemplos.
- Invente um quarto quadrinho para a **Tirinha 2** e escreva como seria um diálogo romântico entre um casal no ano de 2018.

Você sabia?

Quando julgamos a maneira de falar de uma pessoa estamos cometendo **preconceito linguístico**. Assim como toda forma de preconceito, o preconceito linguístico deve ser combatido! **Devemos evitar julgar alguém pela sua maneira de falar**, afinal a maneira de falar não está relacionada com o caráter de uma pessoa.

Questão 10

Leia as tirinhas abaixo:

Tirinha 1:



(Disponível em: <http://atividadesdeportuguesliteratura.blogspot.com/2015/11/interpretacao-tirinha-garfield-funcao.html> Acesso em: 15/09/2018.)

Tirinha 2:



Sousa, Mauricio de. Disponível em: <www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira232.htm>. Acesso em: 22 mar. 2016.

Responda:

- Escreva o que você entendeu de cada tirinha e comente o fato que gera humor em cada uma delas.
- Na **Tirinha 1**, na fala de Jon, “Eu finalmente preguei ela no lugar”, a quem ou a que se refere o pronome “ela”? Esta fala não está de acordo com as regras da gramática normativa. Por quê?
- Na **Tirinha 2**, a fala da Mônica, no último quadrinho, poderia ser dita de outras formas. Quais?

Você deve ter percebido, ao responder as alternativas, que existem diferentes formas de usar os pronomes pessoais. Por exemplo, podemos dizer “eu preguei ela”, “eu a preguei”, “ela, eu preguei” ou ainda “me empresta”, “empreste-me”, “empresta para mim”. A variação linguística na colocação dos pronomes em uma oração ou na estrutura dos termos da oração é chamada de **variação sintática**.

Questão 11

Leia e observe a imagem abaixo:



(Disponível em: <https://descomplica.com.br/blog/portugues/resumo-variacao-linguistica> Acesso em 15/09/2018)

Responda:

- O que você achou da linguagem e da vestimenta usada pelo primeiro surfista? Elas estão adequadas ao contexto? Justifique.
- Reescreva a fala do surfista adequando-a ao contexto de uso.

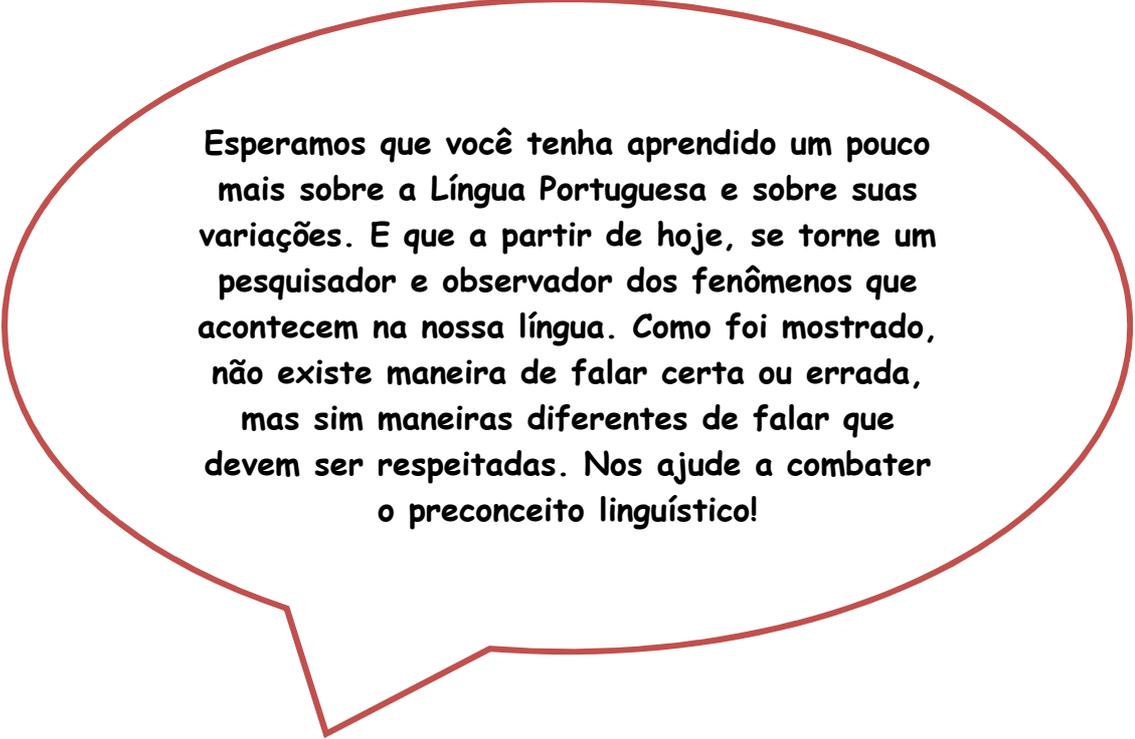
Você percebeu que a linguagem do surfista não estava adequada ao contexto, assim como sua roupa. Quando mudamos nosso estilo/modo de falar de acordo com o contexto em que estamos (situação comunicativa) usamos a **variação estilística**.

Questão 12

Chegou a hora de revisarmos alguns conceitos:

- O que você entendeu por variação linguística e por quê ela ocorre?

- b) Escolha dois tipos de variação e explique sobre eles dando exemplos da nossa Língua Portuguesa.
- c) Crie uma pequena história em quadrinhos com personagens que utilizem diferentes variações linguísticas. Você pode utilizar variações linguísticas que estão presentes no seu cotidiano. Faça em uma folha separada ou em uma cartolina para ser fixada no mural da turma.



Esperamos que você tenha aprendido um pouco mais sobre a Língua Portuguesa e sobre suas variações. E que a partir de hoje, se torne um pesquisador e observador dos fenômenos que acontecem na nossa língua. Como foi mostrado, não existe maneira de falar certa ou errada, mas sim maneiras diferentes de falar que devem ser respeitadas. Nos ajude a combater o preconceito linguístico!



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

Manual do Professor

Caderno de Atividades Sociolinguísticas

Trabalhando com a Diversidade da Língua Portuguesa

**Daiana Lombardi de Cuba
Juliana Bertucci Barbosa**

PÚBLICO-ALVO: Alunos do 7º e 8º Ano do Ensino Fundamental

TEMPO ESTIMADO: 12 horas/aula (uma questões para cada aula).

APRESENTAÇÃO

Caro(a) professor(a),

Esperamos que, por meio do Caderno de Atividades Sociolinguísticas e de sua preciosa intervenção, você possa levar para a sala de aula, de maneira mais prazerosa, os conhecimentos teóricos sobre a Sociolinguística e sobre as características da Língua Portuguesa. Além disso, o material possibilita trabalhar com os alunos, de forma tranquila, o quão rica e diversa é nossa Língua Portuguesa, fazendo-os entender que os conhecimentos teóricos adquiridos também valem para outras línguas do mundo, algumas com as quais os alunos já devem ter contato.

Este Manual do Professor, portanto, tem a intenção de facilitar o seu trabalho com o tema, apresentando-lhe um breve resumo teórico da área da Sociolinguística e dando-lhe algumas sugestões de leitura para aprimorar e engrandecer seu conhecimento sobre a área, proporcionando-lhe segurança e propriedade ao tratar desse assunto. Este Manual ainda oferece algumas orientações para a condução das questões do Caderno de Atividades do Aluno.

O Caderno de Atividades Sociolinguísticas: “Trabalhando com a diversidade da Língua Portuguesa” e o Manual do Professor fazem parte de uma proposta de intervenção em sala de aula resultante da pesquisa “Uma proposta de ensino de Língua Portuguesa a partir da identificação de atitudes linguísticas de alunos do 7º Ano de uma escola pública de Uberaba-MG” que também teve como objetivo identificar e analisar as atitudes (avaliações) linguísticas que esses alunos participantes da pesquisa apresentavam em relação às variações linguísticas. A partir dos resultados encontrados nessa análise, o Caderno de Atividades Sociolinguísticas foi elaborado. Além disso, o Caderno também foi aplicado aos alunos participantes da pesquisa e modificado de acordo com as experiências obtidas nessa aplicação. O trabalho foi desenvolvido durante o Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) do Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, Campus de Uberaba/MG.

RESUMO TEÓRICO

A Sociolinguística, de maneira geral, é considerada uma área da Linguística (Ciência da Linguagem) que se destina a estudar como e por quê a língua é usada na sociedade, isto é, nas relações sociais em determinados contextos comunicativos. Tem como precursores os pesquisadores Uriel Weinreich, William Labov e Marvi Herzog (1968) que defendiam que os fatores históricos e sociais deveriam ser considerados nos estudos e pesquisas da Linguística.

Para a Sociolinguística, a língua é um fenômeno social e, portanto, seu principal fundamento é a heterogeneidade da língua, isto é, a língua é dinâmica e está em constante processo de mudança nos usos em que os falantes fazem dela. Então, a língua em constante mudança, varia de acordo com diversos fatores, que podem ser internos e/ou externos a ela, como, por exemplo, fatores relacionados à sintaxe, à morfologia, à fonologia, à semântica – fatores internos –, ao tempo, ao espaço geográfico, à classe social, à escolaridade, ao sexo, à idade, ao contexto – fatores externos –, entre outros fatores que interferem na fala e na comunicação entre pessoas.

Dentre os conceitos teóricos importantes da área, podemos citar os conceitos de variedade, variação, variável e variante. Podemos dizer que, em linhas gerais, variedade são as características de fala de um determinado grupo, ou seja, o modo de falar de um determinado grupo na sociedade; variação pode ser entendida como o conjunto de diferenças de fala/escrita dentro de uma língua, as diferentes maneiras de falar; variável (ou fenômeno variável) é o nome dado à forma diferente em que ocorre os tipos de variação; e variante são as formas individuais que existem para manifestar a variável.¹ Por exemplo temos a variedade usada pelos falantes interioranos de Minas Gerais cuja variação está ligada, principalmente, ao fator espaço/região em que se vive (variação regional). Dentro desse contexto temos os fenômenos variáveis do uso do plural e do uso do pronome de 1ª pessoa do plural que encontra variantes como: “nós foi”, “nós fomos”, “a gente foi”, “a gente fomos”.

Portanto, as variações linguísticas são inerentes a toda e qualquer língua viva e não prejudicam ou “empobrecem” o funcionamento/entendimento da língua. Esse caráter mutável da língua pode ser entrevisto, por exemplo, no Português do Brasil (PB), onde podemos observar inúmeras maneiras de falar, ou seja, diferentes variedades e variações do português que não devem ser consideradas erradas, ou inferiores, como comumente se ouve, mas devem ser consideradas como uma das variações do PB que também tem suas regras e seus usos estabelecidos.

¹Ler os exemplos dados no livro **Para conhecer Sociolinguística**, de Coelho, et.al., 2015.

Dentre as variações linguísticas, temos: (1) diatópica (geográfica ou regional), relacionada à localização em que vive o falante; (2) diacrônica (histórica ou temporal), relacionada ao tempo histórico; (3) social, relacionada à classe social do falante; (4) de estilo, relacionada ao contexto comunicativo do falante; (5) de idade, relacionada à idade do falante; (6) de gênero, relacionada ao sexo do falante; (6) de escolaridade, relacionada ao grau de instrução do falante. Em cada uma dessas variações estão presentes diferentes níveis linguísticos do fenômeno variável, qualquer que seja a sua natureza: fonológico, sintático, morfológico, lexical e semântico.

Para a Sociolinguística, não existe forma correta ou errada de falar, mas sim, maneiras adequadas ou não de falar, de acordo com a situação/contexto social que o falante está envolvido. Além disso, é dessa área o termo “preconceito linguístico”, que diz respeito ao julgamento (preconceituoso) que é feito em relação à maneira de falar de uma pessoa.

Dentro da área da Sociolinguística surgiu uma subárea conhecida como Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004) que apresenta uma proposta, relativamente nova, chamada de Pedagogia da Variação Linguística. Essa proposta é também defendida por autores como Zilles e Faraco (2015), Bagno (2007), Faraco (2008, 2011), Bortoni-Ricardo (2005), Cyranka (2016), Barbosa e Marine (2016).

No recente livro **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**, publicado em 2015, organizado pelos autores Zilles e Faraco, há vários capítulos que apresentam pesquisas e estudos a respeito da variação linguística e o ensino, divididos em: “variação e práticas escolares”, “Variação em foco e suas implicações pedagógicas”, “Variação linguística no domínio público” e “Olhares acadêmicos sobre a variação linguística e preconceito”. O livro mostra o quanto o campo de estudos e de pesquisas a respeito da variação linguística no ensino é fértil e quanto há o que ser feito/pesquisado nessa área.

Para conhecer mais sobre a grande área da Sociolinguística (Educacional), sobre as pesquisas já realizadas, seguem, abaixo, algumas sugestões de leitura que irão ajudar na compreensão teórica e prática dos trabalhos desenvolvidos nessa área.

SUGESTÕES DE LEITURA

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso, por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Não é errado falar assim!** Em defesa do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BARBOSA, J. B.; MARINE, T. C. **Em busca de um Ensino Sociolinguístico de Língua Portuguesa no Brasil**. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 19/1, p. 185-215, jun. 2016.
BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; NUNES de SOUZA, C. M. N e MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CYRANKA, L. F. M. **Sociolinguística aplicada à educação**. In: *Sociolinguística, Sociolinguísticas*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREA, D. A. (org). **A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Por uma pedagogia da variação linguística**. Disponível em: https://variacaolinguistica.files.wordpress.com/2011/06/faraco-_por_uma_pedagogia_da_variacao_linguistica1.pdf Acesso em: 12/07/2017.

FERRAREZI JÚNIOR; MOLLICA, M.C (orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

GONZÁLEZ, C. A. Variação linguística em livros de português para o EM. In: ZILLES, A. M. S; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística. Língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

LIMA, R. J. **Variação linguística e os livros didáticos de português**. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2016.

MARINE, T. C; BARBOSA, J. B. Em busca de um ensino sociolinguístico de Língua Portuguesa no Brasil, *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 19/1, p. 185-215, jun. 2016.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005.

ZILLES, A. M. S; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística. Língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ORIENTAÇÕES PARA A CONDUÇÃO DAS QUESTÕES

Antes de trabalhar o Caderno de Atividades Sociolinguísticas com os alunos, leia com atenção os textos do Caderno e responda as questões, fazendo anotações sobre possíveis dúvidas que os alunos possam ter. Afinal, ninguém conhece melhor a turma do que seu próprio professor.

É importante dizer que o Caderno de Atividades Sociolinguísticas não tem a intenção de trabalhar com todos os tipos de variações linguísticas e nem com todos os níveis em que a variação pode ocorrer. O Caderno tem a intenção de fazer os alunos refletirem sobre a diversidade linguística de nosso idioma, a existência da variação linguística, trazendo, como curiosidades, alguns conceitos sobre esse fenômeno. A escolha das variações trabalhadas se justifica pelas questões utilizadas no teste de atitudes linguísticas (realizado, com alunos do 7º Ano, na pesquisa de que resultou o Caderno) e com as experiências didáticas adquiridas no trabalho com as turmas pesquisadas.

As orientações e sugestões abaixo podem ser modificadas e adaptadas de acordo com a turma. Você pode dar aos alunos um tempo para responder as questões ou resolvê-las juntamente com eles. Você pode, também, escolher trabalhar com apenas algumas questões do caderno (lembrando que elas foram elaboradas seguindo uma ordem didática de conceitos).

Questão 1

Pergunte, previamente, aos alunos se eles sabem o que é diversidade, se já ouviram falar. Pergunte se eles sabem o que é diversidade linguística e para darem exemplos. Depois, inicie a leitura do Caderno com eles.

Você pode pedir para cada aluno ler um parágrafo, por exemplo, e fazer comentários do que entendeu do parágrafo lido.

Pegue um mapa político do Brasil, coloque na sala, para os alunos visualizarem a grandeza do país, a divisão de regiões, estados.

Pode ser feito um trabalho em conjunto com o professor de história, que pode ir à sala e falar um pouco da história do país, de sua formação.

Peça, como tarefa ou atividade de sala, que os alunos pesquisem quantas línguas são faladas no país. Comente sobre as línguas indígenas ainda faladas no país, sobre as línguas de

contato nas regiões de fronteira e até mesmo sobre a língua falada por descendentes de imigrantes, como alemães, japoneses, dentre outros.

A respeito da Piada dos Assaltantes, você, professor, pode trabalhar com a questão do estereótipo, das generalizações, dos exageros contidos na mídia/internet e na sociedade de um modo geral.

Questão 2

Fale um pouco da biografia de Oswald de Andrade, pergunte se algum aluno já leu algo desse escritor/poeta. Fale do contexto histórico em que viveu o poeta, da valorização da cultura brasileira, do povo, do movimento modernista.

Pergunte aos alunos o porquê da escolha do título “Pronominais”. Fale sobre a questão pronominal no Brasil, do pouco uso da ênclise e da utilização mais frequente da próclise: Me dá, me empresta, me avisa, etc... Peça para os alunos darem exemplos também.

Pergunte se os alunos sabem o que é uma gramática, para que serve. Leve exemplos de livros de gramática diferentes (pode pegar as gramáticas da biblioteca da escola) para os alunos conhecerem.

Leve os alunos a terem um posicionamento crítico em relação às regras gramaticais. Por que devemos segui-las? Por que é preciso aprendê-las? Fale sobre o poder social do uso da norma culta.

Sugira, como tarefa, a pesquisa sobre os tipos de gramática e na aula seguinte pergunte o que encontraram. Pode pedir aos alunos irem à frente apresentarem a pesquisa, tendo sempre o cuidado de verificar a fonte pesquisada.

Se puder, leve exemplos de outros tipos de gramáticas, como as descritivas, de uso, gramáticas normativas antigas.

Questão 3

Pergunte se conhecem a Turma do Xaxado, fale sobre essa turma, quem a criou, onde vivem os seus personagens. Pergunte se sabem o que é “xaxado”, peça para procurarem no dicionário, ou na internet, pelo celular, e peça para dizerem aos colegas. Comente sobre o gênero textual “tirinha” e suas características. Pode falar também sobre a linguagem verbal e não verbal.

Questão 4

Peça para os alunos lerem os textos (Texto 1 e Texto 2), primeiramente, em silêncio e, em seguida, peça para alguns alunos lerem em voz alta para a turma. Pergunte se há palavras

que acharam muito estranhas, deixe os alunos falarem sobre o que acharam dos textos. Tente ajudá-los a entender algumas palavras pelo contexto, sem procurar ainda o significado.

Comente sobre a referência da Carta, sobre o autor Marcos Bagno e fale brevemente a biografia deste, como curiosidade.

Leve dicionário para a sala e deixe que os alunos pesquisem o significado de palavras desconhecidas.

Dê um tempo para que os alunos respondam as questões. Se preferir, pode pedir para que eles respondam em grupos.

Pode, também, realizar as atividades do Caderno em outro ambiente da escola: biblioteca, pátio, jardim, laboratório de informática etc.

Corrija com a turma as respostas feitas pelos alunos.

Na reescrita da carta, peça para fazerem em folha separada e faça a correção, escreva comentários sobre a reescrita dos alunos, expondo suas considerações.

Questão 5

Leve um mapa *mundi* e/ou globo terrestre (se a escola tiver) para sala, ou peça auxílio à bibliotecária da escola, e mostre no mapa os países que falam oficialmente a língua portuguesa. Se a escola tiver também projetor de mídia (data show), coloque o mapa projetado para os alunos.

Peça como tarefa (ou se achar pertinente, peça para fazerem na escola) que os alunos pesquisem vídeos em que falantes de língua portuguesa de outros países estejam conversando, dando entrevistas, etc.

Peça para a turma pesquisar palavras com significados diferentes que usamos no Brasil e em Portugal. Deixe, depois, os alunos mostrarem o que acharam nas pesquisas. Peça para escreverem sobre a pesquisa no caderno de Língua Portuguesa, dê um “visto”, se preferir, e solicite a fonte da pesquisa (qual site, livro, ano de publicação, pág, etc).

Questão 6

Comente sobre as diferenças nas formas verbais (gerúndio e infinitivo) entre Portugal e Brasil, escreva no quadro, peça outros exemplos de frases para os alunos.

Mostre vídeos de entrevistas do jogador Cristiano Ronaldo, no *youtube*, ou proponha que os alunos escutem em casa ou no laboratório de informática da escola, caso possua um. Peça para os alunos comentarem o que acharam do português utilizado pelo jogador.

Passe outros exemplos de variações morfológicas e lexicais no quadro para os alunos anotarem em seus cadernos. Ou peça, como tarefa, para os alunos darem/pesquisarem alguns exemplos dessas variações. Se optar pela tarefa, discuta sobre as respostas dadas pelos alunos.

Questão 7

Nesta questão, você pode propor que os alunos gravem falas espontâneas de seus familiares ou amigos e analisem se eles usam algumas formas de falar usadas na fala da mulher entrevistada e comentem depois o que acharam de variações usadas nas gravações.

Se puder, leia o livro “A língua de Eulália” sugerido no Caderno, leve o livro para os alunos verem. Comente sobre ele. Você também pode ler uma resenha do livro para os alunos. Aproveite a oportunidade e comente sobre o gênero “resenha”.

Questão 8

Pergunte se os alunos conhecem algum poema de Manuel Bandeira, conte ou passe no quadro um pouco sobre a biografia do poeta. Dê sugestões de leitura de outros poemas do mesmo autor; peça, como tarefa, para os alunos copiarem no caderno outro poema de Manuel Bandeira. Na próxima aula, os alunos podem ler para a turma o poema que copiaram.

Peça para pesquisarem no dicionário ou na internet as palavras desconhecidas do poema e anotarem no caderno, as palavras *lusíada*, *sintaxe*, *macaquear*, por exemplo.

Conduza os alunos na reflexão sobre o “nós” usado no texto. Trata-se dos escritores? Dos falantes cultos, letrados?

Questão 9

Após a leitura das tirinhas (leitura feita pelo professor), pergunte o que os alunos entenderam, o que acharam.

Na letra “d” da questão, peça para os alunos lerem na frente da sala ou até mesmo encenarem o diálogo.

Faça um comentário também sobre a questão do preconceito linguístico, do quanto é desagradável, humilhante e feia tal prática. Peça para os alunos evitarem esse tipo de atitude e para orientarem seus familiares e amigos sobre essa prática muito presente em nossa sociedade. Pode perguntar, também, se alguém da turma já sofreu esse preconceito, se gostaria de contar como foi.

Questão 10

Escolha ou peça a voluntários para lerem as tirinhas. Cada aluno interpreta um personagem da tirinha. Pergunte o que os alunos entenderam de cada tirinha, qual o fato engraçado de cada uma delas.

Sobre a questão pronominal trabalhada nesta questão, retome o poema “Pronominais”, de Oswald de Andrade, usado na questão 2. Peça para os alunos darem mais exemplos de construções sintáticas diferentes. Pergunte a eles qual forma preferem ao usar os pronomes pessoais.

Questão 11

Leia a fala do surfista para os alunos e pergunte o que eles entenderam. Comente sobre o uso da mesóclise e leve os alunos a refletirem se essa construção é muito usada atualmente e quais outras poderiam substituir a mesóclise, utilizando o mesmo verbo e o mesmo pronome.

Pergunte se eles conhecem algum surfista, se já surfaram, se conhecem alguma gíria usada pelos surfistas. Peça para lerem para a turma a sugestão de reescrita solicitada na alternativa “b”

Sobre a variação estilística, dê outros exemplos para os alunos ou peça para eles comentarem quando ela é usada: em uma entrevista de emprego, por exemplo, na escrita de uma carta para alguém importante, etc.

Questão 12

Após os alunos responderem as questões, é bom que se faça uma revisão oralmente, retomando os conceitos apresentados nos balões de conversa do Caderno de Atividades. Pode ser dada uma pontuação extra (para estimular a participação, se preciso) para os alunos que acertarem a definição dos conceitos aprendidos. Peça exemplos também.

Monte um Mural Sociolinguístico com os alunos. Cole o que produziram na alternativa “c”. O mural pode ser montado fora da sala de aula também.

Pode ser pedido também que os alunos escrevam no caderno o que acharam das atividades, sugerirem outras atividades para o trabalho com o tema.

Pode ser feita, também, uma exposição dos conhecimentos adquiridos na Feira de Conhecimentos da escola. Os alunos podem fazer cartazes, etc.

REFERÊNCIAS:

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso, por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CYRANKA, L. F. M. Sociolinguística aplicada à educação. In: **Socilinguística, Socilinguísticas**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; NUNES de SOUZA, C. M. N e MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREA, D. A. (org). **A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Por uma pedagogia da variação linguística**. Disponível em: https://variacaolinguistica.files.wordpress.com/2011/06/faraco-por_uma_pedagogia_da_variacao_linguistica1.pdf Acesso em: 12/07/2017.

MARINE, T. C; BARBOSA, J. B. Em busca de um Ensino Sociolinguístico de Língua Portuguesa no Brasil. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 19/1, p. 185-215, jun. 2016.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press: 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]

ZILLES, A. M. S; FARACO, C. A. **Pedagogia da variação linguística. Língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ANEXO A



Uberaba, 06 de abril de 2017.

À Direção da Escola

Assunto: SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA

Solicito autorização da direção desta escola para que **Daiana Lombardi de Cuba**, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), colete dados, nesta unidade escolar, para a sua pesquisa de Mestrado, desenvolvida sob a minha orientação. Ressalto que o nome da escola e todos os participantes da pesquisa não terão seus nomes divulgados, serão tratados por letras ou números.

Caso a autorização seja deferida, solicito, respeitosamente, que, neste documento, seja assinalado o resultado (abaixo) e conste o carimbo e a assinatura do responsável pela unidade escolar.

Contamos com o apoio da direção da escola e coloco-me a disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente.

PROFA. DRA. JULIANA BERTUCCI BARBOSA
Professora do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS)
Orientadora do Projeto

Resultado:

deferido

indeferido

Assinatura e carimbo do responsável pela unidade escolar:

Data da autorização: 06/04/17

Obs: Por questões éticas, o nome da escola, assinatura do diretor e carimbo da escola foram omitidos por uma tarja branca.

ANEXO B**Transcrição das falas avaliadas pelos alunos no Teste de Atitudes****Entrevista 1 (masculino, 55 anos, fundamental incompleto)**

- Então foi isso, né? Gostava d'joga bola, nadá.
- Jogar bola com os amigos?
- É.
- Jogava aonde?
- Jogava pert'di casa. Lá pert'di casa quase nu-num tinha camp'ai no e..eu... eu... eus colega nosso, um pegava uma foice, um trem, um'exada, fizemu o campo..
- Fizer'o gol?
- Fizer'o gol. Aquelas trava di pau ainda porque antigamente era... era muit'difícil né?
- E arrumar'uma bola?
- Arrumar'uma bola lá.
- E era o dia inteiro?
- Era cedo até di noite. Eu estudava di manhã depois'a tardi nois jogava bola.
- Com os colegas da escola também.
- É.
- Os vizim? A rua era asfaltada, a rua?
- Não era nada, era tudo terra
- Hum...
- E nadá tamém. Ia lá pru lagiado[?] nadava.
- Cê não tinha medo não?
- Não. 'Que antigamenti... antigamenti num tinha nada, né?
- Não tinha muita coisa pra fazê, né?
- Não. Televisão tamém eu... eu gostava muito televisão. Antigamenti... atigamenti a gent'ia na casa dos'oto porque a... era... era pouca gente que tinha televisão.
- Uhum, é verdade.

- Mas eu gostava maih daqueli tempo do que di hoje. Não troco por dinheiro nenhum.
- 'Cê tem saudade?
- Tenho.
- E 'cê assistia o quê na televisão?
- Ah, eu assistia Tarzan, Zorro...
- Filme, mais filme?
- Filme, mais filme.
- Futebol, não?
- Não, futibol também, né?
- Novela?
- Novela.. eh... com'ê que chama? eh... Chacrinha
- Hum... os programas de tv.
- Programa também di comédia, né? Os trapalhões e...
- Hum...
- É iss'aí.
- E... e teve algum fato da sua infância que marcou você ou não? Alguma coisa que 'ce lembra, que 'cê qué contá...?
- Eh... eu lembro só coisa boa, né?
- É... então, coisa boa. Pode ser coisa boa.
- É...
- Não tem nada assim que 'cê qué falá?
- Não. Muitas coisa que a gente nem lembra direito, né?
- Mas... é... e... 'cê falou que gostava de nadá no, no córrego. 'Cê não tem medo não, 'cê sabe nada?
- Noi não sabia não, mai antigamente tinha que aprendê.
- 'Cê ia pro correjo sem sabê nada?
- Era. Aqui no curtumi, tamém aqui. Nois ia mais só pra fazê farra, né?

- Só pra refrescá, nem...
- É.
- Nem nadava mesmo?
- Não.
- E 'cê ia com os colegas do futebol tamém, com a família, com'é que é?
- Não, com a família não.
- Era mais com os amigos
- É
- hum... que bom. Qué falá mais alguma coisa?
- Uhm... ah minha vida, minha infancia foi iss'ai. Os bailes tamém, aquelas brincadeira em casa.
- Os bailes? de dança? como é que era? de dança? Pode descrever?
- E de dança, brincadeira em casa. A gente ia na casa dum, na casa d'otro. Hoje não tem mais, né?
- Como é que era esses bailes? Chamava pra ir na casa, levava alguma coisa ou não?
- Não. Dia de sábado e domingo usa[???] a sonata lá e dançava.
- Sonata é a música?
- É a música antigamente.
- De disco?
- É. E era vinil ainda.
- E você dançava com as moças? como é que era?
- Dançava
- Dançava só junto?
- Junto, solto.
- Tinha vários estilos?
- É. Clube tinha pouco aqui, né?
- E era mais assim... elitizado, não era? Era difícil nos clubes?

- É, era mai difícil. Tinha poucos clube.
- E era na casa de conhecidos?
- Era. Conhecido, desconhecido tamém. Onde... Onde noi baxava noi entrava.
- Igual penetra?
- É.
- Onde tava tendo uma festa, entrava?
- Que's casamento lá só tinha pãozin e... e ponche.
- Ponche é bebida?
- É uma bebida lá. Maçã com... pinga com...
- Tinha alcool então?
- Tinha.
- Então era festa de casamento, era alguma comemoração?
- Era festa de casamento que tinha isso... o... o tradicional mesmo era ponche e pãozinho porque antigamente não tinha dinheiro pra fazer churrasco nem nada.
- Paozinho com patê? Como é que era?
- É pão com carne moída queles...
- Ah... com recheio. Ah, legal. O que mais você aprontava?
- E televisão tamém. Eu assistia televisão na casa dos'otro eu gostava mais, passava mais uns filme de terror.
- Você gostava?
- Eu era pequeno. Depoi... eu... eu assistia, quando dava dez, onze hora saia correndo do... naquela escuridão porque tinha que atravessar u'a... é coisa di mininu, né?
- 'Cê tinha medo então e assistia de noite?
- Eu ia mas onze hora, meia noite eu vortava correno.
- Com medo, né?
- Não tinha nada'vê, né?
- E cê voltava sozinho pra casa?

- Não, era perto. Não era muito longe não.
- Nossa!
- Chegava rebentano quase cortano o peito... aqueles... aqueles portão di lata. Mais pra mim foi bão demais.
- Cê lembra de algum filme de terror assim de terror que cê ficou com muito medo?
- Não. Nome assim não. Eu gostava mais era do Drácula.
- Do dracula?
- Assistia.
- Ah, que legal. Nossa... legal. Isso ai, quê mais? Bola, filme, rio...
- É isso ai mesmo.
- Viajava? Não, né?
- Não. Viajava não.
- Era mais difícil.
- Viajar agora, depois di quarenta ano.
- Muito bom. É isso então.
- Naqueli tempo era bom demais, viu?.
- Melhor do que hoje?
- Só... tinha... tinh'as dificuldade, né?
- Hum?
- Atigamente pru'cê comê um frango era... era só dia de domingo.
- Entendi.
- Era... tinha umas passagem ruim, mais era bão.
- Em termos de divertimento era melhor.
- Divertimento, amizade, né? 'Cê podia sair daqui ir lá embaixo n'abadia ninguém..., três, quatro horas da manhã... ninguém te...
- Não tinha perigo.
- Não tinha perigo de nada.

- É verdade.
- As boiada passava tamém passava lá nas pracinha lá. As boiada que vinha, ia lá pra Goias passava lá, parava lá.
- Hum... que bom... cê andava em boi... ou na vaca, cavalo?
- Não, só oiava só.
- Não mexia não?
- Não, nunca mexi cum nada di cavalo não.
- E as amizades da infância cê ainda tem alguns, ou não?
- Tem.
- Que bom... mais alguma coisa?
- Não. 'S'ai só.
- Tá bom, obrigada.

Entrevista 2 (feminino, ensino fundamental incompleto, 80)

- Como foi a infância da senhora?
- Bom, hoje eu estou com oitenta anos, a minha infância foi maravilhosa, as brincadeiras di antigamente eram boas. Nós subíamos nas árvi, nós andava de bicicleta, andava à cavalo, nadava nos córguinho, andava na enxurrada, brincava di casinha, di cumidinha, bincava di pique-escondê, di rodinha. Era... foi muito boa a minha infância.
- E a sinhora nrincava com quem?
- EU brincava cá's minhas sobrinhas. Só minhas sobrinhas. Antigamente a genti num tinha colega, era só mesmo da família. As pessoas da minha família qui brincava com a gente. Mas era muito bom, nós subíamos no ôcalipitu, chegava lá na pontinha nós [...] assim jogava o corpo e caía e falava assim: estamus andando di paraqueda. Era bom demais. E agora, hoje mudou tudo, mas antigamente foi muito bom.
- A senhora sente saudade?
- Tenho muitas saudades do tempo antigo. E foi, era muito bom, hoje é... os dia de hoje pra mim não vale nada. É só o antigo mesmo que... que era bom.
- E tem alguma coisa assim na infância, algum fato que aconteceu bom ou rum que a senhora lembra, que marcou a senhora?
- Todos aconteceu, os fatos que aconteceu comigo eu estudava então eu via minhas colegas todas fala "meu pai vem na reunião" eu falava "o meu pai não pode vir porque tá viajanto", mas é porque eu tinha seis meses de idade quando meu pai morreu. Então eu tinha assim, eu via as menina fala e eu queria fala tamém, mas eu não podia fala que ele tinha murrido eu falava "meu pai tá viajanu".
- E elas acreditavam?
- Acreditavam, acreditavam. A professora não, a professora sabia que...
- Mas não falava nada?

- Não falava nada também. Ela via eu fala, ela tinha até dó de mim. Eu era muito magrinha, o cabelo cumprido, muito miúdinha, então ela ficava com dó de mim porque eu era muito levada. Fui levada dimai dá conta
- A senhora fazia muita arte?
- Muita arte. Nós andava num cavalo... era uma égua, que chamava, a égua lá da mamãe e mais meus irmãos, ela chamava boneca. Então nós montava nela e passava dibaxo das árvi. Quando os galho era baxo, nós pindurava na árvi e deixava a Boneca ir pá frente, que era nossa cavalo.
- E a senhora não tinha medo de cair?
- Num tinha medo de nada, nois num tinha medo de nada, antigamente nós não tinha medo de nada. Era bom dimais, foi muito bom minha infância.
- A mãe da senhora era brava com a senhora?
- A minha mãe era muito severa. Não deixava a gente sair de casa de jeito nenhum.
- Era difícil.
- Era muito difícil. Portanto que quando eu comecei namorar, a minha mãe ficava na sala e meu namorado gostava dimais de café. Então minha mãe falava assim, ela era italiana e falava "va far lu'caffé p'Isvaldo". Isvardo é foi é o meu marido, que eu vivi casada com ele cinquenta e três anos e meio. Ela já faleceu tem oito anos, mais não num tem tristeza do meu tempo passado porque a vida foi muito boa. Foi uma família grande de treze irmãos. Hoje eu tenho só mais um irmãos, mas tô feliz porque eu ainda tenho ele. Tenho muita fé em deus e vou vivendo
- A senhora senhora falou que era levada, a mãe da senhora batia na senhora...?
- Não. Mamãe não batia, ela só zangava, só olhava, olhava com, cá cara feia e a gente saia de perto, correnu. Sabia que ela já tava brava com aquilo que a gente tava fazenu. Mas subia nas manguera, panhava manga, e chupava jabuticaba igual passarinho. Era bom dimais. A minha infância foi maravilhosa. Não tem nada a recriamar. Até hoje não tenho nada a recriamar da minha vida.
- Brigada, tá?

Entrevista 3 (masculino, 25 anos, superior completo)

- Bom a minha... grande parti da minha infância eu passei nu'a cidade chamada Joviania, em Goiais. Té os meus onze anos eu... eu vivi nessa cidade, minha cidade natal. E... é u'ã cidade muito pequena, Cinco, seis mil habitante. Então tinha que tê muita criatividade pra... pra inventa, pra fazê as coisas, pra... pra arrumá algo... pra fazê de divertido, né? Então, a grande parti é... eu passei com a familia da minha mãe, né?, meus primos maternos então a minha recordação é praticamente cem por cento deles. É... nas brincadeiras, na... na... jogano beti na rua. Achando que... que a gente era Tarzam no meio da selva. Porque na minha é um quintal lá bem grande mesmo de terra, terreiro mesmo. então era muito bacana brinca, suja assim então foi muito legal é... diverti. Porém minha mãe nem sempre dexava, minha mãe era bem rígida assim, então as raras vezes que eu ia pros meus primos era pra... era pra fazê o regasso mesmo. A gente ia curti muito, curtia muito mesmo então foi muito legal essa parte ai da minha infância. E... e... teve u'ã época que eu fiz um cadastro num clube lá. E eu ia todo dia pra esse clube, eu chegava da escola, almoçava, dava uma hora depois do almoço, eu ia pra esse clube de bicicleta, encontrar os amigos lá pá... pá joga futebol, futebol de areia, futebol de campo, corrê, brincadeira assim na piscina mesmo. O que eu lembro muito bem era um... um brincadeira legal que chamava "três passo", e tinha que dá três passo assim e sair correno e tinha alguem que vinha pegando assim a galera era muito legal mesmo nó mui divertido, muito boa, muito boa as lembranças.

Quando eu mudei pra... pra Goiatuba com onze anos, então é uma cidade um pouco maior de... de quarenta mil habitantes então, é muita coisa de, uã coisa caiu assim eu, eu tive mais contato com a família do meu pai, né? O filho do meu irmão, meu sobrinho também com mesmo nome que o meu. A gente brincá, ai eu brinquei mais assim de... de videogame, ganhei videogame em casa, passava mais tempo mais era em casa mesmo. Então acho foi isso até eu me mudá pra Goiânia pra começá a estudá. Obrigado.

Entrevista 4 (feminino, ensino superior completo, 29 anos)

Oi, vou falar um pouco da minha infância. Eu posso dizer que tive uma infância boa, bem feliz e com muitas lembranças boas. Uma das principais lembranças que eu tenho era das brincadeira em família, com os primos. Eu sou de uma família bem grande então os primos eram muitos, né? E... uma das melhores lembranças era quando a gente se reunia todo mundo na casa dos nossos avós, domingo, final de semana. Então a gente brincava bastante principalmente quando ia a família toda. Eram muitos brincadeiras sem brinquedo nenhum mesmo. A gente brincava muito de queimada, na rua, roubar bandeirinha. Ou, quando não dava pra brincar na rua, era sempre pique-esconde. Era bem legal mesmo.

Os brinquedos eram muito simples, não tinha nada muito... como é que eu posso dizer? Nada tão caro. Ninguém naquela época podia ter brinquedos caríssimos. E a gente era feliz porque os brinquedos mais simples eram muito mais divertidos. Celular não existia, né? Então a gente se comunicava pessoalmente mesmo.

Lembro também da escola, que... era uma época onde se respeitava bastante os professores. Eu sempre fui uma das mais caladas da sala porque eu tinha muito medo, né? Então não tinha desrespeito... tinha claro, um aluno ou outro que era mais custoso mas era bem diferente do que eu vejo hoje em dia. É... Respeito com pai e mãe, existia bastante também. Pouquinho diferente do que a gente pode ver hoje, né?

Ah.. que mais eu posso dizer? Os passeios em família eram mais frequentes. Eu lembro que final de semana eu e minha irmã nós ficávamos doidas, né? pra chegar um dia a noite pra gente poder sair com nossos pais pra comer um lanche. Coisa que hoje em dia é normal nós fazemos com mais frequência e na minha infância não, e... na minha infância era um dia especial quando a gente saía pra comer um lanche em família. Era muito bom.

E... acho que é isso mesmo. Com certeza foi uma infância bem simples mas eu sinto muita saudade e diferente do que nós podemos ver hoje em dia. É isso.